

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CDPA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas
com a agricultura
Período de Análise: 01 a 30 de Junho de 2008.
Área Temática: Biocombustíveis**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo (pós 15/06/2008)
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da Abag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT

Assistente de Pesquisa: Karina Kato

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....	7
Biodiesel.....	7
Restrita por lei, soja 'safrinha' resiste no Paraná - Patrick Cruz – Valor Econômico – Agronegócios - 09/06/2008	7
Etanol.....	8
O vilão da vez e de sempre - Flávio Aguiar – Agência Carta Maior – 04/06/2008	8
Movimento sindical discute mudanças no setor sucroalcooleiro – Sítio Eletrônico da Contag - 02/06/2008	11
Trabalhadores da cana conseguem avanços na convenção coletiva – Sítio Eletrônico da Contag - 05/06/2008.....	11
CHINESES INVESTEM US\$ 40 BILHÕES PARA PRODUZIR NA ÁFRICA – Folha de São Paulo – Dinheiro – 07/06/2008.....	12
BR vende mais álcool e ganha mercado – Pedro Soares – Folha de São Paulo – Dinheiro – 14/06/2008.....	12
Queimadas da cana incomodam – Luiz Gonzaga Bertelli – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/06/2008.....	14
Álcool volta a cair – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 02/06/2008.....	15
Grupo de Roberto Rodrigues investirá em usina em Minas - Danilo Jorge – Valor Econômico – Agronegócios - 04/06/2008.....	15
Embrapa corre para tornar-se referência em biocombustíveis - Mauro Zanatta – Valor Econômico – Agronegócios - 05/06/2008.....	16
Preço do álcool recua em São Paulo – Valor Econômico – Agronegócios - 09/06/2008.....	18
Infinity lidera corrida por usinas na Jamaica – Valor Econômico – Agronegócios - 13/06/2008.....	19
POLÍTICA DE BIOCOMBUSTÍVEIS	20
Biodiesel.....	20
Aprovados zoneamentos para mamona e girassol – Sítio Eletrônico do MAPA – 11/06/2008	20
Biodiesel.....	20
Lula e os novos missionários - Flávio Aguiar – Agência Carta Maior – 18/06/2008	20
Expansão dos biocombustíveis ameaça pequeno agricultor – Sítio Eletrônico da CPT – 02/06/2008.....	24
Setor sucroalcooleiro é o que mais polui em São Paulo – Sítio Eletrônico da CPT – 02/06/2008.....	24
Órgão relata expansão de cana na Amazônia – Folha de São Paulo – Brasil – 01/06/2008.....	24
Lula entra na guerra mundial do etanol – Clovis Rossi – Folha de São Paulo – Dinheiro – 01/06/2008.....	25
Mudança climática vai afetar geração de energia no NE – Janaina Lage – Folha de São Paulo – Ciência – 02/06/2008.....	27
Geografia da biomassa será redesenhada pelo novo clima – Eduardo Geraque – Folha de São Paulo – Ciência – 02/06/2008.....	29

Potencial da energia eólica cairá até 60% - Janaina Lage – Folha de São Paulo – Ciência – 02/06/2008.....	30
Com vazão menor, produção de hidrelétricas deve cair 2% - Folha de São Paulo – Ciência – 02/06/2008.....	30
Lula culpa especulação pela alta de preços – Clovis Rossi – Folha de São Paulo – Dinheiro – 02/06/2008.....	31
Lula vê "dedo sujo" de petróleo contra etanol – Clovis Rossi – Folha de São Paulo – Dinheiro – 04/06/2008.....	33
Fatos e realidades – Clovis Rossi – Folha de São Paulo – Opinião – 05/06/2008	34
Gás de lixo pode produzir 15% da energia do Brasil – André Lobato – Folha de São Paulo – Ciência – 14/06/2008.....	35
Clima ameaça potencial energético do país - Liana Melo – O Globo – Economia – 02/06/2008.....	36
Sem fundamento - O Globo – Opinião – Editorial – 08/06/2008.....	38
Uma nota só – Adriano Campolina – O Globo – Opinião – Editorial – 08/06/2008 ..	39
A energia limpa que vem das usinas térmicas - Tulio Brandão – O Globo – O Rio – 08/06/2008.....	39
Presidente critica países que responsabilizam o etanol pela crise dos alimentos – Sítio Eletrônico do MAPA – 03/06/2008	41
Delfim Netto defende programa brasileiro de biocombustível na Embrapa – Sítio Eletrônico do MAPA – 06/06/2008.....	42
Estudo investiga efeitos do aquecimento - Chico Santos – Valor Econômico – Brasil - 02/06/2008.....	42
Lula vai a Roma defender etanol em reunião da ONU - Assis Moreira – Valor Econômico – Internacional –02/06/2008.....	43
Presidente exhibe 'carro verde' e estudo do Inmetro – Valor Econômico – Internacional - 02/06/2008.....	45
RELAÇÕES INTERNACIONAIS	46
Etanol	46
Zoellick quer fim de barreira a álcool do Brasil – Folha de São Paulo - Dinheiro – 04/06/2008.....	46
País quer quebrar patente de energia limpa – Renate Krieger – Folha de São Paulo – Ciência – 05/06/2008.....	47
Lula não convence o mundo sobre vantagens do álcool – Clovis Rossi - Folha de São Paulo – Dinheiro – 05/06/2008.....	48
O Lobo e o Etanol – Rogério Cezar de Cerqueira Leite – Folha de São Paulo – Opinião – 06/06/2008	50
Cúpula da fome nada propõe contra "situação dramática" – Clovis Rossi – Folha de São Paulo – Dinheiro – 06/06/2008.....	52
Roma frustra "revolução" de Lula – Folha de São Paulo – Dinheiro – 06/06/2008	53
Transição para energia limpa vai custar US\$ 45 trilhões, diz agência – Folha de São Paulo – Brasil – 07/06/2008	54
Uma nova era – Antônio Ermíria de Moraes – Folha de São Paulo – Opinião – 08/06/2008.....	55
G8 pede maior produção e transparência no petróleo – Folha de São Paulo – Dinheiro – 09/06/2008.....	56
Lula diz que será o chato do etanol – O Globo – Capa – 02/06/2008	57

Lula critica Europa e diz que é o chato do etanol - Vera G. de Araújo – O Globo – Economia – 02/06/2008.....	57
ONU e Banco Mundial defendem explicitamente o etanol brasileiro – O Globo – Economia – 04/06/2008.....	58
Lula acusa campanha de 'dedos sujos de óleo' - Deborah Berlinck – O Globo – Economia – 04/06/2008.....	60
Subsídio agrícola e etanol dividem ONU - Deborah Berlinck – O Globo – Economia – 05/06/2008.....	61
Petróleo tem a maior alta da História – O Globo – Economia – 07/06/2008	62
O céu é o limite – O Globo – Economia – 07/06/2008	62
ONU critica países ricos por biocombustíveis e subsídios - Assis Moreira – Valor Econômico – Internacional - 04/06/2008	64
Para OCDE, etanol dos EUA e da UE é distorcivo - Assis Moreira – Valor Econômico – Opinião - 06/06/2008	66

Segunda Quinzena

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....	67
Etanol	67
Ministério Público flagra servidão por dívida em usinas – Sítio Eletrônico do MST – 25/06/2008.....	67
Petrobrás avalia integrar refinarias com biomassa - Mônica Ciarelli – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 24/06/2008.....	67
País deve exportar mais etanol, prevêm usineiros - Wellington Bahnemann – Estado de São Paulo – Economias e Negócios – 24/06/2008.....	68
Biodiesel deixa o diesel R\$ 0,05 mais caro no dia 1º - Nicola Pamplona – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 26/06/2008.....	69
Shell vai investir em etanol de cana-de-açúcar - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 26/06/2008.....	69
Rendimento cai no início da safra de cana – Gitânio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 17/06/2008.....	70
Cosan prevê inaugurar duto de álcool em 4 anos, diz diretor – Folha de São Paulo – Dinheiro – 24/06/2008.....	72
Shell mostra interesse em investir no álcool de cana – Marcelo Ninio – Folha de São Paulo – Dinheiro – 26/06/2008.....	72
Colheita de cana avança, mas produção pode cair – Mônica Scaramuzzo - Valor Econômico – Agronegócios - 17/06/2008.....	73
Governadores do NE se mobilizam pela energia eólica - Daniela Chiaretti – Valor Econômico – Brasil - 17/06/2008.....	74
Demanda fortalece álcool combustível - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 19/06/2008	75
Noble Group investirá US\$ 300 milhões em nova usina de álcool - Vanessa Adachi – Valor Econômico – Agronegócios - 23/06/2008.....	76
Shell ratifica interesse em etanol de cana - Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios - 26/06/2008	77

Participação de multinacionais em açúcar e álcool deve dobrar no país - Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios - 25/06/2008.....	78
Para Coca, biocombustível brasileiro é sustentável – Assis Moreira -Valor Econômico – Agronegócio - 26/06/2008	79
Álcool combustível avança no Nordeste - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 30/06/2008.....	80
POLÍTICA DE BIOCOMBUSTÍVEIS	81
Biodiesel	81
Aumento da adição de biodiesel beneficia agricultura familiar – Sítio Eletrônico do MDA – 17/06/2008.....	81
Etanol	82
Etanol e bioeletricidade, a riqueza da cana - João Camilo Penna e Carlos Roberto Silvestrin – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 21/06/2008.....	82
Exportação faz preço do álcool disparar – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 21/06/2008.....	84
Biólogos buscam na natureza receita do etanol de celulose - Herton Escobar – Estdo de São Paulo – Vida & - 23/06/2008.....	84
'Etanol do Brasil não desmata' - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Vida & - 24/06/2008.....	86
Pecuária: tecnologia faz frente ao canavial - Niza Souza – Estado de São Paulo – Agrícola – 25/06/2008.....	87
Menos pasto, mas com uso intensivo - Niza Souza – Estado de São Paulo – Agrícola – 25/06/2008.....	89
Mundo vai se curvar ao etanol, diz Lula - Célia Froufe – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 30/06/2008.....	90
Economia do setor tem Lula como defensor – Gitânio Fortes – Folha de São Paulo – 17/06/2008.....	91
Para Lula, mundo vai se curvar aos biocombustíveis – Denyse Godoy – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/06/2008.....	92
O etanol é nosso – Cristovam Buarque – O Globo – Opinião – 21/06/2008	92
Na contramão do etanol, prática longe do discurso – Mônica Tavares – O Globo – Economia – 29/06/2008.....	93
RELAÇÕES INTERNACIONAIS	95
Etanol	95
McCain quer se aproximar do Brasil - Patrícia Campos Mello – Estado de São Paulo – Internacional – 15/06/2008.....	95
Açúcar dispara com crise do etanol de milho – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 19/06/2008.....	96
Multinacionais se unem contra o etanol – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 21/06/2008.....	97
FMI dedica estudo a alimentos e combustíveis – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 22/06/2008.....	97

Álcool de bagaço de cana, nos EUA – Estado de São Paulo – Ciência – 23/06/2008	97
Obama, McCain e o Brasil - Paulo Sotero – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 29/06/2008	99
Exportação de álcool supera expectativas – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/06/2008.....	101
EUA, Brasil e UE aceleram "commoditização" do álcool – Folha de São Paulo – Dinheiro – 21/06/2008.....	102
Biocombustíveis trocam um problema por outro – Entrevista com Paul Roberts – Sérgio Dávila – Folha de São Paulo – 23/06/2008.....	103
Lobby do álcool atua em campanha de Obama – Daniel Bergamasco – Folha de São Paulo – Mundo – 24/06/2008	107
Na Opep, Lobão diz que etanol é saída – O Globo – Economia – 23/06/2008	108
Nas asas do biocombustível – O Globo – Economia – 24/06/2008	109
'Temos enorme interesse no Brasil - Entrevista com Fauzi Al Hariri – Graça Magalhães-Ruether - O Globo – Economia – 29/06/2008	110
Lula diz que mundo vai se curvar a biocombustíveis feitos no Brasil – Flávio Freire – O Globo – Economia – 30/06/2008	112
Japão reafirma interesse em parceria na produção do etanol brasileiro – Sítio Eletrônico do MAPA – 18/06/2008.....	112
Apesar das críticas, Europa e EUA importam mais álcool nesta safra - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócio - 26/06/2008.....	113

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Biodiesel

Restrita por lei, soja 'safrinha' resiste no Paraná - Patrick Cruz – Valor Econômico – Agronegócios - 09/06/2008

O cultivo de soja "safrinha", tradicional no Paraná, ganha na safra 2007/08 um tom mais forte de aposta de risco. Os produtores do Estado aceleram o trabalho para concluir a colheita da cultura - que é plantada após a safra de verão - até o fim desta semana. A razão é que o Paraná adotou neste ano o vazio sanitário, ferramenta já usada em outros Estados e que visa ao controle da doença conhecida com ferrugem asiática. Com o vazio, fica proibido o cultivo durante 90 dias. No Paraná, esse prazo começa em 15 de junho.

Mesmo com a apertada janela de cultivo, muitos produtores quiseram arriscar. O preço da soja explica em grande parte essa aposta. O preço médio da saca de 60 quilos no mercado paranaense em maio, por exemplo, foi de R\$ 44,70, segundo o índice Cepea/Esalq, montante 49% superior que a média de maio de 2007, que foi de R\$ 30.

Na safra 2006/07, a área dedicada à soja "safrinha" no Paraná foi de 79,4 mil hectares. Caiu 35% na atual temporada, para 51,7 mil hectares, mas o número é considerado significativo para uma atividade que se imaginava totalmente inviável em virtude do vazio sanitário. "É uma questão de mercado. A soja tem liquidez, e o preço ainda está atrativo", diz Margorete Demarchi, técnica do Departamento de Economia Rural (Deral).

Com a esperada redução de área, estima-se produção de 96 mil toneladas, volume 24% inferior ao desempenho da safrinha de 2006/07. A produtividade, em contrapartida, deve crescer de 1,59 tonelada por hectare para 1,85 tonelada por hectare. Cerca de 10% da soja safrinha paranaense já foi colhida, segundo o Deral. Das plantas ainda no campo, 85% estavam em fase de maturação até a última semana.

Maria Celeste Marcondes, responsável pela área de sanidade de grandes culturas da Secretaria de Agricultura do Paraná, afirma que têm crescido as vendas de herbicidas nas áreas de plantio da soja "safrinha" para uso no dessecamento, medida que acelera o alcance do ponto de colheita.

"Quem mantiver soja no campo vai ser autuado e depois o departamento jurídico decide o que fazer", diz ela. As punições irão de advertências a interdição de propriedade e vedação de crédito.

Tocantins também mantém apostas na soja "safrinha". O Estado tem área similar à da safra anterior, de 18,9 mil hectares. "Em Tocantins, a soja safrinha é basicamente para a produção de sementes e em área inicialmente ocupada pelo arroz", diz Eledon Oliveira, técnico da Conab.

Em outros Estados, a presença de soja "safrinha", se existe, não tem relevância estatística, segundo Flávio França Júnior, analista da Safras & Mercado. Com o preço da soja ainda atrativo, muitos produtores ignoraram a rotação de cultura e plantaram soja "safrinha" onde antes estava a soja de verão. "Não é recomendável, mas o pessoal arrisca", diz.

Etanol

O vilão da vez e de sempre - Flávio Aguiar – Agência Carta Maior – 04/06/2008

O etanol e os biocombustíveis tornaram-se os vilões da vez. Até o ano passado o grande vilão era o petróleo, e sua emanção, o CO₂. Daí vinha o flagelo que, como os quatro cavaleiros do Apocalipse, ia terminar o mundo por volta de 2050. Bastou se desenhar uma alternativa para que um novo vilão surgisse.

*Se você é diferente
O nosso diferente tem um peso semelhante
Diferente semelhante diferente
Se você é semelhante
O nosso semelhante tem um peso diferente
Semelhante diferente semelhante
Tem que tomar cuidado com os perigos da vida
Você que tem as chaves e o segredo da saída
Tem que ter muito carinho e ter muito respeito
Quando eu penso em você é do meu jeito
Mas se eu quero te dar o meu coração e você diz não
Não sei de onde virá a calma
Já não sei de onde virá
A água do mar é o que me lava a alma
Eh, borbulheira
A água das ondas é que me faz flutuar
Flutua, flutua
É minha sua voz
Dança, dança, deixa flutuar a esperança...*

Ricardo Peixe Elétrico

Saiu um artigo excelente no jornal [The Guardian](#) de 28/5/2008 assinado por Jan Rocha sobre o etanol, os biocombustíveis e o Brasil. Por quê excelente? Porque é dos poucos artigos que saíram na imprensa européia procurando ver, de fato, a questão da produção de energia a partir de fontes alternativas que não a fóssil de um outro ponto de vista. “Outro”? Sim, outro, o nosso, o do Brasil.

O etanol e os biocombustíveis tornaram-se os vilões da vez. Até o ano passado o grande vilão era o petróleo, e sua emanção, o CO₂. Daí vinha o flagelo que, como os quatro cavaleiros do Apocalipse, iam terminar o mundo por volta de 2050 (se me lembro bem, pode ser que antes).

Bastou se desenhar uma alternativa concreta, a produção em larga escala de combustível a partir da cana de açúcar, para que um novo vilão surgisse: o etanol, agora misturado inexplicavelmente ao genérico “biocombustível”. Há um novo combustível dessa nova vilania.

Assim como antes era “o planeta”, agora é “a fome”. A fome mundial é alimentada pela desigualdade social, pela falta de empregos, pela falta de distribuição de renda; mas nisso não se mexe. Agora se mexe na questão de preservar florestas para que não se expanda a produção alternativa de energia.

O artigo de Jan Rocha não é desavisado. Pelo contrário, mete o dedo na ferida. Denuncia que o plantio de cana no Brasil é uma das atividades produtivas em que permanecem nossos hábitos herdeiros dos tempos da escravidão e de sua mais-valia corporal, uma das piores explorações que perduram nas Américas Latinas. Assinala que dos flagrantes de trabalho escravo no Brasil (graças à atuação da Polícia Federal e do Ministério do Desenvolvimento Agrário) uma grande parte se deu em plantações de cana. Ou seja, de modo mais lúcido do que a média, aponta que de nada adianta expandir a produção de cana se for para expandir a produção de miséria e exploração que caracteriza a vida brasileira desde a instalação do primeiro engenho no Brasil, por volta de 1532.

Mas ao mesmo tempo assinala que a única solução viável é confiar ao Estado Brasileiro, assim com maiúscula, no seu papel, a inadiável tarefa de criar um selo de reconhecimento de qualidade social na produção, ao lado e inseparável do de qualidade ambiental.

Na colocação do etanol (que se mistura, repito, ao biocombustível, embora sejam conceitos diferentes, falarei disso depois) como o vilão da vez ressoa uma espécie de medo longínquo, que hoje percorre os espinhaços e os sistemas vago-simpáticos (aquele que reage involuntariamente) das nações européias e a dos Estados Unidos. Nações? Sim, nações. Porque o jogo da geopolítica continua a se dar entre nações. Há um medo de que a balança de poder das decisões que afetam os cotidianos e os sistemas de pensamento e consumo se desloquem para o sul, para o leste, para o oeste, para onde for, para outras nações. Nações? Sim, nações. Insisto nessa palavra, nesse conceito que um pensamento desavisadamente (ia escrever babacamente, mas resolvi me conter) auto-proclamado pós-moderno resolveu descartar no mundo acadêmico como impertinente.

No mundo de hoje, com suas contradições e peculiaridades há uma emergência gigantesca de nações. Algo como só se viu talvez no momento em que o choque das placas tectônicas produziu o levantamento dos Andes, bloqueando o braço de mar que unia os futuros oceanos Pacífico e Atlântico e formando a cordilheira e a planície por onde escorreria o rio Amazonas, de tantas controvérsias hoje.

O fantasma que assola o mundo ao norte do Equador e situado entre o Pacífico e o estreito de Istambul é o de uma questão de poder. Se os dois bilhões e alguns milhões de chineses e indianos, juntos com os 700 milhões de latino-americanos, mais os multimilhões de africanos e outros asiáticos resolverem que têm direito a um consumo igual aos dos

européus e norte-americanos, haverá duas hecatombes no planeta, uma com remédio, outra sem.

A com remédio é a de que de fato o nosso planeta não foi construído para a igualdade, mesmo que mitigada, onde uns tenham muito e outros tenham pouco, mas um pouco suficiente para a sua dignidade. Essa se pode mitigar, nem que seja, pela distribuição ou mesmo transferência de renda. O planeta produz grão e proteína carnívora suficiente para se alimentar duas vezes; o que falta é salário, direitos, cidadania.

A outra, sem remédio, é que o epicentro das decisões de poder vai se deslocar, vai deixar as nações do G-8 ou seja lá de que G, para se situar num lugar incerto e não sabido, mas certamente abaixo do Equador e fora do meridiano de Greenwich. E isso parece insuportavelmente ameaçador para o sistema vago-simpático dessas nações do, digamos assim, acidental Ocidente.

O ideal para esse sistema seria que os pobres do mundo não morressem de fome, é claro. Mas que permanecessem fora do círculo das decisões. Que estas permanecessem no âmbito das nações que, por exemplo, estiveram presentes nas grandes divisões do mundo entre as conferências de Berlim (1898) e Potsdam (1945), e que agora as conferências anuais do grupo do G-8 tentam reeditar, se contrapondo a outras instâncias como a ONU. Para essas nações dominantes a ONU foi útil enquanto servia para equilibrar o poder durante a Guerra Fria; passada esta, o jogo é outro. Ou a Rússia é cooptada no G-8, ou virá a ser a grande inimiga, o próximo vilão. De certo modo, o quarto filme de Indiana Jones já anuncia isso: o herói das bugigangas arqueológicas vai enfrentar os soviéticos no tempo ficcional do filme. Mas na realidade de hoje enfrenta a Rússia renascente, com seu poder tão autocrático quanto assustador.

Nesse mundo conturbado, só resta ao Brasil lutar com unhas, dentes, cotoveladas e chuteiras (já que o Brasil não é uma potência militar, e esperemos que nunca seja) para manter sua soberania sobre seu território, inclusive a Amazônia, e sobre sua economia, inclusive a cana de açúcar e os biocombustíveis. Aliás, em tempo, biocombustível é um tipo de combustível renovável, ao contrário do fóssil. O etanol é uma das modalidades do biocombustível.

Ah sim, em tempo. Resta ao Brasil também a inadiável tarefa de erradicar essas manchas cancerígenas de nossa paisagem social, como a exploração dos trabalhadores da cana, a tortura nas delegacias de polícia, a impunidade de colarinhos brancos e de distintivos ou fardas policiais, a inoperância do judiciário, e outras cositas más. Muito más.

Movimento sindical discute mudanças no setor sucroalcooleiro – Site Eletrônico da Contag - 02/06/2008

Representantes da secretaria de Assalariados e Assalariadas Rurais da Contag e de Fetags de vários estados se reuniram na última sexta-feira (30), em Brasília, para finalizar uma proposta que regulamente a expansão do setor sucroalcooleiro.

O documento que será entregue ao governo federal tem como propósito definir estratégias políticas em relação aos impactos no trabalho e na vida dos trabalhadores(as) assalariados(as) rurais no processo de crescimento do setor sucroalcooleiro.

O texto traz uma série de exigências ao governo e ao setor como a construção de políticas públicas que assegurem a elevação da escolaridade, a qualificação e reinserção profissional dos trabalhadores desempregados em virtude da mecanização; a realização do zoneamento agroecológico para a produção de cana-de-açúcar; a definição de prazos para que o setor obtenha a certificação social e ambiental, entre outros.

"A expansão vem trazendo a precarização nas relações de trabalho e, conseqüentemente, tem dificultado a melhoria na qualidade de vida e da renda", afirma o secretário de Assalariados e Assalariadas Rurais da Confederação, Antônio Lucas.

Na próxima sexta-feira, 6 de junho, os dirigentes da Contag e representantes da Fetags se reúnem com o governo para apresentar o documento final sobre o assunto.

Trabalhadores da cana conseguem avanços na convenção coletiva – Site Eletrônico da Contag - 05/06/2008

Trabalhadores e trabalhadoras rurais de Mato Grosso do Sul conquistaram importantes vitórias na convenção coletiva da cana no estado, no fim de maio. Em cinco rodadas de negociação, a categoria conseguiu reajuste de 10% no piso salarial. Assim, o salário passa de R\$ 430,00 para R\$ 473,00. A tabela de produção também foi reajustada, em 6,5%.

De acordo com o presidente da Fetagri/MS, Geraldo Teixeira de Almeida, boa parte das reivindicações foram focadas nas relações de trabalho na área rural do município de Maracajuá, consideradas bastante ruins. "Foi um grande avanço, nós conseguimos sanar a maioria dos problemas, principalmente dos trabalhadores desse município, que eram os que mais sofriam".

Outros resultados importantes da negociação são: a proibição da terceirização do trabalho no meio rural, a retirada da cláusula de hora in intire da relação trabalhista e a obrigatoriedade dos empregadores em fornecer água fria e potável durante o período de trabalho.

Os assalariados e assalariadas rurais também terão acesso às informações diárias da produção e, a cada sete dias, eles receberão um relatório individual de trabalho.

Para o secretário de Assalariados e Assalariadas da Contag, Antônio Lucas, os avanços são resultado da mobilização dos STTRs do estado. "Todos tiveram grande participação nas negociações. O reajuste do salário e da tabela de produção foi importante, e outro avanço é que haverá um automóvel de prontidão nas lavouras, caso haja problemas de saúde com algum trabalhador. São resultados a serem comemorados", afirma.

**Fonte: Comunicação Contag*

CHINESES INVESTEM US\$ 40 BILHÕES PARA PRODUZIR NA ÁFRICA – Folha de São Paulo – Dinheiro – 07/06/2008

A Geocapital, empresa de Macau criada para desenvolver negócios em países de língua portuguesa, vai investir até US\$ 40 bilhões na África, nos próximos dez anos, para produzir biocombustível em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, disse à Agência Lusa Ambrose So, um dos administradores da companhia, Ambrose So.

BR vende mais álcool e ganha mercado – Pedro Soares – Folha de São Paulo – Dinheiro – 14/06/2008

Participação da estatal sobe de 32,3% para 34,6%; presidente da distribuidora admite correção de margem no diesel - Mesmo com margem contida, lucro líquido chega a R\$ 335 milhões no 1º trimestre de 2008, alta de 74% ante o ano passado

Depois de perder mercado ao final de 2005, a BR Distribuidora avançou no primeiro trimestre de 2008 em cima das concorrentes, período no qual dispararam as vendas de álcool -produto com margens menores para as companhias.

A participação de mercado da estatal subiu 32,3% no primeiro trimestre de 2007 para 34,6% em igual período de 2008, disse à Folha José Eduardo Dutra, presidente da subsidiária da Petrobras.

Segundo o executivo, a BR vendeu proporcionalmente mais e abocanhou fatias de mercado das demais distribuidoras, especialmente no diesel. Enquanto as vendas do setor subiram 9,1%, as da BR saltaram 16,7%.

O grande destaque foi o álcool, cujo volume comercializado cresceu 56% no primeiro quadrimestre (dado mais recente disponível pela BR). O produto tem, porém, margens de lucro mais deprimidas. "A margem é bem menor para todo mundo. Vender gasolina é melhor do que vender álcool. O álcool é menos rentável, mas é um problema compartilhado por todas as distribuidoras."

Pelos dados da ANP, divulgados ontem, as vendas totais de álcool subiram 56% de janeiro a abril. As de gasolina aumentaram somente 1,9% no período. Considerando todos os produtos, a alta ficou em 10,4%.

Expansão de ganhos - Mesmo com margens contidas, a BR expandiu seus ganhos no primeiro trimestre. O lucro líquido da estatal no período chegou a R\$ 335 milhões -alta de 74% ante os três primeiros meses de 2007.

Dutra não quis estimar o desempenho do segundo trimestre. Disse, porém, que o efeito do reajuste da gasolina e do diesel a partir de 2 de maio não afetará significativamente o resultado. "Não haverá aumento de margem expressivo. Vai mexer com o faturamento, mas não com o lucro."

Segundo Dutra, a BR repassa para seus preços o mesmo percentual de aumento da Petrobras na refinaria, sem embutir ganho na margem de lucro. O executivo admite, porém, que há "recomposição" de margens no caso do diesel.

"No diesel, às vezes, acontece [aumento de margem], em alguns lugares. É um mercado mais competitivo. Em alguns lugares onde aconteceu guerra de preços, as distribuidoras aproveitaram, de modo geral, para recuperar margem. Mas acaba sendo um efeito localizado e imediato. Depois, volta à situação anterior. Em última instância, o que define a margem é a competição."

Álcool e concorrência - Para Dutra, a expansão do mercado de álcool é uma realidade sem volta. O mercado, diz, cresce na esteira da maior comercialização do carro flex, do preço menor do biocombustível e da "legalização" de uma parte importante do volume de álcool negociado que antes era sonogado.

Entre as vantagens do álcool, citou a redução da diferença em relação ao preço da gasolina. Em 2007, o produto correspondia a 63% do valor do derivado de petróleo. Neste ano, o percentual baixou para 58%. Torna-se vantajoso abastecer com álcool a partir de uma relação de 70% do preço da gasolina.

Apesar dos avanços, diz, as irregularidades no mercado de álcool ainda são elevadas e devem ser combatidas. O Sindicom, sindicato do setor, estima a sonegação no setor em R\$ 1,6 bilhão ao ano.

Neste ano, a Petrobras viu a Esso ser vendida à estreante Cosan, até então focada na produção sucroalcooleira. O movimento não assusta, porém, o presidente da BR, que não espera queda significativa do preço do álcool com a possível verticalização da concorrente.

"Os usineiros sempre acharam que a distribuição era um maná, um negócios dos deuses. A entrada deles no negócio vai servir para perceberem que não é bem assim. É um mercado disputado gota a gota e com margens muito pequenas. Vai ser positiva [a entrada da Cosan] do ponto de vista de regularização do mercado."

Dutra disse ainda que as competição no álcool é mais acirrada, pois as distribuidoras de bandeira branca têm participação maior nesse produto do que nos derivados de petróleo.

Queimadas da cana incomodam – Luiz Gonzaga Bertelli – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/06/2008

REITERADAMENTE , organismos internacionais têm criticado a queima da palha da cana-de-açúcar em nosso país. As denúncias acontecem quando a cana ultrapassa a energia hidráulica como fonte de energia da nação. Dados recentes comprovam que, para a expansão do vegetal, há terra disponível, e outras culturas não serão atingidas. Ademais, a cana não é invasora de terras cultivadas, e as áreas de plantio estão muito distantes da região amazônica.

O processo de produção da cana, do açúcar e do álcool no Brasil é comprovadamente intensivo na absorção de mão-de-obra, especialmente quando da colheita. Tradicionalmente, a fim de facilitar o corte da cana, é efetuada a queima da palha, inclusive diante das exigências dos trabalhadores agrícolas nas convenções coletivas.

Em 2002, o governo paulista fixou prazos para a erradicação da queima: 2021 (áreas mecanizáveis) e 2031 (áreas não mecanizáveis). O protocolo prevê a demarcação das áreas produtoras, a proteção das nascentes, a redução do consumo de água, além de boas práticas trabalhistas e sociais.

As indústrias sucroalcooleiras que aderirem à determinação governamental receberão um selo ambiental, o que servirá de credencial para a futura comercialização do álcool fabricado. São conhecidos os efeitos indesejáveis da queima da palha nas redes elétricas, nas rodovias, nas reservas florestais e na produção dos particulados. A palha da cana seca possui 45% de carbono. Ao ser queimada, vira CO₂, que vai para a atmosfera, contribuindo para o aquecimento global.

No que concerne às repercussões na geração de empregos no setor canavieiro (cerca de 1 milhão de pessoas, sendo 80% na área agrícola), haverá sérios impactos sociais, com a substituição de um grande contingente de cortadores de cana pelas máquinas. A questão é complexa, quando o Brasil já apresenta uma das maiores taxas de desempregados do mundo, especialmente entre os jovens.

Hoje, com exceção da soja, a cana é a que mais bem remunera os trabalhadores da agricultura. Consoante as avaliações do CTC (Centro de Tecnologia Canavieira), com a total mecanização das lavouras canavieiras no Estado de São Paulo, haverá a forçosa redução de 165 mil empregos em relação ao atual sistema de corte manual.

Na safra em curso (2008/9), mais de 40% da área de cana do Estado paulista já utiliza modernas máquinas colhedoras. Dessa forma, quando a colheita é estimada em 500 milhões de toneladas de cana, com crescimento de 16% sobre a safra anterior, em torno de 200 milhões serão recolhidos pelas máquinas. É difícil prever como será recolocada a mão-de-obra canavieira, devido ao seu baixo nível de capacitação. Daí, a imprescindibilidade de políticas governamentais, voltadas ao setor da agroindústria, a fim de que não tenhamos graves problemas sociais, decorrentes da substituição humana pela mecanização.

As vendas de máquinas de cortar cana bateram recorde no ano de 2007, com 645 unidades comercializadas -aumento de mais de 100% em relação ao período de 2006.

Dessa forma, a frota brasileira de colhedoras de cana eleva-se para 2.263 unidades, sendo que a grande maioria opera no centro-sul. Os investimentos financeiros na compra das colheitadeiras é considerado, ainda, muito alto para a atividade canavieira e não há a pronta entrega das máquinas pelos fabricantes.

**LUIZ GONZAGA BERTELLI , 73, jornalista e advogado, é diretor dos departamentos de Infra-Estrutura e Meio Ambiente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), membro dos conselhos superiores de Energia e do Agronegócio, e presidente-executivo do Ciee (Centro de Integração Empresa-Escola) e da Academia Paulista de História.*

Álcool volta a cair – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 02/06/2008

Os preços do álcool voltaram a cair na semana passada em São Paulo. Sem contar os impostos, o litro do anidro (misturado à gasolina) vendido pelas usinas às distribuidoras recuou 2,46% em relação à semana anterior, para R\$ 0,8018. Já o litro do hidratado (usado diretamente nos tanques dos veículos) registrou variação negativa de 3,16%, para R\$ 0,6392.

Grupo de Roberto Rodrigues investirá em usina em Minas - Danilo Jorge – Valor Econômico – Agronegócios - 04/06/2008

No mesmo dia em que a produção brasileira de etanol ocupa lugar de destaque na agenda de discussões da conferência mundial da FAO, o braço da Organização das Nações Unidas (ONU) para agricultura e a alimentação, dois grandes projetos para a produção de álcool foram anunciados ontem no Brasil, com investimentos superiores a R\$ 1 bilhão. Um deles será tocado pela Agroerg, empresa capitaneada pelo ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues e um grupo de fundos estrangeiros.

"O mundo se debate numa discussão ridícula, porque a cana-de-açúcar não disputa espaço com os alimentos", afirmou Rodrigues em solenidade realizada ontem no Palácio da Liberdade, sede do governo de Minas Gerais. A Agroerg vai investir R\$ 484,6 milhões na construção de uma usina com capacidade de moagem de 2,5 milhões de toneladas de cana para produzir 207 milhões de litros de álcool por ano.

A planta industrial, que será erguida em Centralina, no Triângulo Mineiro, será apta a produzir ainda 45 megawatts (MW) de energia. As operações de moagem começam em 2011 e a previsão é de que, a partir de 2013, quando a usina estiver funcionando à plena capacidade, as receitas da empresa superem os R\$ 305 milhões ao ano.

A Agroerg foi constituída em 2007, a partir da união de Rodrigues com um grupo de fundos de investimentos estrangeiros. "Estamos entrando no negócio com gente do

ramo, que tem agronomia no sangue", afirmou o ex-ministro, sem revelar o nome dos fundos. Os investimentos, segundo ele, serão bancados com recursos próprios e financiamentos propiciados pelo Banco do Brasil, BNDES e Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), além de aporte dos fundos estrangeiros.

A outra usina será implantada em João Pinheiro, município localizado no noroeste de Minas Gerais, pela Bionergética Vale do Paracatú (Bevap). Estão sendo investidos R\$ 575,15 milhões na nova unidade, que terá capacidade de moagem de 3 milhões de toneladas de cana e produção de 258,5 milhões de litros de álcool ao ano. Os primeiros 845 mil hectares já começaram a ser plantados, demonstrando alta produtividade, segundo Márcio Diniz, presidente da empresa. "Atingimos, nessa fase, 142 toneladas por hectare", disse o executivo. Em cinco anos, essa área chegará a 36 mil hectares. "Vamos ter um usina com 100% de mecanização e irrigação", afirmou.

A usina, que entra em operação no ano que vem, estará apta a produzir também 80 MW de energia. Desse total, 60 MW vão suprir as necessidades da própria unidade industrial e o restante será vendido ao mercado. "Já conseguimos fechar contratos de fornecimento de cerca de 30% dessa carga, a um preço de R\$ 180 o megawatt", comentou Diniz.

Os planos da Bevap são de ampliar essa capacidade de produção de energia, elevando o potencial para 110 MW, assim que a usina estiver em pleno funcionamento. Segundo Diniz, 20% dos investimentos são em recursos próprios e o restante será financiado por BB, BNDES, Caixa Econômica Federal e BDMG. A expectativa é que o faturamento anual da Bevap alcance R\$ 266 milhões.

Embrapa corre para tornar-se referência em biocombustíveis - Mauro Zanatta – Valor Econômico – Agronegócios - 05/06/2008

Criado há dois anos, o centro da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) dedicado ao estudo de novas fontes renováveis de energia ainda não tem sede própria, conta com uma equipe reduzida e briga para garantir seu quinhão nos disputados recursos orçamentários da estatal.

Tantas limitações, porém, não impedem a Embrapa Agroenergia, caçula da rede de 38 unidades da empresa, de consolidar suas apostas estratégicas e científicas com o objetivo de dominar a tecnologia de novas matérias-primas dos biocombustíveis do futuro no Brasil.

Em meio ao intenso jogo político internacional em torno dos biocombustíveis, a Embrapa pretende, com suas pesquisas, elevar o status de referência na agropecuária para transformar-se em modelo industrial. Para isso, investe em novos materiais de primeira geração para a fabricação de um etanol mais barato e produtivo.

A estatal também reforça a aposta em um biocombustível brasileiro de segunda geração, feito a partir de celulose e "construído" com conhecimento novo e parcerias estratégicas. Assim como faz com a Embrapa Internacional, cuja atuação espalha-se pelo mundo, o plano da empresa é acelerar as pesquisas para alavancar no exterior os negócios de indústrias, equipamentos, processos e serviços genuinamente brasileiros.

Na área de desenvolvimento de novas matérias-primas, o principal trunfo da Embrapa Agroenergia é o domínio tecnológico do sorgo sacarino. Gramínea de alta capacidade de captação de energia, comparável à cana-de-açúcar, este tipo de sorgo adapta-

se em várias regiões, tolera seca e tem alto potencial para ser cultivado em áreas marginais da cana.

"O sorgo produz 85 toneladas por hectare [produtividade similar à da cana], mas leva apenas 140 dias para ser colhido, enquanto a cana demora entre 12 e 18 meses para o primeiro corte", diz o chefe-geral da Embrapa Agroenergia, o agrônomo mineiro Frederico Durães.

Mais do que uma matéria-prima perfeita para o etanol, o sorgo também pode ser usado como ração para o gado. Fácil de armazenar, produz entre duas e três toneladas de massa seca por hectare. O novo produto encurta o caminho para etanol de celulose, algo que está no topo da agenda dos grandes consumidores, como Estados Unidos e Europa. "O sorgo produz 70% da sacarose da cana e metade da lignina [substância que dá consistência à madeira], o que exige menos energia para quebrar as cadeias de carbono e transformá-lo em etanol", explica Durães. Quer dizer, é mais fácil extrair etanol de celulose a partir deste material.

A Embrapa já tem quatro variedades brasileiras com avançado domínio tecnológico. "É só difundir os materiais", diz o pesquisador. O capim-elefante, muito comum em várias partes no país, também pode ser usado para produção de massa seca no regime de co-geração de energia, diz Durães.

Nos planos da Embrapa, estão as pesquisas para melhorar a cana-de-açúcar por meio da fixação biológica de nitrogênio. Isso eliminaria a demanda de 70% de derivados de petróleo e significaria mais lucros, porque há uma redução de 30% nos custos de produção já no primeiro ano. "Não vamos reinventar a roda, mas arredondar o que está quadrado", afirma o chefe-adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento, o engenheiro de alimentos Esdras Sundfeld. Para superar o desafio, a estatal trabalha em uma rede de 42 centros e 200 cientistas da casa e de outras unidades de pesquisa.

Para os biocombustíveis de segunda geração, a estratégia é usar as chamadas "variabilidades genéticas" exclusivas do Brasil. Ou seja, buscar o potencial natural com métodos já dominados. Até 2011, a Embrapa terá um tipo de cana com sacarose nas "ponteiros" da planta, o que significa acrescentar energia em mais um terço da gramínea. "Será uma revolução feita à base de genética fisiológica e bioquímica via melhoramento convencional não-transgênico", aposta Durães.

É uma tecnologia dominada pela Embrapa há tempos, mas guardada a sete chaves nos laboratórios da empresa. "Precisamos ter cuidado para não trocar recurso natural bruto, a nossa biodiversidade, por processos ou ferramentas tecnológicas importadas que podemos dominar", afirma Esdras Sundfeld. Mas ainda falta a densidade científica e a catalisação das competências espalhadas nas diversas unidades da Embrapa. "Trabalhamos agora nisso".

A estratégia da Embrapa também inclui os pólos produtores de etanol de cana. Frederico Durães aposta na região de Araçatuba, no interior de São Paulo. As áreas de pastagem, hoje com baixa capacidade de suporte, devem avançar.

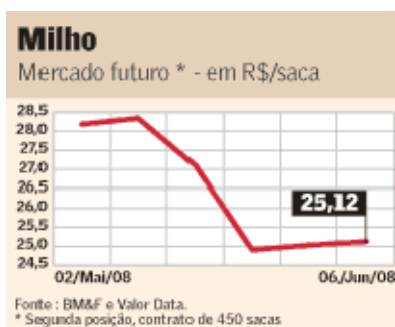
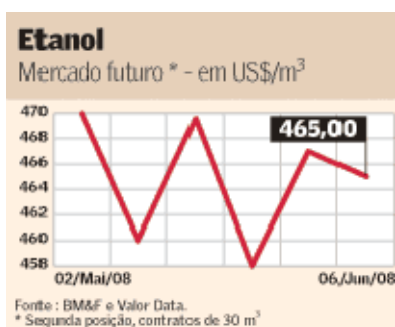
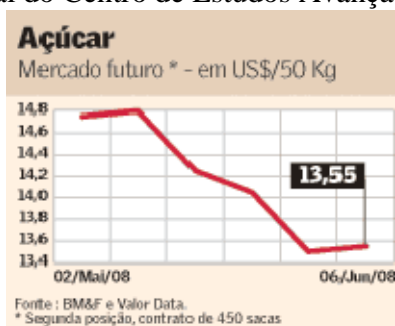
O pesquisador estima que a lotação dos pastos saltará das atuais seis para até 14 cabeças por hectare em cinco anos. Conforme ele, a região de Ribeirão Preto, principal pólo sucroalcooleiro paulista, brasileiro e mundial terá que mudar de perfil em razão da mecanização expressiva e a urgência da certificação ecológica da produção.

Também há espaço para ganhos de logística no auto-consumo. No Rio Grande do Sul, onde há 25 mil hectares plantados, algumas regiões podem produzir até 130 toneladas por hectare, acima da média nacional, que varia de 80 a 85. "Hoje, eles importam tudo de São Paulo, mas podem se abastecer e exportar ao Uruguai e à Argentina", acredita Durães.

Preço do álcool recua em São Paulo – Valor Econômico – Agronegócios - 09/06/2008

Nas últimas semanas, os preços do álcool combustível - anidro e hidratado - têm registrado quedas expressivas, pressionados pelo avanço da moagem da cana no centro-sul do país. A tendência era de que a queda estancasse, uma vez que as chuvas têm atrapalhado a colheita da matéria-prima e a demanda é crescente pelo combustível no país. Contudo, a expectativa é de que os preços continuem sem sustentação.

Na sexta-feira, as cotações do anidro (misturado à gasolina) fecharam a R\$ 0,7876 o litro (sem impostos), com baixa de 1,77% sobre a semana anterior. O litro do hidratado encerraram a R\$ 0,6327 (sem impostos), com recuo de 1,01%, segundo levantamento semanal do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea).



"Não há perspectivas de que as cotações do álcool combustível subam, mesmo com o atraso da colheita por conta das chuvas", afirma Marcelo Andrade, da Ecoflex Trading. Segundo ele, a queda dos preços, no máximo, poderá se desacelerar, sinalizando certa estabilização.

Neste momento, as usinas não estão segurando a produção, um movimento observado em abril, uma vez que precisam de caixa para arcar com as despesas da colheita. A Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar) vai divulgar nesta semana balanço da moagem de cana até o final de maio. Embora a safra seja recorde, estimada em cerca de

500 milhões de toneladas, os volumes processados até o fim do mês passado não deverão ultrapassar com grande margem o processamento verificado em igual período do ano passado, por conta do clima adverso.

Tradicionalmente, boa parte das usinas do centro-sul abastece a região Nordeste, que está no período de entressafra. "Esta é uma alternativa para enxugar um pouca da oferta no centro-sul. Mas as usinas estão com dificuldade de distribuir o álcool para aquela região por conta dos altos custos dos fretes e poucas opções de transporte", disse Andrade.

Segundo ele, as exportações reduziram o ritmo, uma vez que os preços no mercado externo estão menos atrativos que os do interno. "Há negócios fechados [exportação] para entrega em junho em US\$ 490 (mil litros). Mas para os contratos de julho as cotações recuam para US\$ 475." As exportações brasileira estão estimada em 4 bilhões de litros em 2008/09, 25% acima do ciclo anterior. **(Mônica Scaramuzzo)**

Infinity lidera corrida por usinas na Jamaica – Valor Econômico – Agronegócios - 13/06/2008

A Infinity Bio-Energy, com seis usinas de açúcar e álcool no Brasil, é a empresa mais cotada para adquirir cinco unidades produtoras na Jamaica, que estão em processo de privatização.

Em junho de 2006, o governo jamaicano deu início a um processo de desestatização de suas usinas, com o objetivo de impulsionar a produção local de açúcar e álcool. Em fevereiro deste ano, oito empresas, entre elas duas brasileiras, sinalizaram interesse em investir naquele país.

A negociação deverá ser concluída em setembro, informou Allan Rickards, presidente da Associação de Produtores de Cana daquele país, à agência Reuters. O ministro da Agricultura, Chris Tufton, informou que as negociações ainda estão em andamento, mas não quis comentar qual empresa está no páreo.

Com produção pequena de etanol, voltada sobretudo para o mercado de bebidas, o governo da Jamaica quer estimular o mercado de álcool combustível. A produção de açúcar do país está estimada em 162 mil toneladas.

A Jamaica tem acordo de exportação preferencial para União Européia (UE) e para os Estados Unidos, dois mercados fechados para o açúcar e álcool brasileiro. Com a UE, o país tem acordo preferencial para exportar açúcar por fazer parte dos países ACP (Ásia, Caribe e Pacífico). A Jamaica também se beneficia do acordo CBI (Caribbean Basin Initiative). Por meio desse tratado, o álcool da região do Caribe entra nos EUA com isenção de impostos.

Criada em 2006, a Infinity tem suas ações negociadas na bolsa de Londres. Agora o grupo se prepara para a emissão de Brazilian Depositary Receipts (BDRs), na Bovespa. Com seis usinas nos estados de Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia, o grupo tem capacidade para processar 9,5 milhões de toneladas de cana. Para a safra 2008/09, a expectativa é de que a moagem atinja 7,4 milhões de toneladas.

POLÍTICA DE BIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

Aprovados zoneamentos para mamona e girassol – Sítio Eletrônico do MAPA – 11/06/2008

Brasília (11.6.2008) - Nove portarias de zoneamento de risco climático foram publicadas na edição desta quarta-feira, do Diário Oficial da União (DOU). As portarias 89 a 96 trazem os estudos aprovados pela Coordenação-Geral de Zoneamento Agropecuário, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, para a mamona nos estados de Goiás, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal. A portaria 97 aprova estudos para o girassol em São Paulo.

A relação dos municípios contemplados pelos estudos de zoneamento e a indicação dos períodos mais adequados ao plantio das cultivares estão detalhados nas portarias.

Confira a íntegra das portarias publicadas no DOU:

[Zoneamento Agrícola para Mamona em MS, ano-safra 2008/2009.](#)

[Zoneamento Agrícola para Mamona em MT, ano-safra 2008/2009.](#)

[Zoneamento Agrícola para Mamona no DF, ano-safra 2008/2009.](#)

[Zoneamento Agrícola para Mamona em São Paulo, ano-safra 2008/2009.](#)

[Zoneamento Agrícola para Girassol em São Paulo, ano-safra 2008/2009.](#)

Biodiesel

Lula e os novos missionários - Flávio Aguiar – Agência Carta Maior – 18/06/2008

Haja floresta tropical para deglutir os milhões de toneladas de gás carbônico que são jogados anualmente pelos automóveis – esses sim, os vilões da história, e sem missionários suficientes, pelo menos no momento, para amaldiçoá-los enquanto ícone de um estilo preferencial e modelar de vida.

Biocombustíveis, etanol, Lula, Brasil, biodiversidade, floresta tropical, etc. Esses são assuntos que me lembra metáfora imortal de meu colega José Peralta, no curso de Letras da USP: “é uma faca de muitos gumes”.

Mas o mais importante nesse rol está no etc. Ou seja, no que está sendo posto de lado. Pelo menos nas manchetes, nas declarações, e assim vai se impondo nos corações e mentes a serem conquistados.

No passado nem tão remoto, o colonialismo e seu sucedâneo aperfeiçoado, o imperialismo, ia conquistando regiões, continentes, povos. E saqueando tudo. Ao seu lado, no seu bojo, contra ou a favor da maré, ia o trabalho missionário, “saqueando” as almas.

Pus aquele “saqueando” entre aspas porque a palavra é muito forte. E merece que se façam algumas considerações. Em primeiro lugar, os missionários não achavam que estavam saqueando as almas. Ao contrário, achavam que estavam salvando-as. Eram caridosos.

Um dos sermões mais brilhantes do Padre Vieira, dedicado à Virgem do Rosário, de predileção dos escravos na Bahia, é aquele em que ele justifica a escravidão porque só assim as almas dos “etíopes” (assim se dizia no século XVII) seriam salvas.

Este sermão também é um dos mais contundentes na denúncia dos maus tratos impostos aos escravos pelos senhores. Vieira chega a dizer – perante a platéia de escravos e senhores que assistiam à prédica – que se aqueles estão salvando suas almas, estes as estão seguramente perdendo pelo modo bárbaro com que tratam seus trabalhadores.

Ou seja, os missionários nem com tudo e nem sempre concordavam com o que viam. Houve casos heróicos, como os dos jesuítas que se bateram ao lado dos guaranis, contra os exércitos de Espanha, Portugal, contra a Ordem e contra a Santa Sé, nas missões dos Sete Povos, todos execrados no poema (brilhante, por sinal, leitura obrigatória) “O Uruguai”, de Basílio da Gama, através do personagem Lourenço Balda, que, parece, existiu mesmo.

O grande Toussaint L’Ouverture, herói do Haiti, teve a cabeça feita não por algum enciclopedista francês, mas pelo livro sobre as Índias Ocidentais de um ex-padre francês, como consta no livro também imperdível de CLR James, “*Os jacobinos negros*” (Boitempo Editorial). Houve missionários que deram a vida para lutarem contra os desmandos do colonial-imperialismo, e isso deve ser respeitado. Mas no macro-sentido, houve um saque de almas, melhores que fossem as intenções. Por quê?

Porque naqueles séculos o trabalho missionário, e depois os “missionários das modernidades” jogaram os povos e as culturas que iam conquistando para o passado. Eles povos e elas culturas eram um “pedaço do passado”, cujas almas deveriam ser trazidas para “o presente”, para que assim pudessem ter algum “futuro”. Ou seja, os “povos do passado”, por serem intrinsecamente anacrônicos (muitos jesuítas viam os nativos das Américas como adâmicos, isto é, no estado em que Adão estava ao ser expulso do paraíso), não tinham condições de administrar a própria vida, precisavam de tutela. Todos: seus caciques, seus xamãs, seus velhos, homens, mulheres e crianças. Não tinham condição de administrar seu futuro. Só o futuro? Não. O passado também.

Porque junto ou depois dos missionários a corte de arqueólogos, antropólogos, historiadores, etc., saqueou o passado desses povos. Alguns por serem declarados “sem qualquer passado”, já que viviam nele, num passado da humanidade. Outros, por serem incapazes de cuidar do seu passado, e assim a sua “preservação” consistiu em “transferi-los” para os museus do “primeiro mundo”, onde são o gáudio dos visitantes. Na verdade, eles, esses povos, tiveram seu futuro saqueado, por serem declarados ineptos para as decisões.

Hoje há algo análogo acontecendo. O presidente Lula veio a Roma, para o encontro da FAO sobre a crise mundial da fome, defender o etanol brasileiro. Só o etanol? Não. Ele veio defender a soberania brasileira. Só a brasileira? Não, por tabela, o conceito universal de soberania nacional como aplicável a todos os povos e nações, desde que respeitada a Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, por exemplo, nem que seja como utopia a ser trabalhada.

Mas muitos ambientalistas, e as declarações foram contundentes neste sentido durante a realização, na segunda quinzena de maio, da COP9, a IX Conferência da ONU sobre a Diversidade Biológica em Bonn, antiga capital da Alemanha Ocidental, erguem o dedo, ao lado de outros oficiais, execrando o Brasil Lula e tudo mais, para defender a “*rain forest*”, como as florestas tropicais são internacionalmente chamadas. E lamentam que o Brasil não se deixe guiar por balizas internacionalmente definidas.

Há alguns graves equívocos nesta maneira de se conduzir em público – na internet, nas manchetes, onde for, se é que a intenção é levar o governo brasileiro, os brasileiros de um modo geral, a algum tipo de posição. É que esse modo de situar o problema desqualifica um governo legitimamente eleito como interlocutor. Parece que se define que, como a Amazônia (por exemplo) é um patrimônio mundial (e é), sua administração não pode ficar ao encargo desses “povos não confiáveis” e seus representantes legítimos. Há os ilegítimos, como se fez, depois de legitimamente lutar pela independência de seu país e por sua consolidação, Robert Mugabe do Zimbábwe. Mas até mesmo nas críticas que se fazem a ele, por querer se perpetuar no poder, de vez em quando aparece o travo de que seria bom se aquele pedaço de mundo voltasse a se chamar Rodésia.

Não adianta querer lutar por algo brasileiro dizendo que não é brasileiro e desqualificando o país e o seu governo legítimo como interlocutor. Não é por aí, nem dentro nem fora do Brasil. Mas é o que inadvertidamente terminam fazendo essas declarações, sempre alardeadas com grande pompa e circunstância, de que o Brasil – e os brasileiros – não estão (e não estarão nunca) em condições de cuidar do problema e que têm soberania para tomar decisões. Esse é um problema de biodiversidade política, tanto quanto a floresta é um problema e uma solução para a biodiversidade em escala mundial.

Um outro efeito perverso dessa autêntica dedaço que vem sendo imposta ao Brasil, ao etanol da cana de açúcar e aos biocombustíveis de modo geral é o de estar jogando para debaixo do tapete, nas vitrines do mundo, o problema do mundo baseado nos combustíveis fósseis. O problema persiste. O aquecimento global vai devastando o planeta. Aqui mesmo nesta Berlim primaveril, onde o verão sequer começou, a atmosfera vem apresentado

índices de umidade semelhante aos de Brasília de maio a setembro. E as temperaturas andam lá por cima dos 30 graus, a tal ponto que as aulas chegaram a ser suspensas.

Até o ano passado, o petróleo fora eleito como o grande vilão da história. Hoje quase não se fala mais no assunto. Pelo menos não tanto quanto se deveria. Durante o encontro em Bonn, a primeira ministra alemã Ângela Merkel anunciou mais 500 milhões de euros até 2012 para a preservação das florestas tropicais, sob a forma de subsídios para os países que as preservarem. E sinalizou que a Alemanha deveria dar mais 500 milhões por ano a partir de 2013 para essa finalidade. O gesto – importante, sem dúvida – foi saudado como um dos únicos “avanços” da conferência, com menções de “já que o Brasil se obstinou em não aceitar a definição internacional de critérios para a preservação da Amazônia”.

Ao mesmo tempo, vai indo para a vala comum do *oblivion* a discussão sobre a indústria automobilística, a emissão de CO₂ pelos carros, a loucura que é dedar o biocombustível e de repente esquecer a questão do combustível fóssil – mas não apenas dele, mas sim do mundo absurdo de consumo e consumismo individualista que o capitalismo erigiu como forma modelar de vida, condenando todas as outras a uma forma de “passado” da humanidade, inclusive agora o socialismo que desabou recentemente. Aí está o X da questão. E o Y e o Z, talvez o alfabeto inteiro. Sim, é verdade, e o governo brasileiro tem que ter consciência disso, de nada vai adiantar produzir etanol de cana se for para potencializar a pobreza e a exploração dos canavieiros, que não anda tão distante quanto deveria do mundo descrito pelo padre Vieira. Mas também se deve ter consciência de que de nada vai adiantar fazer planos internacionais para preservar a “rain forest” se não se discutir e remodelar o padrão de consumo em escala mundial, o que inclui a Europa, a América do Norte, o Japão e a Austrália.

Há bons sinais, entretanto. Declarações de autoridades da ONU e da FAO (ver a entrevista de Alexander Muller, da FAO, à revista *Der Spiegel* (www.spiegel.de/international) vêm dando a entender que é necessário estabelecer distinções e diferenças, e que o caso da produção de etanol a partir da cana de açúcar pelo Brasil não pode ser confundido com o da sua produção a partir do milho nos Estados Unidos e na Europa, bem como também não se pode esquecer que é urgente a pesquisa de fontes alternativas de energia, nem de que o consumo de derivados do petróleo não pode ser negligenciado como fator decisivo na alta dos preços dos alimentos.

Mas há outros sinais desalentadores. Na última discussão do parlamento federal alemão sobre emissões de gás carbônico, pouco mais de dez por cento dos trezentos e tantos representantes compareceram. Ao discursar, o líder do Partido Verde teve de pedir aos seus próprios correligionários que prestassem atenção ao que ele estava dizendo, pois era importante. O lobby da indústria automobilística agradece. E haja floresta tropical para deglutir os milhões de toneladas de gás carbônico que são jogados anualmente pelos automóveis – esses sim, os vilões da história, e sem missionários suficientes, pelo menos no momento, para amaldiçoá-los enquanto ícone de um estilo preferencial e modelar de vida.
**Flávio Aguiar é editor-chefe da Carta Maior.*

Expansão dos biocombustíveis ameaça pequeno agricultor – Sítio Eletrônico da CPT – 02/06/2008

A demanda por cultivos intensivos para alimentar a produção energética e a expansão dos biocombustíveis ameaça diretamente o trabalho de pequenos agricultores. Com o aumento no valor das propriedades, os camponeses podem ter que deixar suas terras para darem espaço a grandes plantações. Os impactos dos biocombustíveis foram destacados no estudo “Alimentando a exclusão? O ‘boom’ dos biocombustíveis e o acesso dos pobres à terra”, publicado no dia 2 de junho e que será apresentado durante a reunião da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). O documento ainda recomenda que um sistema de certificação dos biocombustíveis seja adotado para garantir que o pequeno agricultor tenha acesso a terra. O certificado garantiria que nem o meio-ambiente nem a população local foram prejudicados com a produção do biocombustível.

Setor sucroalcooleiro é o que mais polui em São Paulo – Sítio Eletrônico da CPT – 02/06/2008

Segundo dados da Companhia Tecnológica de Saneamento Ambiental (Cetesb), o setor sucroalcooleiro recebe o maior número de multas por poluição ou desrespeito à legislação ambiental. Entre janeiro de 2007 e abril de 2008, o governo de São Paulo autuou 102 usinas e o valor total arrecadado de multas chega a R\$ 49,3 milhões. De acordo com o diretor de controle de poluição ambiental da Cetesb, Otávio Okano, cerca de 70% das multas aplicadas são em decorrência de queimadas irregulares. A fumaça atinge áreas urbanas e pode causar problemas respiratórios e cardiovasculares. Somente a usina de São José, no município de Colina (SP) soma R\$ 604 mil em multas devido a queimadas e a despejo de poluentes líquidos nas águas da região.

Órgão relata expansão de cana na Amazônia – Folha de São Paulo – Brasil – 01/06/2008

Documento da Embrapa desautoriza Lula que, em fóruns internacionais, diz que área não é propícia a essa cultura - Dados mostram que, até 2012, cidade do Acre deve aumentar quase dez vezes a área plantada -chegando ao equivalente a 30% de SP

A menos de dois meses do prazo previsto para o Ministério da Agricultura concluir proposta de zoneamento agrícola que bloquearia o avanço da cana-de-açúcar na Amazônia, documento oficial aponta crescimento da cultura dentro do bioma amazônico, nos Estados do Acre, de Roraima e do Pará.

Até 2012, um único município do Acre deve multiplicar quase dez vezes a área plantada, alcançando o equivalente a 30% da cidade de São Paulo, aponta documento produzido pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), vinculado ao

Ministério da Agricultura, e cujos estudos têm pesado nas análises do presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre a Amazônia.

O documento a que a **Folha** teve acesso desautoriza declarações de Lula em fóruns internacionais. O presidente insiste que a Amazônia não é propícia ao cultivo da cana e que as áreas plantadas estão "muito distantes" da floresta. O documento é um subsídio ao PAS (Plano Amazônia Sustentável).

Segundo a Embrapa, projeto que conta com financiamento do governo do Acre - comandado pelo PT-, já teria plantado 45 quilômetros quadrados de cana no município de Capixaba, a apenas 60 km de Rio Branco.

Em Roraima, dois empreendimentos implantados no ano passado planejam ocupar 90 quilômetros quadrados com a cultura até 2009. O destino da produção, anota documento da Embrapa, seriam os mercados da Amazônia e da Venezuela, que introduziria o álcool como aditivo à gasolina.

Ao deixar o governo, a ex-ministra do Meio Ambiente Marina Silva voltou a defender que as culturas de cana se mantivessem distantes da Amazônia, como forma de viabilizar o selo ambiental ao álcool brasileiro. Marina descartava até o uso de áreas já desmatadas e preferia acreditar que as culturas existentes eram "projetos senis".

Dados da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), registraram o aumento em 9,6% na última safra de cana na Amazônia Legal -de 17,6 milhões de toneladas para 19,3 milhões de toneladas-, com crescimento da área plantada em Mato Grosso, Tocantins e Amazonas. (MARTA SALOMON)

Lula entra na guerra mundial do etanol – Clovis Rossi – Folha de São Paulo – Dinheiro – 01/06/2008

Presidente vai a conferência em Roma para defender o álcool brasileiro como fonte de empregos na lavoura e como combustível limpo - Objetivo de Lula é mostrar que o produto brasileiro, ao contrário do americano, não contribui para a alta dos preços dos alimentos

O presidente Luís Inácio Lula da Silva entra terça-feira na batalha para evitar que seja satanizado o seu projeto mais ambicioso, o que ele chama de "revolução energética" a partir do etanol. A primeira parte da batalha se dará em Roma, durante reunião de cúpula que ganhou um longo título: "Conferência de Alto Nível sobre a Segurança Alimentar Mundial - Os Desafios da Mudança Climática e da Bioenergia". Na prática, virou uma espécie de "Cúpula da Fome", porque a disparada do preço de alimentos criou o "perigo iminente de fome e desnutrição para 2 bilhões de pessoas que lutam para sobreviver ante o aumento dos preços", como diz Robert Zoellick, presidente do Banco Mundial.

O que o etanol tem a ver com a fome? Em tese, nada. Mas diferentes fontes e estudos apontam o álcool combustível como um dos responsáveis pela disparada dos preços. Exemplo: estudo do Banco Mundial chega a dizer que "65% do aumento nos preços de alimentos se deve aos biocombustíveis e a fatores relacionados com o rápido aumento na demanda por rações".

O FMI (Fundo Monetário Internacional) entrou na onda, ao dizer que a crescente produção de biocombustíveis é responsável por "parte significativa" do salto nos preços de commodities.

Por fim, o mais recente relatório, divulgado na quinta-feira em Paris, diz ter sido "decisiva" na crise alimentícia a demanda agrícola para elaboração de biocombustíveis. O estudo estende a culpa no tempo, ao dizer que um terço do aumento dos preços de alimentos nos próximos dez anos será por conta dos biocombustíveis.

A FAO (braço da ONU para alimentação e agricultura) é uma das instituições responsáveis pelo estudo e é também quem convocou o que virou "Cúpula da Fome" -e será em sua sede de Roma que Lula travará a batalha.

A demonização do etanol se deve, em grande medida, ao fato de que um deles (o etanol feito a partir do milho, caso dos Estados Unidos) é de fato um vilão. Mas o etanol de cana-de-açúcar (o brasileiro), não.

Os EUA usam o equivalente a 10% da produção mundial de milho para gerar etanol. Essa quantia equivale a duas safras brasileiras de milho e, como é óbvio, contribui para o aumento dos preços. Só no ano passado houve incremento de 37% no uso de milho para produzir etanol nos EUA.

O Brasil, ao contrário, não reduziu a produção de açúcar para fazer etanol. Nem vai, ao menos não por esse motivo, invadir a floresta amazônica para cultivos que gerem biocombustível. O ministro Reinhold Stephanes (Agricultura) afirma que o Brasil tem 90 milhões de hectares para incorporar à agricultura "sem a necessidade de derrubar nenhuma árvore na Amazônia".

Tecnologia e capitais - A batalha de Lula, no entanto, não se limita a defender o etanol brasileiro, cujos 21,5 bilhões de litros representam 70% do mercado mundial. O Brasil exporta 3,6 bilhões.

O problema é mais abrangente: o presidente brasileiro acredita que a aliança entre a tecnologia brasileira na área, reconhecida como a melhor do mundo, e capitais dos países ricos poderia disseminar plantações destinadas a biocombustíveis nos países mais pobres da América Central, do Caribe e da África, dando-lhes "no século 21 as oportunidades de desenvolvimento que não tiveram no século 20".

Foi com esse sentido que Lula assinou, no ano passado, memorandos de entendimento com as duas grandes potências do planeta (Estados Unidos e União Européia) em torno de parcerias estratégicas.

Depois disso, porém, começou a demonização do etanol. Se ela se consolidar no mais alto nível, como é toda conferência de cúpula, a revolução com que sonha Lula virará um pesadelo. Por isso, sua ênfase em Roma será a defesa do etanol em suas duas qualidades: como fonte de empregos na lavoura e como combustível limpo.

Em termos técnicos, o etanol tem balanço positivo em emissão de carbono, do plantio até o tanque do carro -a emissão de carbono para o plantio, para a colheita e para a produção da cana-de-açúcar e do etanol dela derivado é inferior à dos combustíveis fósseis (petróleo).

Pelas contas de Marcos Jank, presidente da Unica (União das Indústrias de Cana-de-Açúcar), a cana gera 8,3 unidades de energia renovável para cada unidade de combustível fóssil. É o melhor balanço encontrado até agora nas pesquisas. O etanol a partir do milho, de que os EUA são grandes produtores, gera apenas 1,3 unidade renovável para cada unidade fóssil.

Ganhando ou não a batalha em Roma, Lula partirá para uma segunda frente de combate, porque a reunião de cúpula do G8+5 (as oito maiores potências e cinco grandes emergentes, entre eles o Brasil) também discutirá a inflação dos alimentos e a mudança climática. Será em julho, no Japão.

Mudança climática vai afetar geração de energia no NE – Janaina Lage – Folha de São Paulo – Ciência – 02/06/2008

Segundo UFRJ, calor aumentará consumo em 8% no país e diminuirá produção de hidrelétricas do São Francisco em 7,7% - Para José Goldemberg, dado mostra que o País não pode mais fingir que problema não existe; previsão vale para o fim deste século

As mudanças climáticas previstas para as próximas décadas prejudicarão mais a produção de energia na região Nordeste. Esta é uma das principais conclusões de um estudo da Coppe/UFRJ, que procura medir o impacto dos efeitos climáticos sobre a produção de energia a partir de fontes renováveis no período de 2071 a 2100. O Nordeste sofrerá efeitos na geração de energia hidrelétrica, eólica e na produção de biodiesel.

A pesquisa foi patrocinada pelo Reino Unido por meio do Global Opportunity Fund e faz parte do projeto de uso dos cenários de mudanças climáticas para estudos de vulnerabilidade e adaptação no Brasil e na América do Sul.

Os pesquisadores ressaltam que, em razão do grande número de incertezas e da necessidade de bases de dados mais completas, o estudo é mais um indicador de tendências. "As regiões áridas se tornarão mais áridas e o problema da irrigação aumentará. Haverá menor incidência de ventos. O sistema energético do interior do Nordeste é menos robusto do que o do Sudeste e é menos capaz de responder a variações climáticas", afirma Alexandre Szklo, um dos autores.

As hidrelétricas da bacia do São Francisco serão as mais atingidas, com perspectiva de queda na produção de energia de até 7,7% na estimativa mais pessimista. Foram definidos dois cenários, um de emissões altas e outro de baixas emissões de gases do efeito estufa.

O primeiro prevê aumento de temperaturas e o segundo supõe chuvas e ventos mais reduzidos. O estudo usa ainda as projeções do Plano Nacional de Energia 2030, da EPE (Empresa de Pesquisa Energética).

Para José Goldemberg, físico da USP e especialista em energia, as conclusões não deixam dúvidas: "Isso mostra que o país não pode assumir a postura de que o problema não é conosco. A questão do Nordeste está ligada à circulação de água na Amazônia. O que devemos fazer é engajar o Brasil nas negociações internacionais que têm como finalidade reduzir as emissões de gases do efeito estufa", afirmou.

Para o presidente da EPE, Maurício Tolmasquim, é preciso observar os resultados com cautela porque as projeções envolvem muitas incertezas. Apesar disso, avalia os resultados como favoráveis, com perspectiva de expansão do álcool e queda pequena das hidrelétricas. Sobre a oferta de energia no Nordeste, ele avalia que o fator regional tende a perder importância no futuro.

"É razoável supor que daqui a 50 anos não vai haver limite de intercâmbio de uma região para outra. Você vai ter transmissões com redes contínuas e outras tecnologias que estão nascendo, e a regionalização perde sentido", disse.

Demanda em alta - O estudo avaliou ainda o aumento da demanda de energia em razão das mudanças climáticas e verificou que haverá, no cenário mais pessimista, uma elevação de 8% no consumo total de eletricidade no país. Foram levados em conta, nessa projeção, os aumentos da temperatura média e também do número de dias quentes.

O cálculo considera que o aparelho de ar-condicionado é ligado com temperaturas acima de 24°C. O consumo de eletricidade no setor residencial deve aumentar até 9% e o do setor de serviços, até 19%.

Em 2005, o uso de aparelhos de ar-condicionado nas residências representou 7,6 TWh (terawatts/hora), o equivalente a 9,2% do consumo total de eletricidade no setor residencial. Para 2030, a projeção é de um consumo de 14,8 TWh, o que significaria uma participação de 5,2%.

Geografia da biomassa será redesenhada pelo novo clima – Eduardo Geraque – Folha de São Paulo – Ciência – 02/06/2008

As mudanças climáticas previstas para este século, especificamente dentro das fronteiras do Brasil, vão redefinir a geografia da produção da biomassa. Este processo, portanto, terá um impacto significativo sobre a produção dos biocombustíveis, uma das grandes bandeiras do governo federal.

"O mercado da produção de cana-de-açúcar [incluído também o que vai para os alimentos] deverá movimentar, em 2020, R\$ 47,5 bilhões por ano", afirma Hilton Pinto, da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), à **Folha**. Isso significa, em relação aos números da produção de cana de 2007, um aumento de 95,5%.

O prejuízo, entretanto, deverá ser debitado diretamente na conta dos produtores de soja, o principal grão usado para a produção de biodiesel. "Aqui, pode haver uma perda, no mercado nacional, de até R\$ 6 bilhões". Em comparação com o mercado de 2007 deste grão, seria uma redução de 19,5%.

O cientista de Campinas é um dos autores de um estudo ainda inédito sobre o impacto das mudanças do clima sobre a agricultura. "Infelizmente, pelo resultado que nós temos, dá para perceber que o Nordeste do Brasil será a área mais afetada [pelo clima]", afirma Pinto.

Segundo ele, os cálculos do mercado da cana e da soja para 2020 também vão constar desse novo trabalho. "Nós fizemos uma análise minuciosa para todos os 5.172 municípios brasileiros", diz o agrônomo. Ao todo, dez culturas ainda estão sendo analisadas.

Enquanto a produção de cana ficará prejudicada em Estados como Pará, Piauí e Tocantins (em todos existem planos para a ampliação desta cultura), a soja deverá perder terreno, além do Nordeste (no oeste da Bahia já existem algumas plantações), também no Centro-Oeste, diz o estudo. "Mas, em compensação, ela deve ganhar mais áreas nos Estados da região Sul do país", diz Pinto.

Mamona em falta - O drama nordestino, em termos de produção de biomassa, deve provocar outra conseqüência. Deve ser o fim de um dos programas sociais do governo federal na área da energia. Com um aumento de até 3C nos termômetros da região, segundo Pinto, a produção da mamona -feita pelo pequeno produtor com incentivos públicos- vai ficar totalmente inviável.

Apesar de as condições climáticas ficarem favoráveis para a cana-de-açúcar em quase todo o país, segundo tanto os dados paulistas quanto os da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), que também fez as suas próprias estimativas, o problema disso, no caso específico do semi-árido, é aumentar a pressão sobre a biodiversidade da região.

Várias espécies que vivem no bioma caatinga, por exemplo, correm o risco de extinção. É exatamente sobre essa região brasileira, entre outras, que os estudos que projetam o crescimento de áreas de cana-de-açúcar mostram que essa cultura será muito bem-vinda. "É uma cultura que adora bastante o calor e o carbono", diz o pesquisador da Unicamp.

Potencial da energia eólica cairá até 60% - Janaina Lage – Folha de São Paulo – Ciência – 02/06/2008

O potencial de geração de energia eólica cairá até 60% até 2100. O estudo feito no Rio de Janeiro se baseou nos números de velocidade média anual do vento projetados pelo Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) para o período de 2071 a 2100 e tem como referência uma velocidade mínima de 6 m/s.

As simulações realizadas pelos pesquisadores da Coppe mostraram uma perda de potencial eólico no interior e uma concentração de áreas com potencial no litoral Norte e Nordeste. Na costa, aumentará a ocorrência de ventos com velocidade superior a 8,5 m/s, mas isso não chegará a compensar as perdas do interior.

A concentração em áreas favoráveis pode facilitar a viabilidade econômica dos projetos, diz o trabalho. "O potencial que sobra é economicamente viável", afirma Alexandre Szklo, um dos autores do estudo. Pelas projeções feitas pela UFRJ, até mesmo a produção de energia offshore pode ficar atraente. "Embora as tecnologias offshore tenham custos altos, as restrições ambientais poderão ajudá-las".

Para Maurício Tolmasquim, presidente da EPE, o país não teria condições de explorar o potencial integral. "Teria de lotar o país de cata-ventos. Os resultados mostram que há um potencial na costa". Segundo Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil, a energia eólica está apenas começando no país e os resultados não reduzem a sua atratividade. **(JL)**

Com vazão menor, produção de hidrelétricas deve cair 2% - Folha de São Paulo – Ciência – 02/06/2008

A produção de energia hidrelétrica terá uma queda de até 2,2% até 2100 em razão da menor vazão, a quantidade média anual de água que aflui para as usinas. Na projeção mais otimista, a queda deve ficar em torno de 1%. O estudo analisou as bacias do Rio Paraná, Grande, Paranaíba, Parnaíba, São Francisco e Tocantins-Araguaia. Elas representam quase 70% da capacidade instalada do país.

Os impactos que as mudanças do clima global podem causar no sistema hidrelétrico estão relacionados ao comportamento das vazões nas bacias dos rios ou a alterações na probabilidade de ocorrência de tempestades e secas extremas, que poderiam prejudicar a operação das usinas.

Segundo Alexandre Szklo, da Coppe, o problema é mais grave nas áreas de fronteira da produção de energia hidrelétrica, na região Norte. "A perda pode ser maior se considerarmos as usinas que vão entrar em operação, como Jirau e Belo Monte, que têm reservatórios pequenos. Nestes casos, a perda de vazão é basicamente a mesma da geração elétrica. Estas usinas podem ter perda de cerca de 15%".

Para Claudio Sales, do Instituto Acende Brasil, o estudo dá uma direção para o país. "O Brasil tem de reverter a tendência de condenar as usinas de reservatórios grandes, desde que faça isso com o devido cuidado ambiental". (JL)

Lula culpa especulação pela alta de preços – Clovis Rossi – Folha de São Paulo – Dinheiro – 02/06/2008

Aumento do petróleo e dos alimentos no mundo reflete ação de especuladores no mercado futuro, afirma presidente - Brasileiro participa amanhã de cúpula da FAO sobre segurança alimentar, em que defenderá o uso de combustíveis alternativos

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva responsabilizou ontem a especulação pelos dois tormentos que mais afetam no momento a economia mundial, os altos preços do petróleo e dos alimentos.

"Não tem nenhum sentido o petróleo estar a US\$ 140 ou US\$ 145 o barril", disparou o presidente, em entrevista coletiva aos jornalistas brasileiros que acompanham sua viagem à Itália.

Lula chegou até a quantificar o tamanho da especulação com petróleo, ao afirmar "ter consciência de que o preço do petróleo na bomba de gasolina não chega a US\$ 35". "Então tem gente ganhando muito dinheiro no mercado futuro com o preço do petróleo e é preciso que façamos uma discussão mais geral e mundial sobre isso", disse.

No capítulo alimentos, o presidente dividiu o problema da alta de preços em duas partes, a interna e a externa. Na primeira, culpou leite e feijão por 0,7 ponto percentual da inflação no Brasil, mas afirmou que são problemas sazonais, causados por crises no município baiano de Irecê, grande produtor de feijão, e no Paraná, que deixou de produzir 29% do feijão que produzia.

"Nessa área de produtos que não fazem parte do mercado internacional, nós iremos resolver com o aumento da produtividade interna", afirmou.

Mas aceitou que há especulação "no mercado futuro de alguns produtos que são commodities e sobre os quais nós não temos controle".

A chamada "agflação", a inflação dos bens agrícolas ou derivados da agricultura, acabou sendo o tema mais importante da cúpula sobre segurança alimentar e mudanças climáticas que a FAO (agência da ONU para alimentação e agricultura) convocou entre amanhã e quinta na sua sede romana.

Lula vai aproveitar a cúpula, na qual fala amanhã, para defender o que admitiu ser sua obsessão, o programa brasileiro de etanol e, mais abrangentemente, os combustíveis alternativos. "Nós, brasileiros, estamos convencidos de que o mundo pode relutar, mas vai ter que assumir a responsabilidade de usar outros combustíveis", disse ontem, antecipando a linha central do discurso que fará amanhã.

Mas Lula terá que defender o etanol de duas linhas de críticas. Primeiro, a questão do preço dos alimentos. "A experiência brasileira mostra ao mundo que nós aumentamos a área de produção de alimentos e a produção de alimentos, ao mesmo tempo em que aumentamos a produção de biocombustíveis."

Mas ele admite também que "não é correto você produzir o biocombustível a partir de alguma oleaginosa que possa ser a base de alimentação humana ou animal". Chegou a citar o etanol derivado do trigo como "criminoso", palavra forte que, no entanto, evitou para caracterizar o etanol derivado do milho, produzido nos Estados Unidos.

Ao defender o etanol, Lula saiu ao ataque ao petróleo e, de passagem, a outra fenômeno especulativo que afeta a economia global (a crise das hipotecas "subprime"). "Estranhamente, as pessoas não discutem o preço do petróleo. Não se ouve nos debates a incidência do custo do petróleo no transporte de alimentos no mundo inteiro e na produção de fertilizantes, que, em grande parte, necessita de derivados de petróleo. Esse debate não é feito pelo chamado mundo desenvolvido", lamentou.

Citou até o fato de que, na recente Cúpula União Européia/ América Latina e Caribe, realizada em Lima, "das seis pessoas da União Européia que falaram, ninguém falou em petróleo, como se não existissem nem o petróleo nem a crise imobiliária americana". "São dois problemas que podem afetar os países pobres, mas isso não está no discurso dos países ricos", reclamou o presidente. Lula reclamou ainda da incerteza sobre o tamanho da crise do "subprime" e do fato de o crédito mundial "estar escasso".

Lula vê "dedo sujo" de petróleo contra etanol – Clovis Rossi – Folha de São Paulo – Dinheiro – 04/06/2008

Presidente e FAO fazem duro ataque contra subsídios dos países ricos na conferência de segurança alimentar da ONU - Ele critica ainda a produção de etanol a partir de milho nos EUA, mas evita falar do aumento do desmatamento na região amazônica

Ao fazer a defesa de sua obsessão, o etanol de cana-de-açúcar, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva saiu ao ataque pesado contra empresas petrolíferas e contra o outro etanol, o do milho, produzido nos EUA.

"É com espanto que vejo tentativas de criar uma relação de causa e efeito entre os biocombustíveis e o aumento do preço dos alimentos. (...) Vejo com indignação que muitos dos dedos apontados contra a energia limpa dos biocombustíveis estão sujos de óleo e carvão", disparou Lula em seu discurso na Cúpula sobre Segurança Alimentar, ontem inaugurada na sede romana da FAO, o braço da ONU para Alimentação e Agricultura.

Lula já havia acusado as petroleiras de conspiração contra o etanol, em Lima, em outra cúpula, a da União Européia com América Latina e Caribe.

Agora, sua crítica se dirigiu também ao etanol de milho: "É evidente que o etanol de milho só consegue competir com o etanol de cana quando é anabolizado por subsídios e protegido por barreiras tarifárias".

Outro alvo de Lula foram os subsídios que o mundo rico dá a seus agricultores. "Outro fator decisivo para a alta dos alimentos é o intolerável protecionismo com que os países ricos cercam a sua agricultura, atrofiando e desorganizando a produção em outros países, especialmente os mais pobres".

Mais: "Os subsídios criam dependência, desmantelam estruturas produtivas inteiras, geram fome e pobreza onde poderia haver prosperidade. Já passou da hora de eliminá-los". Jacques Diouf, o diretor-geral da FAO e anfitrião do encontro de Roma, concordou totalmente com o brasileiro. Em seu discurso inaugural, Diouf disse ser "incompreensível o fato de que subsídios da ordem de US\$ 11 bilhões a US\$ 12 bilhões foram usados para desviar 100 milhões de toneladas de cereais do consumo humano para satisfazer a sede dos veículos por combustível". O senegalês ressaltou o fato de que os países da OCDE (os 30 mais ricos do mundo) tenham gasto "US\$ 372 bilhões só em 2006 para apoiar sua agricultura".

Lula apresentou todos os dados que usa habitualmente para demonstrar que nem o Brasil devasta a Amazônia para produzir etanol nem os biocombustíveis substituem plantios para alimentação. Mas não tocou no desmatamento recorde da Amazônia, tema que provoca excitação imensa na Europa.

Disse só que "99,7% da cana está a pelo menos 2.000 quilômetros da floresta amazônica. Isto é, a distância entre nossos canaviais e a Amazônia é a mesma que existe entre o Vaticano e o Kremlin".

É uma boa imagem, mas a **Folha** ouviu de delegados europeus que, se aumenta a devastação na Amazônia, conforme a manchete dos principais jornais de ontem, importa menos a causa e mais o fato.

*NA INTERNET www.folha.com.br/081553 Leia a íntegra do discurso de Lula na FAO

Fatos e realidades – Clovis Rossi – Folha de São Paulo – Opinião – 05/06/2008

ROMA - Já não me lembro quem disse uma frase paradoxal como "há os fatos e há a realidade. Nem sempre coincidem". É mais ou menos isso que está acontecendo com o discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre os biocombustíveis, o meio ambiente, a Amazônia.

O discurso do presidente, nessa área, tem sido articulado, com começo, meio e fim. Sobre a Amazônia, diz, por exemplo: "A região Norte, onde fica quase toda a floresta amazônica, tem apenas 21 mil hectares de cana, o equivalente a 0,3% da área total dos canaviais do Brasil. Ou seja, 99,7% da cana está a pelo menos 2.000 quilômetros da floresta amazônica".

Completa: "Isto é, a distância entre nossos canaviais e a Amazônia é a mesma que existe entre o Vaticano e o Kremlin".

É fato. Mas a realidade é que a devastação da Amazônia prossegue. E o mundo quer saber se vai ou não parar, independentemente da distância que separa as árvores dos canaviais e o Kremlin do Vaticano. Também é fato, como Lula gosta de repetir, que a União Européia só tem hoje 0,3% de sua mata original.

Logo, é também fato que não teria, digamos, autoridade moral para reclamar do desmatamento no Brasil. A realidade, porém, é que a devastação na Europa já ocorreu, ninguém reclamou àquela altura, não há nada mais o que se possa fazer e, hoje, quando a consciência ambiental é outra, os europeus e toda a torcida do Flamengo (menos o governador Blairo Maggi) reclamam do desmatamento na Amazônia.

O que há a fazer agora é evitar que outra realidade se transforme em fato. A realidade é que há um ruído internacional em torno da suposta (ou real) incapacidade dos brasileiros de tomarmos conta direitinho da Amazônia. Ou o país demonstra essa capacidade ou o ruído acaba virando fato -e depois não adianta reclamar.

Gás de lixo pode produzir 15% da energia do Brasil – André Lobato – Folha de São Paulo – Ciência – 14/06/2008

Técnica incentiva manejo correto de resíduo e ajuda a combater o efeito estufa - Apesar do potencial, estudo realizado para o Ministério das Minas e Energia privilegia energias eólica e solar como alternativas

O lixo das 300 maiores cidades brasileiras poderia produzir 15% da energia elétrica total consumida no país. A estimativa consta no Plano Decenal de Produção de Energia 2008/ 2017 e considera todo o lixo recolhido nestes municípios. O documento deveria ser lançado ainda neste mês e está em fase final de elaboração.

Apesar dessa previsão, o Ministério de Minas e Energia -que encomenda o relatório desde 2006, para balizar suas ações- não tem planos de realizar leilões com a energia do lixo nos próximos anos. Segundo o governo, as prioridades em fontes renováveis são eólica, solar e hidrelétrica.

A falta de perspectivas aumenta a defasagem do Brasil na tecnologia de eletricidade produzida por meio do lixo, na avaliação do professor Luciano Bastos, responsável pelo capítulo que avalia esse potencial no plano decenal a ser lançado.

Bastos, que é pesquisador do Ivig (Instituto Virtual Internacional de Mudanças Globais), diz que a única usina construída especialmente para aproveitar o potencial energético dos dejetos é a termelétrica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com capacidade de 200 kW por mês, suficiente para abastecer 2.300 casas.

Além dessa usina, há os aterros sanitários Novagerar, em Nova Iguaçu (zona metropolitana do Rio), Bandeirantes e São João, em São Paulo, que utilizam o gás metano resultante da decomposição natural da matéria orgânica.

Carbono à venda - A transformação de lixo em energia teria ainda duas conseqüências benéficas, na opinião de pesquisadores. A primeira é incentivar a armazenagem correta dos resíduos, que passam a ser matéria-prima. Dados do IBGE de 2000 indicam que 63,3% dos municípios brasileiros tratam o lixo de forma errada -em geral apenas determinam o terreno em que os detritos devem ser jogados.

Outro benefício seria econômico: assim como outras fontes de energia renovável, o lixo pode gerar créditos de carbono e favorecer o Brasil nas negociações sobre mudanças climáticas. A geração de créditos se deve à queima do metano, produto natural da decomposição orgânica. Este gás é mais danoso ao aquecimento global do que o gás carbônico CO₂ -mas é eliminado com a combustão.

O aterro Novagerar foi o primeiro do mundo a vender créditos pelo Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), do Protocolo de Kyoto. "Nossa intenção é deixar de ser uma empresa de resíduos e passar a ser de energia", diz a diretora Adriana Felipeto. A

empresa calcula que o investimento necessário para gerar seis megawatts (energia para 24 mil casas) será de US\$ 6 milhões.

Para Felipeto, empresas com ações na Bolsa têm mais interesse em comprar a energia do lixo e, por isso, a demanda deve aumentar com o grau de investimento, pois mais companhias devem abrir capital.

"Há um reconhecimento claro da importância do aproveitamento da energia do lixo", diz Manoel Avelino, presidente da Arcadis Logos Engenharia -sócia nos aterros Bandeirantes e São João.

A energia gerada no Bandeirantes (20 MW ou 160 mil casas) é usada pelo Unibanco e a do São João (24.8 MW ou 198,4 mil casas) é vendida para grandes consumidores, como shopping centers. Bastos afirma que, diferentemente das usinas, os aterros não são projetados para gerar energia, apenas armazenar lixo, e por isso são menos eficientes.

Atraso tecnológico - Para Sabetai Calderoni, doutor em ciências pela USP e especialista em reciclagem, há três razões para o atraso brasileiro na produção: 1) as parcerias público-privadas, maiores facilitadoras dos processos de reciclagem no seu entender, são recentes; 2) o interesse na manutenção dos investimentos em aterros; 3) só recentemente os preços de disposição ficaram mais caros.

O assessor de comunicação da Empresa de Pesquisa Energética, instituição ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia responsável pelo decênio, Oldon Machado, diz que o plano decenal tem números sobre os investimentos necessários, mas não especifica as fontes alternativas mencionadas.

2.300 - casas podem ser abastecidas por mês com a eletricidade de uma termelétrica da Universidade Federal do Rio de Janeiro feita especialmente para aproveitar a energia do lixo

Clima ameaça potencial energético do país - Liana Melo – O Globo – Economia – 02/06/2008

A região Norte está na mira do governo. É de lá que a Empresa de Pesquisa Energética (EPE) pretende extrair 70% do potencial hidrelétrico do país. A licitação das duas usinas do Complexo do Rio Madeira (Santo Antônio e Jirau) derrubou a fronteira amazônica para a construção de grandes empreendimentos energéticos na região.

Somadas, as duas usinas terão capacidade para gerar 6.540 MW de potência. Só que o governo esqueceu de contemplar os potenciais impactos das mudanças climáticas no sistema energético brasileiro e não simulou eventual perda de vazão (a quantidade média anual de água que aflui para as usinas) nos reservatórios projetados para a região.

Pelos cálculos apresentados no estudo “Mudanças Climáticas e Segurança Energética no Brasil”, essa perda poderá chegar a 15% nas duas usinas. O trabalho, de

autoria de Roberto Schaeffer e Alexandre Szklo, ambos da Coppe/UFRJ, é o primeiro que cruza variáveis ambientais com o Plano Nacional de Energia 2030, produzido pela EPE.

Bacia do São Francisco pode perder até 26,4% de vazão O estudo será apresentado hoje ao diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Jerson Kelman, e ao presidente da EPE, Maurício Tolmasquim.

Schaeffer e Szklo pinçaram do Relatório Especial sobre Cenários de Emissões, do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, sigla em inglês), as variáveis ambientais que utilizaram para simular impactos futuros no planejamento energético brasileiro. Eles usaram dois cenários: um de baixas emissões de gases de efeito estufa e, portanto, mais otimista (1); e outro, de altas emissões de gases de efeito estufa, que tende a elevar enormemente a temperatura da Terra, ou seja, mais pessimista (2).

— Ainda que não tenhamos simulado a bacia do Rio Madeira, simulamos a do TocantinsAraguaia, que guarda enormes semelhanças. Nos dois cenários, a perda de energia tende a ser maior ao longo do tempo do que os 15% projetados como perda de vazão nos reservatórios — admitiu Schaeffer.

Apesar dos impactos previstos para o Norte, o Nordeste será a região mais afetada. A queda de vazão poderá sofrer uma redução média de 8,6% no cenário 1 e de 10,8%, no 2. As usinas mais afetadas, segundo o estudo, seriam as da bacia do São Francisco, que registrariam uma queda de 23,4% no cenário mais pessimista e de 26,4%, no cenário mais otimista.

— A se confirmarem essas quedas de vazão média, haveria efeitos negativos na produção total de energia média gerada pelas hidrelétricas, que cairia 1% no cenário 1 e 2,2% no cenário 2 — comentou Schaeffer, acrescentando que o efeito mais acentuado seria nas usinas do rio São Francisco, onde a produção de energia poderia cair até 7,7%.

Mesmo contando com um banco de dados de 77 anos, os autores do trabalho estão convencidos de que a Aneel, a EPE, o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) e a Agência Nacional de Águas (ANA) não podem mais ignorar as variáveis ambientais para planejar energeticamente o país.

É que esses padrões de previsibilidade das chuvas brasileiras não são mais suficientes para os tempos modernos.

Os dados históricos de chuva no Brasil vêm sendo acumulados desde 1931.

Fontes alternativas também sofrerão impacto climático Até as fontes alternativas de energia serão afetadas pela mudança do clima. É que, se, por um lado, as fontes renováveis são uma saída para abrandar os efeitos da mudança do clima; de outro, por serem fontes dependentes das condições climáticas, estão potencialmente sujeitas a impactos do próprio fenômeno que pretendem evitar.

— Uma parte desses efeitos negativos sobre a produção de matérias-primas para o biodiesel no Nordeste poderá ser compensada pela abertura de novas áreas de cultivo no Sul — avaliou.

Schaeffer comentou que a canade-açúcar para produção de álcool não sofrerá impactos relevantes, já que é uma planta que tolera altas temperaturas, desde que haja mais umidade no solo, através de irrigação ou chuva.

Já a produção de biodiesel pode ser negativamente afetada pela mudança do clima, sobretudo no Nordeste, onde algumas áreas podem se tornar inadequadas para o cultivo de oleaginosas como a mamona e a soja. O estudo não chegou a quantificar, como fez no caso das hidrelétricas, uma eventual redução da produção provocada pela mudança do clima.

— Só que a incerteza embutida na projeção das vulnerabilidades do setor de energia no Brasil às mudanças climáticas não é razão para que o país deixe de se preparar para elas — concluiu Schaeffer.

**“A incerteza embutida na projeção das vulnerabilidades do setor de energia às mudanças climáticas não é razão para que o país deixe de se preparar para elas
Roberto Schaeffer, da Coppe**

Sem fundamento - O Globo – Opinião – Editorial – 08/06/2008

O primeiro choque do petróleo, no início da década de 70, induziu o governo Geisel a lançar o Proálcool. Na década de 80, o programa chegou ao auge, mas também quase acabou, por causa do desvio de açúcar para a exportação, o que deixou os postos desabastecidos.

O avanço tecnológico, porém, com a criação dos motores flex, restabeleceu a confiança no carburante, as usinas se modernizaram e o poder público voltou a estimular o uso do combustível alternativo.

Deu certo, e numa dimensão que, na década de 70, seria impensável.

Afinal, o mundo, acossado pelo aquecimento global, deflagrado pela queima de combustíveis fósseis — petróleo, o mais importante deles —, passou a encarar os biocombustíveis como uma alternativa real. Mas o tema não está blindado contra incompreensões. A principal delas se refere ao suposto conflito entre a cana-de-açúcar e o cultivo de alimentos: quanto mais se produza álcool, menos espaço haverá para grãos, gado etc, encarecendo a cesta de alimentos da população.

O risco existe, mas não no caso brasileiro.

Ao contrário de outros países, o Brasil tem espaço de sobra para aumentar a produção de biocombustíveis sem inflar o custo de vida.

Além disso, não usa produto importante na cadeia alimentar para obter álcool. Ao contrário, por exemplo, dos Estados Unidos com o milho.

Referências feitas ao assunto no Congresso da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), em Roma, indicam que, se a ONU já começa a entender a diferença entre o álcool brasileiro e o americano, ainda há mal-entendidos.

Até por causa de todos os interesses em jogo, é preciso se ater a números. Ei-los: dos cerca de 60 milhões de hectares cultivados no país, apenas 10% são plantados com cana, dos quais metade fornece açúcar e a outra metade, álcool.

Existem ainda outros 90 milhões de hectares agricultáveis, dentro de um total de 200 milhões de hectares de pastagens. Quer dizer, o Brasil, já um dos maiores produtores agropecuários do mundo, pode mais que dobrar o tamanho da sua agricultura. E sem precisar devastar a Amazônia — outro temor dos que se assustam com o álcool.

Se se considerarem os ganhos de produtividade que serão conseguidos pela tecnologia agrícola — área em que o país é muito desenvolvido —, aí é que as preocupações com os biocombustíveis brasileiros são totalmente debeladas.

Uma nota só – Adriano Campolina – O Globo – Opinião – Editorial – 08/06/2008

Na cúpula da ONU para a Agricultura e a Alimentação (FAO), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez um discurso sobre agrocombustíveis e alimentos, e disse que os dedos que apontam contra o etanol estão sujos de óleo e carvão.

O governo brasileiro deve impedir que o dedo que produz etanol esteja sujo com trabalho escravo e degradação ambiental. É surpreendente que um governo que obteve sucesso no combate à fome se encante com a política de uma nota só, a da produção de agrocombustíveis.

Não se combate a fome com etanol, mas com políticas públicas.

Como evitar que a produção de agrocombustíveis desloque a produção de alimentos? A questão é saber que medidas concretas em termos de regulação do crédito, de infra-estrutura e de incentivos o governo vai adotar para que Brasil não corra o risco de vir a substituir alimentos por cana-de-açúcar para etanol.

A produção de etanol a partir da cana-de-açúcar provoca danos sociais e ambientais sérios, com reflexos na segurança alimentar e nutricional dos mais pobres. É preciso restringir a expansão da produção da cana para as áreas de produção de alimentos, como também garantir que a produção se ajuste aos critérios ambientais e que produza empregos de melhor qualidade.

Uma saída é a proposta do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) de estabelecer uma regulação sobre a expansão das monoculturas, com atenção sobre aquelas dirigidas à produção de agrocombustíveis. E ainda vedando-se o financiamento público àquelas cuja expansão se dá sobre áreas de produção de alimentos ou preservação florestal.

Os agrocombustíveis são uma provável alternativa para atender à demanda local por energia, mas é preciso que se diferencie a produção do agronegócio da dos agricultores familiares. Esta última, para uso local, é também importante na geração de renda e economia de produção de CO₂ em nível global.

Devemos defender a moratória efetiva de cinco anos no uso de produtos alimentícios para a produção de agrocombustíveis e na expansão da cana-de-açúcar em terras que estão produzindo alimentos.

A energia limpa que vem das usinas térmicas - Tulio Brandão – O Globo – O Rio – 08/06/2008

Estado obriga empreendedor de usinas a carvão, gás e óleo a gerar percentual de eletricidade a partir de fontes renováveis

O estado do Rio começa a iluminar o caminho rumo ao desenvolvimento sustentável.

A Secretaria estadual do Ambiente criou, dias atrás, um mecanismo de compensação energética que prevê como contrapartida aos empreendedores interessados em licenciar usinas de energia fóssil — carvão, óleo combustível e gás natural — o investimento obrigatório em unidades que produzem energia limpa vindas do lixo, do bagaço de cana, de pequenas centrais hidrelétricas e do vento.

A decisão foi tomada pelo ex-secretário do Ambiente, Carlos Minc, depois de levantamento das fontes de emissão de gases de efeito estufa. O estudo concluiu que o principal emissor é o setor energético.

Licença ambiental só depois de realizada a compensação A ex-superintendente de Clima do estado, Suzana Kahn — agora ao lado de Minc no governo federal — explicou que o mecanismo de compensação energética se dará a partir da capacidade instalada de energia das usinas de carvão, óleo combustível e gás natural que solicitarem licenciamento ambiental. Os empreendedores serão obrigados a instalar unidades de energia renovável capazes de gerar de 3 a 5% da potência total gerada na planta principal, de energia fóssil.

— Eles poderão escolher em que energia renovável investir.

Terão, ainda, a opção de trocar um percentual da contrapartida por projetos de eficiência energética, que reduzam, por exemplo, os gastos de energia em prédios públicos — disse Suzana, em seu último ato no governo estadual.

A compensação energética será exigida durante o licenciamento ambiental. De acordo com o presidente da Feema, Axel Grael, o empreendedor só receberá a licença de operação (L.O.) para a usina principal se a unidade de energia renovável também estiver pronta.

Estado vai estimular queima de lixo e de bagaço de cana O primeiro grande empreendimento a ter que realizar a compensação é a Usina Termelétrica do Complexo Portuário de Açú, de Eike Batista. De acordo com Axel, o empreendimento, que está em fase de licenciamento, terá capacidade instalada de cerca de 2.100 megawatts.

Como a usina é a base de carvão, o empreendedor terá que criar unidades de energia renovável capazes de produzir aproximadamente 100 megawatts.

Axel explicou ainda que o investimento poderá ser feito em usinas de energia limpa que já estão em licenciamento. Entre outras, há duas eólicas na Região dos Lagos e uma pequena central hidrelétrica entre Bom Jardim e Cordeiro.

Para facilitar a identificação das potenciais energias limpas, a secretária do Ambiente, Marilene Ramos assinou semana passada um convênio com a Empresa de Pesquisa Energética (EPE). No encontro, a secretária deixou claro que pretende estimular o desenvolvimento das queimas de lixo e de bagaço de cana, hoje praticamente esquecidas no estado. O presidente da EPE, Maurício Tolmasquim, defendeu as tecnologias: — A geração de energia com lixo não é competitiva em termos econômicos. A energia elétrica é um co-benefício. A vantagem está na saúde pública: o Brasil gasta cerca de R\$ 400 milhões para atender 600 mil pessoas com problemas de saúde decorrentes do saneamento. O bagaço de cana no Rio também deve ser estimulado. No último leilão de energia, várias usinas de bagaço de cana ofereceram energia. Nenhuma fluminense.

Marilene anunciou, durante a reunião, que vai se aproximar da Secretaria de Agricultura para estimular o uso do bagaço na geração de energia.

A Usina Verde, empresa que detém uma das patentes de incineração de lixo, comemorou a adoção do mecanismo de compensação energética.

— O mecanismo vai estimular investimentos e grupos empresariais a adotarem as tecnologias sustentáveis já disponíveis.

No caso do lixo, o tratamento térmico, já utilizado em vários países, evita a contaminação da água, combate o efeito estufa provocado pela emissão do metano,

reduz os índices de doenças decorrentes da falta de saneamento e dá mais dignidade e segurança aos catadores — disse o presidente da empresa, Henrique Saraiva, que dispõe de uma usina-protótipo montada na Ilha do Fundão para apresentar a tecnologia.

Como funciona a compensação

Licenciamento ambiental para empreendimento de geração de energia

TIPOS DE USINA

Carvão • Óleo combustível • Gás natural

A compensação: o empreendedor tem que construir uma unidade de geração de energia renovável, escolhendo entre quatro modalidades. A produção desta unidade deve representar de 3% a 5% da capacidade instalada da usina principal

UM CASO RECENTE A termelétrica do Porto de Açu, no Norte do Estado do Rio, produzirá 2.100MW. A usina de energia renovável vai gerar 105MW

AS MODALIDADES DE ENERGIA RENOVÁVEL PREVISTAS COMO CONTRAPARTIDA

Eólica

As hélices, movidas pelo vento, acionam uma turbina que gera eletricidade na própria torre. Uma torre de 100m, por exemplo, gera 1,5 MW

Incineração de lixo

Uma caldeira aproveita o vapor gerado pelos gases quentes (1000°) dos resíduos incinerados para gerar energia elétrica

Bagaço de cana

A sobra da cana-de-açúcar é usada como combustível para aquecer a água armazenada em caldeiras. O vapor movimenta turbinas que geram eletricidade

Outras formas

GÁS DO LIXO

Aproveitamento do lixo para produção de energia, já consagrada, é a queima do gás metano em aterros sanitários PCH As pequenas centrais hidrelétricas (PCH) são também uma opção muito comum no estado

Presidente critica países que responsabilizam o etanol pela crise dos alimentos – Sítio Eletrônico do MAPA – 03/06/2008

Brasília (3.6.2008) - Em discurso na abertura da Conferência da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez um apelo ao fim da fome e criticou, duramente, os países que atribuem ao Brasil e às produções de etanol e biocombustíveis, a responsabilidade pela crise dos alimentos no mundo. O encontro, que começou nesta terça-feira (3), em Roma, discute o tema “Segurança Alimentar, Mudanças Climáticas e Bioenergia”. *(Da Redação com informações da Radiobras).*

Delfim Netto defende programa brasileiro de biocombustível na Embrapa – Sítio Eletrônico do MAPA – 06/06/2008

Brasília (6.6.2008) - Em palestra proferida na quinta-feira (5), na unidade de Instrumentação Agropecuária da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em São Carlos (SP), o ex-ministro e deputado Delfim Netto defendeu o programa brasileiro de biocombustíveis e disse não existir possibilidade de crise energética no Brasil.

De acordo com Delfim Netto, o País poderá ter custos mais elevados devido ao petróleo e à energia nuclear. “Mas não teremos crise e as possibilidades do Brasil nesse campo são enormes”, afirmou. Lembrou ainda que 44% da matriz energética brasileira já é renovável (álcool, hidrelétrica e carvão vegetal, com grande predominância dos dois primeiros), comparados com uma participação de apenas 15% em todo o mundo.

Mencionou o discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na conferência da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura), onde defendeu a produção do álcool brasileiro.

Para Delfim Netto nos próximos 20 anos o Brasil não terá crise de contas públicas, de transações correntes com o exterior ou de energia. “Pois, pela primeira vez, o Brasil está pensando, em macroeconomia, nos próximos 25 anos e não apenas em curto prazo”.

O presidente da Embrapa, Silvio Crestana, manifestou seu otimismo com a mudança da matriz energética para os biocombustíveis, cujos estudos e pesquisas começam a se tornar prioridade na Embrapa. “Chegou a hora e a vez do Brasil, na agricultura para alimentos e para agroenergia, apesar dos gargalos que ainda temos, como infra-estrutura e encarecimento de alguns insumos, como os fertilizantes químicos”, ponderou. *(Dilma Duarte com informações de Jorge Reti/Embrapa)*

Estudo investiga efeitos do aquecimento - Chico Santos – Valor Econômico – Brasil - 02/06/2008

Um estudo produzido por uma equipe de oito técnicos da Coordenação de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppe-UFRJ) para medir os efeitos de uma provável elevação da temperatura no Brasil ao longo deste século, provocada pelo efeito estufa, sobre a produção de energia elétrica no país concluiu que as modalidades de geração mais afetadas seriam a energia hidrelétrica e a eólica. A primeira perderia até 10,8% das vazões médias das oito bacias estudadas e até 2,2% da capacidade de geração entre 2071 e 2100. A segunda perderia até 60% do potencial de geração, pela redução da velocidade dos ventos.

Geograficamente, a área mais afetada seria a região Nordeste, seguida da região Norte. No Nordeste, a desertificação pode provocar perda de até 7,7% na geração hidrelétrica da bacia do São Francisco. Do ponto de vista da demanda, o trabalho conclui que o consumo energético pode aumentar até 8%, provocado pelo uso mais intensivo de aparelhos de ar condicionado.

Denominado "Mudança Climática e Energia - Impactos no Brasil", o trabalho é parte de um estudo mais amplo encomendado pelo governo do Reino Unido a instituições de pesquisa brasileiras sobre os efeitos das mudanças climáticas. Além da energia, estão sendo estudados os efeitos sobre a agricultura, a saúde e as migrações.

No estudo sobre energia, os técnicos da Coppe constatam também que poderá haver um pequeno impacto na capacidade de geração térmica a gás, porque a elevação da temperatura e a redução da umidade reduzem a eficiência das turbinas, e previram a inviabilidade da produção de soja e mamona, bioenergéticos, no Nordeste, compensada pela alta no Centro-Sul.

Os técnicos da Coppe utilizam a maior parte da longa introdução do estudo para ressaltar a carência de dados que permitam dar maior precisão ao estudo e, por isso, concluem que seus resultados "devem ser encarados mais como uma possibilidade do que como uma previsão de fato".

O estudo, que estará sendo apresentado hoje, no Rio de Janeiro, utiliza dois cenários de emissões de óxido de carbono (CO₂) propostos pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, IPCC na sigla em inglês. No primeiro, de emissões altas, o crescimento econômico e tecnológico é lento e desigual entre as regiões do mundo. No segundo, as emissões são baixas, é crescente a preocupação sócio-ambiental e a população do mundo cresce menos.

Lula vai a Roma defender etanol em reunião da ONU - Assis Moreira – Valor Econômico – Internacional –02/06/2008

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva elevou o tom ontem às vésperas do encontro sobre segurança alimentar no mundo, no que se torna um debate entre alimentos e biocombustíveis. O encontro reunirá dezenas de chefes de Estado na Agência das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), em Roma, de amanhã até quinta-feira.

Para Lula, o vilão não é o etanol, e sim o preço do petróleo, pela alta de preços dos alimentos e pelo retorno da inflação ao centro das preocupações globais. Disse que nenhum país tem autoridade moral ou política para criticar o etanol brasileiro e culpou a especulação com o preço do petróleo nos mercados futuros.

Em entrevista de uma hora concedida sob os afrescos da Galeria Cortona, no palácio da embaixada brasileira na Piazza Navona, o presidente chegou a suar ao desmontar os argumentos que vinculam a alta de preços dos alimentos à crescente produção de biocombustíveis.

Durante a entrevista, o presidente Lula exibiu uma cópia da revista especial sobre etanol que o Valor publicará nesta terça-feira e que será distribuído em inglês durante a conferência da FAO. "Estamos aqui com um material publicado pelo Valor, de extraordinária consistência", disse. Acrescentou que foi melhor do que ter sido feito pelo governo, numa referência à credibilidade do material.

"Não vamos nos curvar diante das críticas que nos fazem, quando por trás há interesses eminentemente econômicos e comerciais", afirmou Lula, sem citar expressamente os produtores de petróleo. "O Brasil hoje não é coadjuvante. Fica mais visado e as pessoas começam a bater. Nessa guerra comercial não temos de ficar nervosos, temos de entrar nela preparados. O Brasil faz esse debate inclusive quando tem auto-suficiência em petróleo."

Pronto a combater idéias que "o mundo desenvolvido tenta levantar", Lula notou que "estranhamente" os ricos não discutem a incidência do preço do petróleo no transporte de alimentos no mundo e na produção de fertilizantes.

"Vivemos uma especulação no mercado futuro de petróleo, não tem sentido o barril estar a US\$ 140", apontou. "Dizer que é apenas pelo consumo na China não é convincente. O preço do petróleo na bomba de gasolina não chega a US\$ 35 o barril. Tem muita gente ganhando dinheiro no mercado futuro com o preço do petróleo."

Mas admitiu os limites de um debate entre consumidores e produtores na ONU. Ilustrou que, quando a presidente do Chile, Michelle Bachelet, perguntou ao presidente da Venezuela, Hugo Chávez, porque ele não reduzia o preço do petróleo, a resposta foi direta. "Não é problema meu, é problema do mercado", retrucou o socialista Chávez.

Ele acha que a especulação do preço do alimento está controlada no Brasil. As altas de feijão e leite, responsáveis por 0,7 ponto percentual da inflação brasileira, eram dois problemas sazonais, segundo ele. No mercado externo, "não temos controle".

Lula minimizou o impacto de uma medida para proibir plantar cana na Amazônia, que poderia ser um símbolo para contrapor-se às críticas externas. Retrucou que, "mais que proibir, queremos mostrar como fazer corretamente o manejo da floresta, para utilizar uma parte inclusive para a indústria da madeira". Reiterou que não se vai plantar cana na Amazônia e nem precisa utilizar mais terra na Amazônia para produzir soja.

O presidente subiu então a voz: "Ninguém no mundo tem autoridade moral de falar da questão ambiental no Brasil", declarou. "Nenhum país no mundo tem autoridade moral e política para falar de conservação ambiental e de etanol conosco. Até porque a União Européia só tem 0,3% da sua mata original. Quando falar com o Brasil, primeiro olhe no seu lado."

Já o Brasil, argumentou, tem "69% da mata virgem em pé, tem parques de conservação maiores do que muitos países europeus, além das reservas indígenas, e um levantamento vai demarcar o que pode ou não plantar".

"Não posso admitir que países que depenaram suas florestas venham agora dar palpites na nossa Amazônia. Ela é nossa, com a responsabilidade de quem sabe que lá tem 25 milhões de pessoas que precisam trabalhar", sem necessariamente usarem motosserras para poderem sobreviver.

Acrescentou que tem dito a empresários brasileiros que cuidar do meio ambiente é uma vantagem comparativa para o Brasil nas negociações internacionais. "Hoje não se pode esconder mais. Porque as fotos de satélite conseguem saber quase em tempo real as queimadas", avisou.

Também na questão social, o presidente reagiu a denúncias de ONGs sobre o trabalho duro dos cortadores de cana. "Trabalho na cana é duro, mas não é mais duro do que trabalho em mina de carvão, que foi base do desenvolvimento na Europa", retrucou.

Lula disse que o Brasil está "pronto e apto" a acabar a qualquer momento com o cortador de cana. O problema é saber onde vai colocar mais de 1 milhão de trabalhadores. "Uma máquina substitui até 90 trabalhadores na cana. (Mas) se não fizer isso de forma organizada e paulatina, tira o trabalhador do trabalho pesado para uma sarjeta em São Paulo."

Ele anunciou que o governo trabalha com a Unica, representante dos produtores de cana em São Paulo, para fazer um contrato nacional que melhores condições de trabalho na cana-de-açúcar.

Ele repetiu que cabe ao Brasil demonstrar que é plenamente possível compatibilizar produção de etanol com produção de alimentos e manutenção da floresta, e que nenhum país vai passar dificuldade por causa de etanol.

Contra certas evidências, o presidente insistiu que o Brasil não está isolado na luta pelo etanol. Exemplificou que a Embrapa prepara planos com 17 países africanos e que na América Central só Nicarágua duvida do etanol. Até Cuba, onde Fidel Castro antes atacou o biocombustível, agora estaria pronto a produzir, segundo Lula. O ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, que acabava de chegar de Havana, preferiu não comentar a afirmação presidencial.

O presidente fez menção ao que parece ser seu credo também na área política. "Quando a gente é oposição, acha tudo. Quando chega no governo, não acha nada, só faz o que é possível fazer", disse. "Você nunca vai esperar que um adversário fale bem do outro."

Presidente exhibe 'carro verde' e estudo do Inmetro – Valor Econômico – Internacional - 02/06/2008

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva chegou a Roma com dois exemplos para demonstrar o valor do etanol como alternativa energética, diminuir o enfoque da energia sobre a agricultura e assim diluir críticas do uso de terra na produção de biocombustível.

Primeiro, o estudo que mandou o Inmetro fazer com dois carros com a mesma potência de motor e correndo à mesma velocidade. O resultado é que o carro movido a gasolina emite 8,5 vezes mais gases efeito-estufa do que o veículo usando etanol - ou seja, prova a eficácia do biocombustível no combate ao aquecimento climático.

O outro exemplo é o protótipo do primeiro carro verde do mundo, numa parceria da Braskem com a montadora japonesa Toyota. "Ando no meu avião com esse protótipo, onde tudo que é plástico não é mais de derivado de petróleo, mas de cana de açúcar", disse Lula.

A primeira-dama, dona Marisa, trouxe o protótipo para o presidente mostrar aos jornalistas. E Lula logo emendou: "Com o primeiro carro verde do mundo, (o consumidor) não precisa beber mais álcool, é só cheirar o carro que está resolvido o problema".

A Braskem está produzindo o plástico, usando derivados do etanol, na petroquímica Triunfo, no Rio Grande do Sul. A companhia indica que um bom número de companhias automotivas, de embalagens etc, querem mesmo se associar ao projeto, em vez de serem apenas compradores.

Para o presidente, tudo isso mostra que o Brasil tem a matriz energética do futuro. A questão que o país enfrenta é se, quando o Brasil resolve fazer uma alternativa energética, o etanol tem qualidade e sustentabilidade.

Por isso, disse que a Petrobras está criando uma subsidiária específica para cuidar de biocombustíveis, afim de dar garantia aos sócios de que tem qualidade e pode suprir a demanda.

ONGs, que antes defendiam o etanol, procuram mudar o debate da relevância da energia para a agricultura. Mas esse debate não pode ser considerado como a última palavra das Nações Unidas sobre etanol. É apenas uma análise pelo principal órgão da ONU do ponto de vista de agricultura. Na verdade, há uma disputa interna na ONU sobre quem vai cuidar prioritariamente de etanol, ante sua relevância no debate global.

Vai ser interessante observar na FAO a posição dos países africanos. Para fontes brasileiras, eles estão sendo muito pressionados por ONGs, que demonizam o

biocombustível. O Brasil foi muito atacado por países africanos na conferência de biodiversidade, semana passada em Bonn (Alemanha).

A tendência é cada vez mais de se criticar os combustíveis nos EUA e na UE. Mas até isso é sensível para o Brasil. O etanol só teve mais impulso na UE porque o lobby agrícola gostou, achando que iria ganhar. Se é para importar do Brasil, o mesmo lobby pode acabar se juntando às ONGs e querer derrubar os planos da Comissão Europeia.

Em Roma, o presidente Lula anunciou que o Brasil está convocando um grande seminário internacional nos dias 20 e 21 de novembro para discutir alternativas concretas como nova matriz energética. "A verdade nua e crua é que o Brasil apresentou a única alternativa consistente no mundo", completou. (AM)

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Zoellick quer fim de barreira a álcool do Brasil – Folha de São Paulo - Dinheiro – 04/06/2008

Robert Zoellick, o homem que certa vez disse que, se o Brasil se recusasse a aderir à Alca (Área de Livre Comércio das Américas) teria como único mercado a Antártida, agora defende que seu país, os EUA, reduzam as barreiras para permitir que o Brasil venda seu biocombustível no mais portentoso mercado do planeta. Entenda-se o contraste: em 2002, Zoellick era o chefe do USTR (espécie de ministério do comércio exterior). Negociava acordos comerciais, entre eles o da Alca, hoje em hibernação profunda. Quando fez o comentário sobre a Antártida, Lula era candidato a presidente e respondeu que não faria comentários sobre declarações do "sub do sub do sub". Hoje, Zoellick está longe de ser "sub" do que quer que seja. É o presidente do Banco Mundial, embora a pasta que carregue, já bastante desgastada, continue levando o emblema do USTR.

FOLHA - O presidente Lula reclama que todos falam do preço de alimentos, mas ninguém fala da alta do petróleo ou da especulação nos mercados futuros de alimentos. Por quê?

ROBERT ZOELLICK - Há umnexo entre preços de energia e preços de alimentos, não há dúvida. Estão interligados de tal forma que preços elevados de energia fazem subir o de fertilizantes e impõem uma carga aos pequenos produtores. Pelos dados que vi, o preço do petróleo reflete uma maior demanda. O fornecimento caiu cerca de 3% a 4% no último ano enquanto a demanda mundial aumentava. Mas não vi evidências de que a especulação com commodities esteja afetando os preços. O fundamental a fazer, com o petróleo, é a mesma coisa a fazer no capítulo alimentação, que é expandir a oferta.

FOLHA - O etanol é parte da solução?

ZOELLICK - É importante não pôr o etanol como causa do problema. É só um entre muitos fatores e é preciso diferenciar entre etanol derivado de cana, que parece ser mais favorável à preservação ambiental e não distorcer preços de alimentos. É importante também fazer essa distinção para o etanol derivado da celulose. É uma segunda geração que poderia estender a produção de energia, sem distorcer o mercado de alimentos. No caso dos EUA, se há um mandato que requer uma quantidade de biocombustível e você o subsidia, com uma tarifa [de importação], isso não faz sentido. O que se deveria fazer é reduzir barreiras não só para o biocombustível brasileiro mas para biocombustíveis africanos baseados na cana.

País quer quebrar patente de energia limpa – Renate Krieger – Folha de São Paulo – Ciência – 05/06/2008

Idéia foi lançada em reunião da Convenção do Clima da ONU e se inspira em acordo na área de remédios

O Brasil quer considerar critérios para licenciamentos compulsórios (quebra de patentes) em situações de emergência ligadas às mudanças climáticas. A idéia foi lançada durante as negociações da Convenção do Clima da ONU (UNFCCC), que, desde o início desta semana, realiza uma segunda rodada de oito reuniões técnicas. Até o fim de 2009, os encontros vão elaborar um plano de ação que substituirá o protocolo de Kyoto, em 2013. Diante de representantes de 172 países reunidos em Bonn, o Brasil citou o acordo da OMC (Organização Mundial do Comércio) de 2003, que permite a quebra de patentes de medicamentos em circunstâncias de urgência, como exemplo para um mecanismo de cessão obrigatória de licenças. O mesmo raciocínio valeria para a transferência de tecnologias de energia limpa a países pobres.

O Brasil sugeriu também que os países ricos considerem criar um fundo para facilitar a compra de licenças de uso de tecnologia por países pobres.

O dinheiro do fundo seria distribuído aos emergentes em condições facilitadas. Assim, estes poderiam comprar a chamada tecnologia "limpa", atualmente muito cara e protegida pelas empresas dos ricos.

China e Gana também apresentaram propostas parecidas com a do fundo citado pelo Brasil. "Por ora, não tenho a mínima idéia de como esse fundo será criado", disse o responsável da delegação chinesa. O dinheiro poderia ser adquirido no mercado de carbono.

Outra idéia brasileira é que o setor público dê incentivos para a transferência de tecnologia no interior de empresas multinacionais. Assim, subsidiárias em países emergentes poderiam desenvolver novas tecnologias para coibir os efeitos das mudanças climáticas.

"Idéias na mesa" - Apesar de lançarem idéias, as delegações reunidas em Bonn não esperam muitos resultados concretos deste encontro da UNFCCC. "O objetivo é colocar todas as propostas na mesa e obter sinais concretos dos governos para [começarem] as negociações", disse o brasileiro Luiz Alberto Figueiredo Machado, ministro do Itamaraty que preside o grupo que negocia o acordo pós-2012.

Seguindo o acordo firmado em Bali em dezembro do ano passado, a reunião na Alemanha é a segunda etapa de negociações para o acordo pós-Kyoto, que deverá ser estabelecido em 2009, em Copenhague.

Em agosto, a próxima reunião da Convenção, em Acra (Gana), deverá discutir a redução de emissões do desmatamento e degradação de florestas em países em desenvolvimento (REDD, na sigla em inglês) e uma proposta japonesa de avaliar as obrigações ambientais de diferentes setores da indústria. A última reunião de 2008, em dezembro, na Polônia, avaliará o processo global das mudanças climáticas. Yvo de Boer, secretário-executivo da Convenção do Clima, afirmou no início das conversas em Bonn que "o ponto crítico é como gerar recursos financeiros suficientes para colocar a tecnologia limpa no mercado".

Lula não convence o mundo sobre vantagens do álcool – Clovis Rossi - Folha de São Paulo – Dinheiro – 05/06/2008

Ban Ki-moon, da ONU, quer "aprofundar investigação" sobre biocombustíveis - Discurso de Lula em Roma, em favor do etanol derivado da cana, não seduziu o mundo, especialmente o secretário-geral da ONU

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon (dir.), durante discurso em Roma, ao lado do diretor-geral da FAO, Jacques Diouf

O apaixonado discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em favor do etanol derivado da cana-de-açúcar, pronunciado ontem na Cúpula sobre Segurança Alimentar, não convenceu o mundo, se por mundo se entender a Organização das Nações Unidas. Vinte e quatro horas depois de Lula afirmar que os biocombustíveis "são decisivos no combate ao aquecimento global e podem jogar um papel importantíssimo no desenvolvimento econômico e social dos países mais pobres", o secretário-geral da ONU, o coreano Ban Ki-moon, disse ser necessário "aprofundar a investigação" em matéria de biocombustíveis para chegar a um consenso, que ele considera "chave" para as políticas de produção de biocombustíveis.

A avaliação do secretário-geral coincide quase literalmente com o que deverá constar do comunicado final da cúpula, a ser divulgado hoje. Conforme a Folha já informou, o esboço do texto fala da necessidade de "estudos em profundidade" sobre biocombustíveis e propõe um "diálogo internacional" sobre eles.

Tanto as afirmações de Ki-moon como o esboço do texto final refletem a controvérsia que cerca os diferentes tipos de etanol. Há virtual consenso de que o etanol derivado do milho, produzido pelos Estados Unidos, é o equivalente ao "mau colesterol", na comparação feita por Lula.

Há apoio majoritário ao etanol derivado da cana-de-açúcar, o do Brasil, mas a praxe tem sido a de não separar o milho da cana, o que provoca a falta de consenso apontada pelo secretário-geral da ONU.

Falta de consenso que se estende ao mundo das ONGs (organizações não-governamentais), que fazem em Roma sua cúpula paralela, batizada de "Terra Preta". Andrea Ferrante, presidente da Associação Italiana de Agricultura Biológica, criticou ontem as políticas agrícolas internacionais, que "favorecem a produção de agrocombustíveis, em vez de cultivos para a alimentação".

Lula cansou-se de dizer que, no caso do etanol derivado da cana-de-açúcar, não há essa substituição. Cresceram, no Brasil, tanto a produção de açúcar como a de álcool. O que ajuda a fazer com que os dois etanóis se misturem é que monopolizam a produção mundial: representam, juntos, 80% da produção mundial e 90% do uso para fins energéticos.

Sem estrutura mundial - No âmbito específico da cúpula de Roma, os biocombustíveis acabaram chamando para eles o foco de atenção por outros motivos: primeiro, a única coisa em que todos estão de acordo é em canalizar recursos para os países mais pobres poderem dar de comer à massa de miseráveis que já comia pouco e mal mas tornou-se famélica ante a disparada dos preços dos alimentos.

Só falta agora que cada governo defina a quantidade de dinheiro que desembolsará para o plano de emergência desenhado pela FAO (braço da ONU para o setor de alimentação).

Segundo, os governantes não encontram como interferir nos mecanismos de mercado que, como eles próprios dizem repetidamente, determinam o preço do petróleo, cuja disparada afeta diretamente os alimentos. Tampouco podem atuar contra a especulação nos mercados futuros, outro fator que provocou aumentos no preço dos alimentos. A discussão fica, então, concentrada em um mercado -o de biocombustíveis- que nem sequer está estruturado mundialmente, por mais que o governo brasileiro venha se esforçando para isso.

O Lobo e o Etanol – Rogério Cezar de Cerqueira Leite – Folha de São Paulo – Opinião – 06/06/2008

"AD RIVUM eundem Lupus et Agnus venerant siti compulsi: superior stabat Lupus longeque inferior Agnus", e o Lobo acusa o Cordeiro de estar sujando a sua água, que bebia rio acima.

Prefiro o elegante e sintético Fedro ao pedante e prolixo La Fontaine. Essa é a mais popular fábula atribuída a Esopo, seja na versão latina, seja na francesa, seja na mais atual delas, a poliglota, que se refere ao etanol.

O Lobo começou acusando o Etanol de ser proveniente de monocultura. Ora, esqueceu-se de que todo o arroz, todo o milho, toda a soja, todo o trigo, enfim, todos os cereais do mundo são de monocultura. E ninguém reclama. E o vinho. Tudo bem viver sem arroz, sem milho, mas sem Borgonha, sem Bordeaux... E sem o uísque escocês, que, como a boa cerveja européia, vem da cevada (a brasileira é feita de milho, eufemisticamente chamado de cereal maltado). Todos de monoculturas.

Nem sequer se fez necessário argumentar. A acusação era tão ridícula que o Lobo logo passou a acusar o Etanol de invadir a Amazônia. Ora, dentre as 300 usinas já em operação e outras cento e poucas em diferentes fases de implantação, só uma lá se arriscou, e foi iniciativa de uma indústria americana de refrigerantes, a Coca-Cola (será que o Lobo vai boicotar a Coca-Cola?).

E a principal razão pela qual ninguém lá se aventura é que seria pura burrice. O clima é adverso, o solo é inapropriado, a infra-estrutura é péssima. Favoráveis à cultura canavieira na Amazônia só são certos gananciosos e irresponsáveis governadores e prefeitos da região, mas nenhum arriscaria um só tostão do próprio bolso em tão inepta aventura.

Pois bem, desmascarado esse argumento, lá vem o mal-intencionado Lobo com outra desabusada acusação. Os biocombustíveis seriam a razão do aumento dos preços dos alimentos e provocarão a fome no planeta Terra inexoravelmente, cedo ou tarde.

Ora, o Lobo sabe muito bem que a China, por exemplo, aumentou por um fator de dez sua importação de soja (de cerca de 3 milhões de toneladas para 30 milhões de toneladas) entre 1994 e 2004. Que essa mesma nação, que exportou 15 milhões de toneladas de milho em 2001, passou a importá-lo cinco anos depois.

E o mesmo acontece com os demais países emergentes. No Brasil, 30 milhões de brasileiros sobrepujaram a linha da pobreza e devem, portanto, estar comendo mais, senão melhor.

E será que o Lobo não percebeu que, no último ano, o petróleo dobrou de preço? E que, com isso, os preços do transporte de cereais aumentaram, os defensivos agrícolas dobraram seus preços e o frete marítimo entre 2002 e 2007 teve seus preços triplicados?

Mas até o consultor da ONU, principal aliada do Lobo, já se desdisse: "Eu não estava falando do Etanol brasileiro, mas do americano".

A fome da África, o Lobo bem que está sabendo, é culpa dos subsídios que ele mesmo dá às suas agriculturas. Torna-se um bom negócio produzir excedentes que são despejados na África a preços com os quais a agricultura local não consegue competir e perece. E então esses excedentes agrícolas são abruptamente reduzidos. O Lobo tem que engolir essa também.

E agora vem a última do furibundo animal, tirada do bolso do colete. Um argumento já surrado, caduco mesmo. A produção de álcool no Brasil seria anti-social, escravizante. Vamos "levar ao absurdo" esse argumento, técnica sistematizada por lógicos e matemáticos no século 19.

Vamos supor que o Brasil tivesse uma ditadura totalitária, feudal, com um regime sem representação popular, sem sistema judicial igualitário, enfim tudo o que a democracia tradicional condena. Então, certamente haveria razões humanitárias para boicotar o álcool brasileiro. Mas como o senhor Lobo explica o fato de que continua, docilmente, aconchegantemente, adquirindo petróleo de certos países do Oriente Médio, onde imperam os mais perversos sistemas políticos e sociais? Será que o petróleo seria um bálsamo saneador, purificador, devido às suas inequívocas conseqüências para o meio ambiente? É claro que todo esse esforço do Lobo não pode ser hipocrisia gratuita. Que há interesses inconfessos uivando na escuridão da ignorância popular. E quem são os beneficiários de eventual derrocada dos biocombustíveis? A quem o Etanol ameaça?

Ameaça as nações exportadoras de petróleo, as empresas que o produzem ou que o comercializam, certamente. Mas há outros, aqueles especuladores que precisam de um bode expiatório para os ganhos exagerados com o aumento de preços dos alimentos. E aquelas organizações, como Nações Unidas, FMI, Banco Mundial etc., que tinham como obrigação prever e prevenir o escasseamento e o insuportável aumento de preços de alimentos e conseqüentes ameaças de fome e nada fizeram e, agora, precisam de um bode expiatório. Eis aí as motivações do Lobo.

**ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE , 76, físico, é professor emérito da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e membro do Conselho Editorial da Folha*

Cúpula da fome nada propõe contra "situação dramática" – Clovis Rossi – Folha de São Paulo – Dinheiro – 06/06/2008

Reunião com 40 líderes mundiais em Roma termina com resolução aguada - Biocombustíveis não são condenados, mas posição de Lula de que produto pode alavancar países pobres também não é acolhida

Jacques Diouf, o diretor-geral da FAO, braço da ONU para Alimentação e Agricultura, havia dito, ao inaugurar na terça-feira a Cúpula sobre Segurança Alimentar, que havia passado o tempo das palavras e era hora da ação.

Dois dias depois, a cúpula termina sem ação alguma e quase sem palavras, porque o comunicado final foi sucessivamente adiado, para sair só no início da noite romana, em termos tão aguados que o chanceler italiano, Franco Frattini, reconheceu que o texto "é decepcionante". Emendou Frattini: "Se os líderes mundiais não conseguem pôr-se de acordo ao menos para evitar os danos de uma situação dramática de emergência alimentar, isso me preocupa".

A emergência já havia sido quantificada por Diouf no discurso inaugural, ao lembrar que há 832 milhões de pessoas passando fome. Robert Zoellick, presidente do Banco Mundial, ampliou a dimensão da emergência ao dizer que a disparada dos preços da alimentação colocava 2 bilhões de pessoas em "perigo imediato". Muitos países já enfrentam protestos populares por causa da alta dos alimentos.

Três dias de debates e de discursos, com a participação de cerca de 40 governantes, nada produziram, a não ser anúncios de verbas de emergência até agora no valor de US\$ 3 bilhões, quando Diouf havia dito que seriam necessários US\$ 30 bilhões por ano para criar uma situação de segurança alimentar.

O pior é que os delegados se envolveram em discussões absolutamente bizantinas, em torno de um documento que já nasceu aguado por causa das divergências de todos os tipos. Das divergências, passou-se à fofocas sem sentido, que retardaram a divulgação do texto por mais de quatro horas.

Uma das fofocas envolveu o Brasil. Delegados europeus disseram aos jornalistas que o Brasil vetava trecho da declaração que considerava crítico aos biocombustíveis, a principal bandeira internacional do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Qual era a suposta crítica? Dizer que "é essencial enfrentar os desafios e oportunidades colocados pelos biocombustíveis em vista das necessidades mundiais de energia, segurança alimentar e ambiental". Ao falar em "segurança alimentar", o trecho insinuaria que os biocombustíveis são deletérios para ela, no pressuposto de que os plantios para obtê-los invadiriam áreas destinados à culturas para a alimentação.

A acusação é falsa pela simples e boa razão de que nenhum governo pode se dizer contra a segurança alimentar e ambiental e recusar-se a assinar um documento que as defenda.

No caso do Brasil, Lula, em seu discurso na cúpula, deu todas as informações necessárias para demonstrar que o etanol da cana-de-açúcar não interfere no plantio de alimentos -e tampouco na devastação ambiental da Amazônia.

O texto final da cúpula, tal como a **Folha** já havia adiantado desde o princípio dela, não toma partido sobre biocombustíveis. Joga qualquer definição mais concreta para "estudos em profundidade" e um "diálogo internacional".

Uma segunda polêmica era igualmente sem sentido. O rascunho pedia aos países-membros que se abstivessem de medidas unilaterais e contrárias às leis internacionais. Os EUA, pela versão que chegou aos jornalistas, entenderam que se tratava de condenar o bloqueio à Cuba, que já dura mais de meio século. De novo, nenhum país pode defender medidas contrárias às leis internacionais, mesmo quando eventualmente as apliquem.

Tudo somado, ficou de concreto o óbvio: um pedido para "ação coordenada e urgente para combater os impactos negativos dos crescentes preços de alimentos sobre os países e populações mais vulneráveis" e a cobrança de mais investimentos na agricultura, além da ajuda imediata para os famintos.

Muito menos do que prometia o longo título do encontro: "Conferência de Alto Nível sobre Segurança Alimentar Mundial - os Desafios da Mudança Climática e da Bioenergia".

Roma frustra "revolução" de Lula – Folha de São Paulo – Dinheiro – 06/06/2008

Para quem, como o presidente Lula, vê nos biocombustíveis o elemento-chave para uma "revolução" não só na matriz energética mundial mas também no desenvolvimento dos países mais pobres (África, Caribe e América Central), a cúpula de Roma só pode ser uma tremenda frustração.

O encontro não produziu nada que ajudasse a empurrar seu projeto. Não condenou o etanol, é verdade, mas só mesmo desinformação e/ou má-fé poderiam estimular especulações nesse sentido. Com os EUA, a maior potência do planeta, e o Brasil, um dos grandes emergentes, produzindo 80% do etanol mundial, não passa pela cabeça de ninguém sério que o biocombustível possa ser condenado num foro global.

Até o foi, mas na cúpula paralela, das Organizações Não-Governamentais, cada vez menos ouvidas nas discussões globais. A anódina declaração de Roma não impedirá o Brasil de produzir etanol, mas embaça o projeto de transformá-lo em "instrumento

importante para gerar renda e retirar países da insegurança alimentar e energética", como disse Lula no seu apaixonado discurso em Roma.

Disse ainda que "cerca de cem países têm vocação natural para produzir biocombustíveis de forma sustentável". Para que transformem essa vocação em fatos, precisariam de uma combinação de tecnologia e recursos financeiros. Tecnologia, o Brasil tem e é considerada a melhor do mundo. Já recursos financeiros dependem dos países ricos. E é óbvio que eles não porão dinheiro em um instrumento que não consegue um selo internacional de qualidade definitivo, seja por contrariar os interesses de quem tem "os dedos sujos de óleo e carvão", como acusou Lula, seja por outros interesses comerciais.

A batalha de Lula vai agora ao Japão. Na reunião de Hokkaido, em julho, o G8 (oito países mais industrializados) e grandes emergentes como o Brasil discutirão de novo os temas que, em Roma, não conseguiram sair do estágio de "papers" preparatórios. A comunidade internacional no seu conjunto, representada na FAO, ficou paralisada. Resta ver se o "diretório do mundo", como chegou a ser chamado o G8, consegue decidir. **(CR)**

Transição para energia limpa vai custar US\$ 45 trilhões, diz agência – Folha de São Paulo – Brasil – 07/06/2008

Os ministros de energia do G8 já sabem o que fazer e quanto pagar para que o mundo consiga pelo menos amenizar as mudanças climáticas até 2050. O plano de voo apresentado ontem pela IEA (Agência Internacional de Energia) defende a eficiência energética, o investimento em massa nas fontes renováveis e a estocagem de carbono. Tudo isso pela quantia de US\$ 45 trilhões, um pouco mais de 1% do PIB mundial.

O setor que mais precisa alterar a sua visão de mundo, segundo o documento de mais de 600 páginas encomendado pelas grandes economias globais, é o de transportes. A mensagem é clara: o setor precisa ser bastante "descarbonizado".

Dentro do cenário otimista, além dos biocombustíveis, um bilhão de veículos elétricos vão circular pelas ruas até 2050.

Do total estimado pela IEA, US\$ 33 trilhões deverão ser investidos apenas nos meios de transporte. O segundo setor que mais vai precisar de recursos financeiros, o da construção civil -apenas para lidar com seu consumo de energia-, requer US\$ 7,4 trilhões.

Após esgotadas todas as possibilidades de melhoria na eficiência energética -o grande gargalo mundial hoje-, os técnicos da IEA apostam nas chamadas energia renováveis alternativas, como o vento, a luz solar e calor do solo.

A agência internacional também defende aumento no volume de geração da polêmica energia nuclear. Até 2050, será preciso construir 30 centrais nucleares em média, de mil megawatts cada, por ano.

Enquanto a fonte nuclear seria responsável por 25% da energia em 2050, na visão da IEA, a hidrelétrica corresponderia a 50% de toda a matriz energética mundial.

Bombear gás carbônico -o principal causador do efeito estufa- no subsolo é outro caminho que terá um peso importante nas reduções das emissões de carbono. A Petrobras já tenta fazer isso de forma experimental aqui no Brasil.

A previsão da IEA é que quase 20% da diminuição do carbono atmosférico em quatro décadas poderá ocorrer por meio dessa espécie de enterro do gás carbônico.

Investimento em tecnologia terá que subir - O investimento que deve ser feito exclusivamente em pesquisa e tecnologia para combater o efeito estufa também é alto, diz o a IEA. Nos próximos 15 anos serão necessários de US\$ 10 bilhões a US\$ 100 bilhões anualmente -sem contar o financiamento das tecnologias já prontas.

Um cálculo mais preciso, organizado pelo brasileiro José Goldemberg, da Universidade de São Paulo, mostra que para limpar o planeta serão necessários US\$ 18 bilhões ao ano, o dobro do que é investido nos dias de hoje.

Uma nova era – Antônio Ermíria de Moraes – Folha de São Paulo – Opinião – 08/06/2008

P ELO QUE entendi das informações chegadas da reunião da FAO em Roma, as questões de energia e de alimentos ocuparam um lugar central. Não se chegou a condenar o uso da cana-de-açúcar e do milho como substitutos do petróleo. Mas tampouco houve grandes aplausos para esse tipo de substituição.

Em um dos documentos oficiais, foi ressaltada a importância dos biocombustíveis. Em 2007, a biomassa contribuiu com 10% no total de energia consumida no mundo, sendo que, entre os biocombustíveis, o etanol teve peso de 90%. Para tanto, os Estados Unidos usaram 23% de sua safra de milho, e o Brasil utilizou 54% da sua safra de cana-de-açúcar.

São números impressionantes e que suscitam dúvidas. Será que isso não vai comprometer a produção de alimentos? Até que ponto a atual alta de preços se liga à nova atividade?

O assunto instiga discussões acaloradas. Ao que tudo indica, porém, com discussão ou sem discussão, o etanol será a grande estrela dos próximos anos. A própria FAO estima que esse combustível, que hoje é usado por apenas 1% do transporte rodoviário, em 2030 representará mais de 3% -e, dali para a frente, o céu é o limite.

E então? Sobrarão terras para plantar alimentos? E a segurança alimentar? A FAO considera que a realidade dos países é muito heterogênea. No Brasil, por exemplo, os técnicos, em sua maioria, não acreditam que o etanol vá onerar os alimentos. Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura, diz que, dos 62 milhões de hectares cultivados no Brasil, apenas 3 milhões se destinam à cana que produz etanol.

A disponibilidade de terras é imensa. E a possibilidade da produtividade crescer ainda mais é muito grande com a chegada de novas variedades e novas tecnologias. Com tecnologia e terras, o Brasil está bem. Temos 220 milhões de hectares de pastagens, dos quais 90 milhões podem ser usados para agricultura. Destes, 22 milhões podem acomodar sem problemas a cana-de-açúcar e 68 milhões podem ser usados na produção de alimentos.

Ou seja, o Brasil pode fazer um bom equilíbrio entre alimentos e bioenergia. É uma questão de planejamento bem-feito e de execução rigorosa.

Mas, é claro, tudo tem de ser levado muito a sério. Estamos diante de uma oportunidade fantástica: a de sermos o principal país produtor na nova era energética. Com isso, criaremos muitos empregos e teremos muitos impostos e muitos investimentos. Tudo é muito. Oxalá o juízo também o seja!

**ANTÔNIO ERMÍRIO DE MORAES escreve aos domingos nesta coluna.*

G8 pede maior produção e transparência no petróleo – Folha de São Paulo – Dinheiro – 09/06/2008

Preocupado com a disparada dos preços do petróleo, um grupo de ministros de Energia de 11 grandes economias mundiais pediu ontem aos países produtores que façam investimentos para aumentar a sua produção e maior transparência nos dados sobre abastecimento.

Representantes do G8 (Alemanha, Canadá, EUA, França, Itália, Japão, Reino Unido e Rússia), mais China, Índia e Coreia do Sul como nações convidadas, reuniram-se ontem na cidade japonesa de Aomori para discutir formas de gastar o combustível mais inteligentemente. Do encontro sairiam as bases para uma parceria internacional de intercâmbio de tecnologias limpas.

Lula diz que será o chato do etanol – O Globo – Capa – 02/06/2008

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse ontem que será o “chato do etanol”, até convencer o mundo de que o biocombustível brasileiro é bom. Lula, que está em Roma para participar de um encontro da ONU, culpou europeus e especuladores do petróleo pela atual crise de alimentos.

Página 17

Lula critica Europa e diz que é o chato do etanol - Vera G. de Araújo – O Globo – Economia – 02/06/2008

ROMA. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltou a defender ontem o etanol brasileiro e acusou os especuladores do petróleo e os europeus de serem, em boa parte, responsáveis pela atual crise de alimentos.

O preço do petróleo, segundo ele, é fruto de especulação.

Mas, para o presidente, a Europa tem sua parcela da culpa por ter “passado anos” incentivando países do Terceiro Mundo a não produzirem certos produtos agrícolas. Lula está em Roma para uma conferência do Fundo das Nações Unidas para Alimentação (FAO), que começa terça-feira, e vai discutir segurança alimentar, mudanças climáticas e bioenergia.

— O problema verdadeiro é o preço do barril do petróleo — disse o presidente.

E depois emendou: — Durante 20 anos, a Europa pagou para que os países do Terceiro Mundo não produzissem alguns produtos agrícolas, e agora dão a culpa da crise à produção de biocombustíveis.

Segundo Lula, ao ter subsidiado seus agricultores durante anos, a Europa fechou seu mercado para produtos agrícolas do Terceiro Mundo.

Em meio à onda de críticas na Europa aos biocombustíveis, Lula disse que vai virar “o chato do etanol”. Isto é: não vai parar de falar sobre o assunto até convencer as pessoas de que o biocombustível é bom.

— Pretendo ser o chato do etanol também nesta conferência — brincou.

Lula condena campanha contra o etanol Para o presidente, os ataques contra o etanol não passam de uma campanha protagonizada por organizações não governamentais (ONGs), pelos agricultores europeus, que não querem abrir mão dos subsídios, e pelas empresas automobilísticas européias que não querem mudar para motores flex-fuel.

Lula disse que a experiência brasileira mostra que é possível elevar a produção de alimentos, ao mesmo tempo em que se aumenta a produção de biocombustíveis, no caso, o etanol feito de cana-de-açúcar. Mas, segundo Lula, “não é correto produzir combustível de oleaginosas que possam ser a base para alimentação humana ou animal”. E disse que produzir etanol a partir de trigo (como fazem os franceses) “é criminoso”.

Ele disse que se curvará diante do primeiro que mostrar que tem um combustível que não ocupa “um milímetro de terra” e é menos poluente que o etanol: — A verdade é que o Brasil apresentou a única alternativa consistente no mundo.

Lula também refutou as críticas às condições de trabalho nos canaviais brasileiros, lembrando que os trabalhadores nas minas de carvão européia também têm uma rotina dura.

— Todo mundo sabe que o trabalho na cana é duro, como é duro o trabalho de um balconista que fica atendendo a gente, correndo dentro de um balcãozinho das 6h da manhã à meia-noite — disse, para em seguida completar: — Agora, (o trabalho no canavial) não é mais duro do que o trabalho em uma mina de carvão, que foi a base de desenvolvimento da Europa. Pegue um facãozinho e passe um dia cortando cana e desça numa mina a 90 metros de profundidade para explodir dinamite, para você ver o que é melhor.

Segundo Lula, o governo está trabalhando em conjunto com a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) para elaborar um modelo de contrato de trabalho que garanta condições mais favoráveis aos empregados da indústria da cana.

Carro com peças plásticas produzidas a partir de cana Para reforçar a campanha do governo brasileiro em favor do etanol, Lula mostrou à imprensa, ao lado da primeira-dama Dona Marisa, o protótipo miniatura do que seria, segundo ele, “o primeiro carro verde do mundo”. O projeto está sendo desenvolvido pela Braskem e a Toyota. Todas as peças de plástico do carro são feitas a partir de cana-de-açúcar, e não de petróleo.

Vestindo uma camisa jeans, a entrevista coletiva de Lula foi mais uma conversa informal com jornalistas, interrompendo seus três dias de descanso, antes da conferência da FAO.

Biocombustíveis no centro do debate - Conferência da FAO sobre alta de alimentos vai reunir líderes de 60 países ROMA e KARACHI (Paquistão). Cerca de 60 chefes de estado e de governo irão a Roma participar da conferência da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), que deve concentrar suas discussões no impacto dos biocombustíveis sobre a recente disparada dos preços de alimentos.

Além do presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, que chegou a Roma no sábado, já confirmaram presença os presidentes francês, Nicolas Sarkozy; venezuelano, Hugo Chávez; e argentino, Cristina Kirchner. Também irá a Roma o chefe do governo espanhol, José Luis Rodríguez Zapatero; o líder iraniano, Mahmoud Ahmadinejad; e o presidente do Zimbábue, Robert Mugabe, entre outros.

A alta dos alimentos tem provocado manifestações no mundo inteiro. Ontem, paquistaneses saíram às ruas na cidade de Karachi para protestar contra os custos de alimentos e combustíveis. E o Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas organizou marchas em diferentes cidades para pedir ajuda para a alimentação escolar diante da alta de preços.

ONU e Banco Mundial defendem explicitamente o etanol brasileiro – O Globo – Economia – 04/06/2008

Para FAO, das Nações Unidas, biocombustível do país é mais competitivo ROMA e WASHINGTON.

Pela primeira vez, uma agência da ONU e o Banco Mundial, que têm culpado indistintamente os biocombustíveis pela atual crise dos alimentos, farão uma defesa explícita do etanol brasileiro.

Um documento preparado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, na sigla em inglês), para embasar as discussões da reunião de chefes de Estado iniciada ontem em Roma, diz que, entre os biocombustíveis líquidos, apenas o

álcool brasileiro é competitivo. Já o presidente do Banco Mundial (Bird), Robert Zoellick, defenderá na cúpula a abertura dos mercados internacionais ao etanol de cana — caso do produto brasileiro —, para ajudar a conter a alta dos preços dos grãos.

A maior parte das críticas aos biocombustíveis costumava ser generalizada, como se a produção do etanol no Brasil tivesse o mesmo impacto sobre o preço dos alimentos que o etanol de milho produzido nos EUA, por exemplo.

No documento da FAO, intitulado “Bioenergia, segurança alimentar e sustentabilidade: em busca de um acordo internacional”, a organização afirma que “o aumento do preço do petróleo e do gás tem tornado a bioenergia mais competitiva”. No entanto, continua o texto, “de todos os biocombustíveis líquidos, só o etanol brasileiro à base de cana-de-açúcar tem sido consistentemente competitivo nos últimos anos, sem necessidade de subsídios contínuos.” Para Graziano, tema é de difícil consenso. No relatório, ao qual o site da BBC Brasil teve acesso, a FAO observa que subsídios e isenções fiscais aos biocombustíveis “introduziram distorções de mercado que favoreceram a produção doméstica e, frequentemente, tecnologias ineficientes”.

A organização considera ainda que os biocombustíveis “são um fator significativo” no recente aumento do preço de commodities, pois o aumento da demanda por bioenergia tem levado a uma competição por terras.

Com base no documento, a FAO pretende, ao fim da reunião, chegar a um consenso sobre os biocombustíveis. Hoje, os especialistas estão divididos em três posições, segundo a agência: manter a produção como está, aplicar uma moratória ou construir um consenso intergovernamental.

Algo que será difícil na opinião do representante da FAO para América Latina e Caribe, José Graziano da Silva.

“Esse é um dos temas mais controversos (da conferência), e eu não arriscaria qualquer prognóstico. Essas conferências emitem comunicados de consenso.

E comunicados de consenso, em geral, não descem ao nível de detalhes e, sobretudo, evitam julgar ações que prejudiquem um ou outro país em particular”, disse Graziano, por telefone, à BBC Brasil.

No discurso preparado para a cúpula de Roma, Zoellick, do Bird, afirmará que “a produção de comida tem que dobrar nos próximos 30 anos” e “isso significa (...) abrir mercados para combustíveis à base de açúcar, que não competem diretamente com a comida, incluindo da África.” EUA fazem defesa de etanol americano Ele pregou também a redução de subsídios e tarifas para os biocombustíveis a partir do milho e de sementes oleaginosas, especialmente enquanto os preços desses produtos continuarem subindo no mercado internacional.

O secretário de Agricultura dos EUA, Ed Schafer, aproveitou a cúpula para defender o etanol americano, afirmando que “os EUA estão firmemente comprometidos com a produção sustentável dos biocombustíveis”.

Os produtores de biocombustíveis de EUA, Canadá e Europa endossaram a defesa. Em carta ao diretor-geral da FAO, Jacques Diouf, eles pediram que se evitem condenações apressadas.

Lula acusa campanha de 'dedos sujos de óleo' - Deborah Berlinck – O Globo – Economia – 04/06/2008

1 ROMA. O presidente Lula atacou abertamente o etanol dos Estados Unidos ao dizer que o biocombustível feito de milho “é um mau etanol”. Por duas razões: compete com alimento e é pesadamente subsidiado.

Diante de 40 chefes de Estado e de governo reunidos em Roma para discutir a crise global de alimentos, Lula afirmou ainda que nas críticas de que o etanol brasileiro contribuiria para a alta dos preços agrícolas estão dedos “sujos de óleo e carvão”.

Sem citar o continente, ele acusou a Europa e os lobistas do petróleo de estarem por trás da campanha contra o etanol.

— São poucos os que mencionam o impacto negativo do aumento dos preços do petróleo sobre os custos de produção e transporte dos alimentos.

Esse comportamento não é neutro nem desinteressado.

Vejo, com indignação, que muitos dedos apontados contra a energia limpa dos biocombustíveis estão sujos de óleo e de carvão. Vejo, com desolação, que muitos dos que responsabilizam o etanol pelo alto preço dos alimentos são os mesmos que, há décadas, mantêm políticas protecionistas em prejuízo dos agricultores dos países mais pobres.

Lula fez questão de diferenciar o etanol brasileiro do americano, fazendo um paralelo com o colesterol: o bom e o mau — imagem já usada pelo chanceler Celso Amorim: — O bom etanol ajuda a despoluir o planeta e é competitivo.

O mau etanol depende das gorduras de subsídios.

Para Lula, “já passou a hora” de eliminar os subsídios. Pouco antes, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, fizera um apelo para que as potências agrícolas dupliquem a produção até 2030 para atender a demanda mundial, lembrando que a população global atingirá 7,2 bilhões nos próximos sete anos.

— Não esqueçamos dos milhões que estão passando fome em silêncio — disse Ban.

Lula refuta destruição da Amazônia por canaviais O presidente brasileiro atribuiu os ataques ao etanol a “lobbies poderosos”. Merritt Cluff, economista-chefe da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), que organizou o encontro em Roma, calcula que de 20% a 30% do aumento do preço dos alimentos se devam à expansão da produção de combustíveis, sobretudo nos EUA. Lula denunciou o silêncio dos países ricos em relação ao preço do petróleo e bateu forte nos subsídios agrícolas: — De que adiantará produzir, se os subsídios e o protecionismo tolhem o acesso aos mercados, mutilam a renda e inviabilizam a atividade agrícola sustentável? Lula também chamou de “argumento sem pé nem cabeça” a tese de que canaviais no Brasil estariam invadindo a Amazônia. Ele arrancou risadas da platéia ao dizer que 99,7% da cana estão plantados a dois mil quilômetros da Floresta Amazônica, a mesma distância, segundo ele, entre o Vaticano, em Roma, e o Kremlin, sede do governo russo.

Afirmando que “quem fala uma bobagem dessas não conhece o Brasil”, Lula ressaltou haver uma área do tamanho da França e da Alemanha juntas (77 milhões de hectares) em terras agrícolas ainda não utilizadas.

Mas ele não fez qualquer menção aos dados mais recentes sobre o desmatamento na Amazônia.

ROMA. A declaração política que será divulgada hoje pelos governos reunidos na Conferência da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) sobre segurança alimentar, mudanças climáticas e bioenergia, em Roma, contendo as promessas para combater a crise mundial dos alimentos, estava ontem à noite emperrada num ponto: comércio agrícola.

Europeus e americanos se recusam a aceitar uma linguagem no texto que vincule a crise aos pesados subsídios e barreiras agrícolas nas nações ricas. Isto é: qualquer referência ao fato de que os subsídios desestimulam a produção e afetam a segurança alimentar, como insistem o Brasil e outros países.

Anteontem, num discurso para uma platéia de 40 chefes de Estado, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva apontou os subsídios agrícolas e a especulação dos preços do petróleo como as causas principais do problema.

E passou quase 30 minutos de seu discurso desmontando o argumento dos que dizem que o biocombustível, por estar competindo com o plantio de alimentos, também é parte do problema. A disputa pela linguagem da declaração é, na realidade, uma briga de interpretação das causas da crise.

Negociadores brasileiros e de outros países ainda lutavam ontem à noite para incluir uma frase em que os governos se comprometem a concluir este ano a Rodada de Doha — como são conhecidas as negociações da Organização Mundial de Comércio (OMC) para abertura do comércio mundial.

Europa e EUA não aceitam sequer assumir que os subsídios agrícolas estão “afetando” a oferta de alimentos no mercado internacional.

Brasil impede que etanol seja apontado como vilão

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, disse, por sua vez, que é fundamental que se encontre um consenso sobre a produção de biocombustíveis e que ainda são necessários estudos sobre a relação entre esses produtos e a crise dos alimentos. Já o Pontifício Conselho de Justiça e Paz, dirigido pelo cardeal Renato Raffaele Martino, criticou os subsídios concedidos para a produção de biocombustíveis.

A diretora-executiva do Programa Mundial de Alimentos (PAM) da ONU, Josette Sheeran, disse que os biocombustíveis são um dos fatores da crise. Mas ela diferenciou o etanol de cana-de-açúcar do Brasil dos demais.

— Cana é muito diferente de Petrobras cria fundo para pequenas empresas Em parceria com BNDES e BB, instrumento visa a capacitar indústria no setor de petróleo Gregorio Borgia/AP KI-MOON (à direita) e Jacques Diouf, da ONU: US\$ 1,2 bi de ajuda milho — disse ela.

A declaração de hoje vai conter um parágrafo sobre biocombustíveis, mas o Brasil conseguiu evitar que eles fossem apontados como um dos responsáveis pela crise, como queriam vários países do Oriente Médio.

— Trabalhamos para que não haja um texto negativo em relação aos biocombustíveis — disse o embaixador do Brasil na FAO, José Antonio Marcondes de Carvalho. Josette Sheeran anunciou ainda que o PAM vai destinar mais US\$ 1,2 bilhão para combater a fome em 82 países. Ban Ki-moon, por sua vez, disse que serão necessários até US\$ 20 bilhões por ano para estimular a produção de alimentos e atacar a fome. (*)
Enviada especial, com agências internacionais

Petróleo tem a maior alta da História – O Globo – Economia – 07/06/2008

Com ameaça de Israel e recuo do dólar, barril subiu 8%

O preço do barril do petróleo subiu ontem 8%, a maior alta da sua história num único dia. A cotação chegou a US\$ 139,12 em Nova York após a declaração do ministro dos Transportes israelense, Shaul Mofaz, de que seu país poderia atacar o Irã se este prosseguisse com seu programa nuclear. Também puxaram os preços a forte desvalorização do dólar e o anúncio de desemprego recorde nos EUA. No fechamento, a cotação ficou em US\$ 138,54. Durante o dia, as negociações chegaram a ser interrompidas pelo mecanismo de proteção da Bolsa de Mercadorias de NY. Nos EUA e no resto do mundo, as bolsas desabaram. O índice Dow Jones recuou 3,1%. A Bolsa de São Paulo caiu 2%. Páginas 31 e 32.

O céu é o limite – O Globo – Economia – 07/06/2008

A cotação do petróleo registrou ontem seu maior salto em um único dia — mais de US\$ 10, ou cerca de 8% —, derrubando as principais bolsas globais e trazendo o fantasma de um barril a US\$ 150 às vésperas das férias de verão no Hemisfério Norte. A alta se deveu ao recuo do dólar frente ao euro, após a divulgação do aumento do desemprego nos Estados Unidos, e às ameaças de um ataque israelense ao Irã.

Em Nova York, o barril do tipo leve americano saltou US\$ 10,75 (8,41%), para o recorde de US\$ 138,54, tendo sido negociado a US\$ 139,12 durante o pregão. A Bolsa Mercantil (Nymex) chegou a suspender os negócios, porque o limite por contrato era de US\$ 10 (o chamado circuit breaker).

As operações pararam por cinco minutos e, ao serem retomadas, o limite fora elevado em mais US\$ 10. Em Londres, o barril do tipo Brent fechou em alta de US\$ 10,15 (7,95%), a US\$ 137,69, tendo atingido US\$ 138,12 durante o pregão.

— É absolutamente surpreendente — disse Chris Feltin, analista da Tristone Capital. Em Nova York, o Dow Jones caiu mais de 3%.

No Brasil, a Bolsa de Valores de São Paulo recuou 2%.

O banco de investimentos Morgan Stanley afirmou, em relatório, que o barril pode chegar a US\$ 150 até 4 de julho, o Dia da Independência nos EUA, em que muitos americanos viajam.

Em maio, o Goldman Sachs previra que em dois anos o barril chegaria a US\$ 200. “As exportações de petróleo do Oriente Médio estão estáveis, mas a Ásia está tomando uma fatia sem precedentes”, afirmou o relatório, lembrando que os estoques americanos já caíram em 35 milhões de barris desde março. em Manila — Estamos em território inexplorado e, de certa maneira, fora do mapa, considerando-se os precedentes históricos — afirmou Jim Ritterbusch, presidente da consultoria em energia Ritterbusch and Associates.

Este ano, os preços do petróleo avançaram 44%, ameaçando o crescimento da economia dos principais países consumidores, incluindo os EUA, já abalados pela crise no mercado imobiliário.

Segundo analistas, a dramática alta da commodity tem sido puxada pela demanda da China e de outros emergentes, bem como por investidores buscando proteção contra a desvalorização do dólar e a inflação nas economias desenvolvidas.

Aéreas: gasto deve atingir US\$ 61 bi este ano

Ontem, o dólar voltou a recuar frente às principais moedas devido à alta do índice de desemprego nos EUA em maio, de 5% para 5,5% — o maior avanço mensal em 22 anos. O euro atingiu US\$ 1,5768, contra US\$ 1,5593 (alta de 1,12%) na véspera. Já a libra passou de US\$ 1,9596 para US\$ 1,9713 (0,59%). Na quinta-feira, a moeda americana já havia sido pressionada depois que o presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, aventou a hipótese de subir a taxa básica de juros, talvez já mês que vem.

— O BCE puxou nosso tapete — disse Phil Flynn, analista sênior da Alaron Trading.

Somaram-se ao desemprego e à desvalorização do dólar as declarações do ministro dos Transportes israelense, Shaul Mofaz, de que seu país poderia atacar o Irã se este prosseguisse com seu programa nuclear. Mofaz disse ao jornal israelense “Yediot Ahronot”, “Ahronot”, um dos principais do país, que o presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, “vai desaparecer bem antes de Israel”.

Até o momento, foi a ameaça mais explícita do governo de Ehud Olmert. O Irã é o segundo maior produtor da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), e um conflito armado poderia afetar o suprimento global da commodity.

A disparada do petróleo vem pressionando os preços de alimentos e, conseqüentemente, a inflação.

Alguns países asiáticos, como Índia e Filipinas, decidiram reduzir seus subsídios aos combustíveis, o que provocou protestos da população. Na Europa, os protestos têm vindo de transportadoras e produtores, imbricando pedidos de reajustar seus preços e vendo seus ganhos corroídos pela alta do combustível.

As companhias aéreas também têm sido fortemente afetadas. Esta semana, a United Airlines e a Continental anunciaram cortes de pessoal para reduzir seus custos, de 1.100 e 3 mil, respectivamente.

Os gastos das aéreas americanas devem atingir US\$ 61 bilhões este ano, US\$ 20 bilhões a mais que em 2007, segundo estimativas da Associação de Transportes Aéreos (ATA).

— As coisas só pioraram para nós — disse o diretor-executivo da ATA, James May.

A Agência Internacional de Energia (AIE) afirmou, em relatório divulgado ontem, que o mundo precisa investir US\$ 45 trilhões em energia para reduzir à metade as emissões de gases do efeito estufa até 2050. O organismo estima que será preciso construir cerca de 1.400 usinas nucleares e ampliar o uso da energia eólica.

POLÍCIA prende ativistas de esquerda em manifestação contra a alta do petróleo em Hyderabad, na Índia

ESPANHA: pescadores protestam contra os preços do combustível

FILIPINOS marcham contra a alta dos preços de combustíveis em Manila

Composição do preço

O preço do barril de petróleo negociado do mercado internacional é formado por diversos componentes, como o custo efetivo para sua produção, uma espécie de prêmio pela propriedade das reservas, as margens de lucro das petrolíferas e até a especulação do

mercado. Estima-se que, da cotação de US\$ 138,54 de ontem, cerca de US\$ 40 correspondem a fatores especulativos.

O primeiro item da composição de preço é o custo de extração, no qual se incluem os gastos com sísmica, sondas, perfuração de poços.

Há ainda os custos de desenvolvimento da produção — que incluem instalação de plataforma, por exemplo — e os chamados custos marginais, que englobam os gastos para manutenção na produção dos campos.

Esses três itens formam o custo de produção do barril, que varia com o país. Segundo especialistas, na Arábia Saudita, onde o petróleo é extraído da terra, o custo de produção está em torno de US\$ 2 por barril, um dos mais baixos do mundo. Na Noruega, está na faixa de US\$ 5. No Brasil, como a maior parte da exploração é em águas profundas, os custos são maiores.

No primeiro trimestre, somando o pagamento de participações governamentais, ficou em R\$ 43,20 (US\$ 26). (Ramona Ordoñez)

ONU critica países ricos por biocombustíveis e subsídios - Assis Moreira – Valor Econômico – Internacional - 04/06/2008

As políticas de biocombustíveis dos EUA e da União Européia (UE) e os subsídios agrícolas foram alvos de ataques ontem em encontro internacional sobre segurança alimentar, mudança climática e bioenergia.

Embora o alvo seja Washington e Bruxelas, o ataque afeta também o Brasil, com ameaça ao projeto brasileiro de criação de um mercado global de biocombustíveis, que passa pelo impulso dos EUA e da UE. A reunião de Roma não deve decidir nada, mas joga bases para o aprofundamento da discussão sobre o etanol.

Nesse cenário, Jacques Diouf, o diretor-geral da Agência das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), qualificou, diante de 50 chefes de Estado presentes, ser "incompreensível que subsídios valendo US\$ 11 bilhões, US\$ 12 bilhões em 2006 e tarifas protetoras tenham sido usados para desviar do consumo humano 100 milhões de toneladas de cereais para atender a sede de carburantes de carros".

Ele reclamou que "ninguém compreende" como os países ricos provocam distorção dos mercados mundiais com US\$ 372 bilhões de ajuda a suas agriculturas em 2006 e, no entanto, não se encontrem US\$ 30 bilhões para permitir a 862 milhões de famintos poder se alimentar.

Diouf insistiu que tampouco se compreende que na luta contra o aquecimento climático se possa criar um mercado de carbono de US\$ 64 bilhões nos países ricos, mas que a comunidade internacional seja incapaz de financiar o combate ao desmatamento das florestas de 13 milhões de hectares por ano.

O diretor-geral da FAO alertou para as conseqüências sociais e políticas "trágicas" nos diferentes continentes, com protestos e mortes nas ruas "que podem colocar em perigo a paz e a segurança no mundo".

A explosão dos preços de produtos agrícolas e do petróleo provocam enormes debates sobre a pertinência de investimentos no biocarburantes, mas poucos são os que se arriscam a tratar o etanol como um vilão.

A mais vigorosa defesa do etanol partiu do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ele qualificou de "uma burla" a "cortina de fumaça lançada por lobbies poderosos" que atribuem a produção do etanol pela inflação do preço dos alimentos.

Ele apontou que a inflação do preço dos alimentos resulta da alta do petróleo, que afeta os custos de fertilizantes e fretes; das mudanças cambiais e da especulação nos mercados financeiros; das quedas nos estoques mundiais; do aumento do consumo de alimentos em países em desenvolvimento como China, Índia e Brasil; e, sobretudo, a manutenção de "absurdas políticas protecionistas na agricultura dos países ricos".

Cristina Kirchner, a presidente da Argentina, apontou também o peso da especulação das commodities e do petróleo, mas não mencionou o termo "etanol".

Por sua vez, o secretário de agricultura dos EUA, Ed Schaffer, retrucou que subsídios agrícolas devem ser tratados na Rodada Doha. Ele prevê alta de 40% este ano no preço dos alimentos globalmente, dos quais só 2 a 3% seria resultado da expansão de biocombustíveis. Insistiu que Washington está "comprometido" em produção e uso sustentável de biocombustíveis. E anunciou que o país vai gastar US\$ 5 bilhões entre 2008/2009 no combate a fome global.

Danilo Turk, presidente da Eslovênia, na presidência rotativa da UE, insistiu que a produção europeia de biocombustíveis teve "até agora" pouco impacto nos preços globais de alimentos, porque essa produção usa menos de 1% dos cereais do velho continente.

O primeiro-ministro do Japão, Yasuo Fukuda, sugeriu em todo caso acelerar pesquisa de etanol da segunda geração para não afetar produção de alimentos.

Na mesma linha, Nicolas Sarkozy, presidente da França, que assumirá em julho a presidência da UE, argumentou que biocarburante de segunda geração permitirá produção cinco vezes maior na mesma área de hoje, reservando o máximo de hectares para a produção agrícola.

Documento distribuído pela mostra que o etanol da cana do Brasil pode reduzir 80% a 90% das emissões de gases de efeito-estufa se comparado ao uso de petróleo, graças sobretudo a sua produtividade. O de milho pode reduzir em 10% a 30%. Já o biocombustível de segunda geração poderiam reduzir em até 90%.

Enquanto os líderes políticos se manifestavam em Roma, líderes industriais de EUA, Europa e Canadá defenderam em carta à FAO que se evitem a condenação ou ações que possam colocar em risco o desenvolvimento do etanol.

Segundo a agência Reuters, os líderes consideram ser "altamente precipitado para as Nações Unidas ou outras organizações internacionais apontar os biocombustíveis como uma grande causa pela escalada de preços e tomar ações que podem provocar elevação ainda maior do custo dos alimentos".

Para OCDE, etanol dos EUA e da UE é distorcivo - Assis Moreira – Valor Econômico –
Opinião - 06/06/2008

A comparação feita pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva entre etanol e colesterol, os bons e os maus, foi encampada ontem pelo conselho de ministros da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), diante do silêncio dos EUA e da União Européia, os principais alvos.

Lula argumentou, na cúpula da FAO, em Roma, que o etanol de milho produzido pelos EUA só conseguia competir com o de cana porque era anabolizado por subsídios e protegido por barreiras tarifárias. "É por isso que há quem diga que o etanol é como o colesterol. Há o bom etanol e o mau etanol. O bom etanol ajuda a despoluir o planeta e é competitivo. O mau etanol depende das gorduras dos subsídios", disse o presidente.

Após debate com 31 ministros e de países da OCDE e emergentes, incluindo o Brasil, o diretor-geral da entidade, Angel Gurría, relatou ontem que houve acordo de que "biocombustível subvencionado entra nessa categoria [de mau colesterol]", frisando que a discussão limitou-se a aspecto de políticas de ajuda e não ambiental ou social.

A ministra de Economia da França, Christine Lagarde, falando na qualidade unicamente de presidente do debate, repetiu ao Valor que "ficou claro que tudo que é subvencionado artificialmente pode afetar a estabilidade dos preços para o equilíbrio alimentar" - tese que ela trata de evitar como ministra do país que mais recebe subvenção agrícola da UE.

O estudo da OCDE que orientou o debate diz que os subsídios para a produção de biocombustível nos países ricos atingiram US\$ 15 bilhões em 2007. Stephan Tangermann, diretor de comércio e agricultura da OCDE, foi além. Estimou que esse custo pode superar o de extrair petróleo. Ele exemplificou com o biodiesel feito da colza: o produto custa na Europa o dobro do diesel e, para ser viável, depende da ajuda do governo.

No debate dos ministros, os EUA e a UE, que mais subsídios dão aos biocombustíveis, não reagiram, engolindo a tese do mau etanol.

A posição da OCDE reforça a pressão sobre os grandes produtores de biocombustíveis em meio a discussão sobre a crise alimentar.

A entidade estima que a produção de biocombustíveis pode dobrar até 2017. Entre 2000 e 07, a de etanol dobrou, superando 50 bilhões de litros por ano. A produção de biodiesel foi multiplicado por 11 e alcançou 11 bilhões de litros.

Mas o biocombustível continua sendo pouco usado em escala mundial nos transportes, representando menos de 2% do consumo de combustíveis automotivos.

Pelas projeções, até 2017 um terço dos cereais secundários produzidos nos EUA, mais de 60% do açúcar no Brasil e mais de 80% dos óleos vegetais na UE podem ir para a produção de biocombustíveis.

Com isso, a produção no Brasil deverá elevar em mais de 10% os preços do açúcar nos próximos dez anos, enquanto a produção nos EUA e na UE poderá elevar entre 40% e 60% os custos de cereais e de oleaginosas, comparado a média de preço dos últimos dez anos.

A OCDE insiste que vantagens do etanol de primeira geração para a segurança energética e ambiental são menos importantes que o estimado e aposta mais no desenvolvimento das tecnologias de produção de segunda geração.

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Etanol

Ministério Público flagra servidão por dívida em usinas – Sítio Eletrônico do MST – 25/06/2008

Equipes do grupo móvel de fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego flagraram 118 trabalhadores em condições degradantes em usinas de cana-de-açúcar do interior de São Paulo e Minas Gerais. A ação foi realizada entre os dias 3 e 14 de junho. Os fiscais também constataram a ocorrência de esquemas ilegais de aliciamento e a servidão por dívida dos trabalhadores, que vinham de regiões pobres como o Vale do Jequitinhonha (MG) e de outros estados como Bahia, Maranhão e Ceará. O Ministério Público do Trabalho encontrou mais de 80 documentos pessoais dos trabalhadores, como RG, CPF e títulos de eleitor, retidos em uma mercearia do município de Fronteira (MG). Eles seriam utilizados como garantia do pagamento da dívida. Dos 118 trabalhadores libertados, 55 eram da Usina Agrisul, em Icém (SP).

Petrobrás avalia integrar refinarias com biomassa - Mônica Ciarelli – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 24/06/2008

Unidades premium previstas para o Nordeste, voltadas para o mercado externo, já poderão se construídas levando em conta essa mudança

O gerente de Desenvolvimento de Negócios Internacionais de Biocombustíveis da Petrobrás, Fernando Cunha, revelou que a estatal estuda instalar unidades integradas de biomassa nas refinarias premium no Nordeste. No início do mês, a companhia informou que uma das refinarias, que será instalada no Ceará, vai custar cerca de US\$ 11 bilhões.

“A refinaria premium da Petrobrás já pensa nessa questão, de refinar petróleo já com a biomassa; são as biorrefinarias”, disse o executivo.

As duas refinarias terão a produção voltada para o mercado externo, hoje carente de derivados considerados médios, como o diesel e o querosene de aviação, e devem entrar em operação em 2014.

Além da unidade cearense, com capacidade para 300 mil barris por dia, a estatal negocia a instalação de uma refinaria premium no Maranhão. Cunha não detalhou, porém, qual seria a capacidade de produção de biocombustíveis nas unidades.

Em palestra, ontem, na Câmara de Comércio Brasil-França, ele informou que a Petrobrás tem feito contato com empresas da Espanha e França para a eventual instalação

de uma unidade de biocombustíveis em solo europeu tendo como matéria-prima produtos brasileiros.

“Estamos vendo a possibilidade de desenvolver projetos de biocombustíveis na Europa. Pode ser uma planta de biodiesel, já que a matriz energética da Europa é o diesel”, afirmou.

O gerente fez questão de ressaltar que as conversas ainda estão em fase embrionária. Mas admitiu que a empresa foi “procurada por entidades européias para eventualmente estudarmos projetos de biocombustíveis na Europa.”

Além de França e Espanha, o Cunha informou que a Petrobrás vem conversando ainda com a Colômbia sobre projetos nessa área. A idéia de parcerias com esses países pode evoluir também para a área de distribuição de combustíveis. “Para produzir, tem que ter rede de postos ou se associar ou comprar rede de postos quando for um grande player de etanol”, afirmou.

Segundo o executivo, a segunda geração do etanol, que prevê a produção do combustível a partir de rejeitos vegetais, poderá estar disponível em escala comercial já em 2015. Nos Estados Unidos, as projeções apontam para três anos antes.

A área de bicomcombustíveis da Petrobrás prevê investimentos de US\$ 1,5 bilhão até 2012. Deste total, quase metade será destinada à construção de dutos. A área de biodiesel ficará com 30% do orçamento previsto, com o objetivo de atingir, naquele ano, a produção de 1,2 bilhão de litros. Em 2015, a empresa planeja chegar aos 2,7 bilhões de litros.

País deve exportar mais etanol, prevêem usineiros - Wellington Bahnemann – Estado de São Paulo – Economias e Negócios – 24/06/2008

A União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) revisou para cima sua projeção de exportação do etanol brasileiro na safra 2008/2009, por conta da alta do preço do milho que elevou o custo de produção do biocombustível no mercado americano.

“Já trabalhamos que o volume a ser exportado nesta safra fique em torno de 4,5 bilhões de litros a 5 bilhões de litros”, disse o presidente da entidade, Marcos Jank, em entrevista ao ‘Estado’. Antes, a expectativa da Unica era de que as exportações brasileiras somariam 3,9 bilhões de litros.

A mais recente alta do preço do milho decorre da crise de produção enfrentada pelos produtores americanos do Meio-Oeste, que estão sendo afetados pela cheia do Rio Mississippi.

Com o aumento do nível do rio, áreas de produção de milho em Estados como Iowa e Illinois estão sendo alagadas. “Com isso, o milho está custando US\$ 8,00 o bushel (25,4 quilos)”, afirmou Jank.

O aumento da matéria-prima já tem levado, até mesmo, algumas empresas americanas a paralisarem a produção de etanol, o que abre oportunidade para os produtores brasileiros suprirem essa lacuna no mercado dos EUA.

Biodiesel deixa o diesel R\$ 0,05 mais caro no dia 1º - Nicola Pamplona – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 26/06/2008

O preço do diesel vai subir até R\$ 0,05 por litro a partir do dia 1.º. A alta é provocada pelo aumento de biodiesel na mistura vendida nos postos, que passará de 2% para 3%. Além disso, as distribuidoras alegam que começarão a comprar biodiesel mais caro, uma vez que o suprimento até agora era feito com produto adquirido em 2007. O reajuste vem em momento ruim para o governo, em razão da pressão inflacionária causada, em parte, pela alta no preço dos alimentos.

Segundo nota da Federação do Comércio Varejista de Combustíveis (Fecombustíveis), os repasses refletem a diferença de preços entre o biodiesel e o diesel derivado do petróleo. O óleo vegetal foi adquirido por R\$ 2,691 por litro no último leilão da Agência Nacional do Petróleo (ANP), enquanto o diesel de petróleo é vendido pela Petrobrás, sem impostos, por R\$ 1,328 o litro.

Shell vai investir em etanol de cana-de-açúcar - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 26/06/2008

A Shell vai investir em etanol de cana-de-açúcar. A gigante do setor de petróleo acredita que os biocombustíveis podem ser “muito atrativos” e nega que o etanol esteja gerando um lobby do setor contra países como o Brasil. A empresa, porém, avisa que não vai apostar no etanol de milho dos Estados Unidos.

“Quando se analisa a produção de cana, como no Brasil, está claro que se trata de um setor atrativo para investimentos e achamos que esse modelo no Brasil é sustentável em termos ambientais”, afirmou o chefe mundial do Departamento de Tecnologia da Shell, Jan van der Eijk. “Tudo indica que o etanol de cana é bom para a economia e para o meio ambiente. Portanto, é um bom investimento, com lucros promissores, e vamos seguir essa tendência.”

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou, no início do mês, em Roma, que as vozes que criticavam o etanol eram de pessoas que tinham seus “dedos sujos de petróleo”.

O representante da Shell nega essa versão. “A indústria do petróleo não teme ser prejudicada pelo etanol. Nos próximos anos, precisaremos de todos os combustíveis possíveis. A demanda mundial será grande e todos os combustíveis terão lugar”, afirmou.

Ele explica que a Shell vai investir tanto no etanol de cana quanto no desenvolvimento de um etanol de celulose. “São esses os modelos que fazem sentido econômico e estamos considerando o envolvimento da Shell nesse setor. Não estamos considerando usar nem milho nem trigo.” O motivo da recusa pelo etanol de milho seria a necessidade de subsídios para que o produto seja competitivo.

Para o prêmio Nobel da Paz Rajendra Pachauri, biocombustíveis podem ser parte da solução para a questão ambiental. Mas só os produzidos de forma sustentável e que não gerem alta nos preços dos alimentos. “Parece que o etanol brasileiro se encaixa nesses critérios.”

Rendimento cai no início da safra de cana – Gitânio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 17/06/2008

Mesmo com moagem maior, início de temporada apresenta produção total menor de açúcar e álcool, aponta Unica - Chuva prejudica a maturação dos canaviais para a colheita; previsões apontam mais nebulosidade para os próximos meses

Chuvas além da conta vêm prejudicando o rendimento da lavoura neste início de safra no centro-sul do país. Levantamento da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) divulgado ontem mostra que, embora o volume de matéria-prima moída na região tenha crescido 5,19%, a quantidade de produtos obtidos por tonelada de cana processada (conhecida pela sigla ATR) recuou 6,02%. Resumo da ópera: a produção total de açúcar e álcool baixou 1,15%.

O levantamento da Unica comparou o desempenho no centro-sul do início da colheita, em abril, até 1º de junho, em relação a igual período do ano passado. A produção de açúcar caiu 10,77%, para 3,273 milhões de toneladas. A de álcool, somando anidro e hidratado, cresceu 6,15%, para 3,217 bilhões de litros, o que reforça "o perfil alcooleiro", provocado pela demanda por veículos flex. Em abril, a Unica anunciou previsão de que o centro-sul produza 24,3 bilhões de litros de álcool em 2008/9, mais 19% ante 2007/8. De açúcar, devem ser 28,6 milhões de toneladas, 9% mais.

Com 84 novas usinas desde 2005, a nova oferta no setor desequilibrou o mercado, diz Antonio de Pádua Rodrigues, diretor-técnico da Unica. A preferência pelo álcool se deve à possibilidade de "fazer caixa em curto prazo", afirma -algo essencial a empresas com capital de giro restrito.

As previsões para os próximos meses são de mais chuvas e nebulosidade na comparação com a safra passada, o que prejudica a maturação dos canaviais e

conseqüentemente leva a rendimento menor. Apesar dos boletins meteorológicos, o mercado avalia ser cedo para cravar produtividade mais baixa para toda a safra.

Momento de pressão - A oferta de início de safra pressiona os preços. Ismael Perina Júnior, presidente da Orplana (Organização de Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil), diz "até entender" as cotações do açúcar, mercado com "armazéns abarrotados". A saca de 50 kg está em R\$ 26 em São Paulo. "Mas, para o álcool, não há perspectiva de muita sobra no final da safra. Há, sim, excesso de oferta neste momento."

Perina atribui as cotações retraídas para o álcool à "pressão forte dos distribuidores de combustíveis, que atuam no mercado de forma concentrada". Segundo a assessoria de comunicação do Sindicom (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes), cada empresa tem sua estratégia comercial. Por isso, a entidade não se pronuncia especificamente sobre preços.

Para o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), na semana passada, o preço médio à vista do álcool hidratado combustível pago às usinas ficou em R\$ 0,6390 o litro. As cotações de açúcar e álcool desembocam em um preço de R\$ 31 a tonelada para o produtor de cana, contra custo estimado em R\$ 50. Para Julio Maria Martins Borges, diretor-executivo da consultoria JOB, a gasolina funciona como estoque de segurança do mercado de álcool. "Se o preço supera 70% do da gasolina, o consumo migra."

Para o andamento da safra, a analista Renata Marconato, da MB Agro, destaca a evolução favorável do consumo, que tende a deixar o mercado mais ajustado. A Unica relata que as vendas mensais ao mercado brasileiro superam 1,5 bilhão de litros, quando se soma o álcool hidratado ao anidro.

Marcos Escobar, consultor de gerenciamento de risco da FCStone, aponta para a expectativa de que o Brasil exporte até 5 bilhões de litros ao ano -60% desse volume para os EUA, como complemento à estratégia norte-americana para o álcool de milho.

Manoel Bertone, secretário de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, concorda que os preços não remuneram, a exemplo do que ocorreu no ano passado. "É um comportamento de cotações típico de uma área em expansão." Segundo ele, a cadeia produtiva dispõe de uma câmara setorial de âmbito nacional que pode ser um fórum para "uma discussão estrutural do setor".

Apontado por Bertone como essencial para que o setor avance em planejamento financeiro, o mercado futuro do álcool ainda "não pegou", diz Arnaldo Correa, da assessoria Archer Consulting. O produto ainda não é considerado uma commodity. Há divergências sobre qualidade e tributação. O ideal é que mais países produzam álcool, até para mais transparência nos preços internacionais.

Cosan prevê inaugurar duto de álcool em 4 anos, diz diretor – Folha de São Paulo – Dinheiro – 24/06/2008

A Cosan, maior processadora mundial de cana-de-açúcar, disse que o duto de álcool que a empresa está construindo com parceiras no Brasil começará a operar dentro de quatro anos.

A empresa espera, com isso, reduzir custos e aumentar exportações. O duto vai transportar 14 bilhões de litros de álcool ao ano, disse ontem o diretor financeiro da Cosan, Paulo Diniz, que participou de reunião com jornalistas em Nova York (EUA). A Cosan, a Copersucar e a Crystalsev programam investir R\$ 1,6 bilhão (US\$ 990 milhões) para construir o duto, que vai ligar a cidade de Ribeirão Preto ao porto de Santos, as duas localizadas no Estado de São Paulo.

Energia - Diniz também disse que a Cosan pretende se tornar uma das dez maiores fornecedoras de energia do Brasil dentro de quatro anos, com capacidade de produzir 1.300 megawatts de energia elétrica a partir do aproveitamento do bagaço de cana, rico em celulose.

A empresa, que é auto-suficiente em energia elétrica, planeja vender 900 megawatts, o que deve resultar em lucros -antes de juros, impostos, depreciação e amortização (conhecidos pela rubrica Ebitda, pelas iniciais em inglês)- de R\$ 600 milhões ao ano, disse Diniz.

Shell mostra interesse em investir no álcool de cana – Marcelo Ninio – Folha de São Paulo – Dinheiro – 26/06/2008

A gigante do petróleo Shell está interessada em investir na sua alternativa, o biocombustível. Segundo o diretor de tecnologia da empresa, Jan van der Eijk, o álcool brasileiro tem todas as vantagens para torná-lo um investimento atraente. "É claro que estamos interessados em álcool de cana", disse. "Acreditamos que tem a correta vantagem econômica e ambiental e é possível produzir de maneira sustentável."

Van der Eijk disse que a empresa quer participar "ativamente" do mercado de biocombustíveis. De acordo com ele, o Brasil tem todas as condições para se firmar como a grande base de produção, não apenas a partir de cana, mas de outras fontes, como celulose. Segundo ele, a Shell quer aumentar a exploração de petróleo em certas regiões, e que "a costa do Brasil é certamente uma delas". Ele prevê que o petróleo vai elevar o status internacional do Brasil. "Com as descobertas, o Brasil vai ter um papel cada vez mais importante", disse ele. O executivo da Shell não foi o único a elogiar o álcool brasileiro. Entre as personalidades do mundo da diplomacia e dos negócios convidados pela fundação do ex-secretário-geral da ONU Kofi Annan, para discutir "o lado humanitário" das mudanças climáticas, o combustível de cana foi absolvido.

O presidente mundial da Coca-Cola, Muhtar Kent, disse que o álcool de cana leva vantagem em termos econômicos e ambientais sobre os demais biocombustíveis. Elogiou o desempenho econômico do Brasil e disse que o país é um dos mercados de maior crescimento da Coca-Cola no mundo. Para o Nobel da Paz Rajendra Pachauri, presidente do IPCC (painel da ONU para o clima), tudo indica que o álcool de cana é sustentável. "Pelo menos é o que parece", disse o indiano. Ele se mostrou preocupado com o desmatamento da Amazônia, mas não quis atribuí-lo ao avanço do álcool.

Javier Solana, chefe da diplomacia da União Européia, lançou o conceito de "soberania responsável" para definir o compromisso de cada país com o clima do mundo. Indagado como isso se aplicaria à Amazônia, Solana disse que as mudanças climáticas são um desafio que poderá ser vencido apenas com a ajuda de todos. "Todos a bordo", disse Solana, "mas com responsabilidades variadas".

Colheita de cana avança, mas produção pode cair – Mônica Scaramuzzo - Valor Econômico – Agronegócios - 17/06/2008

A colheita de cana no centro-sul do país tem avançado e segue em um ritmo mais acelerado sobre o mesmo período do ano passado. Contudo, o clima chuvoso na região poderá reduzir a oferta da matéria-prima moída até o final da safra, prevista para dezembro.

Levantamento divulgado ontem pela União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica) mostra que até o dia 1º de junho o processamento de cana na região atingiu 75,708 milhões de toneladas, volume 5,19% maior em relação a igual período do ano passado. Em São Paulo, maior Estado produtor do país, a colheita ficou em 51,594 milhões de toneladas no mesmo período, com aumento de 9,03%. Nas demais regiões do centro-sul, o processamento foi de 24,114 milhões de toneladas, com queda de 2,19%.

Assim como na safra passada, as usinas estão priorizando a produção de álcool no início da colheita. Até o dia 1º de junho, a produção de álcool anidro e hidratado no centro-sul ficou em 3,217 bilhões de litros, aumento de 6,15% sobre o mesmo período de 2007. A oferta de açúcar, no mesmo período, recuou 10,77%, para 3,273 milhões de toneladas.

Segundo Antonio de Padua Rodrigues, diretor-técnico da Unica, a colheita de cana na região centro-sul deverá ser revista e não deverá atingir mais os 498,1 milhões de toneladas, estimados no primeiro relatório de safra 2008/09. "As chuvas sobre os canaviais estão reduzindo a produtividade da matéria-prima." Padua explicou que as chuvas interromperam o processo de concentração de sacarose da cana. "A matéria-prima começou a vegetar novamente". Além disso, com o atraso na colheita da cana por conta do clima, um maior volume de matéria-prima deverá ficar em pé nos canaviais.

A Unica deverá divulgar seu novo relatório de safra nas próximas semanas. Levantamento parcial mostra que das 31 novas usinas que iriam iniciar a produção este ano, somente duas estão em operação. Ontem, o Ministério da Agricultura informou que o zoneamento da cana no país deverá ficar até o dia 31 de julho. As áreas de pastagens, com preferência na expansão da cultura, já estão mapeadas. Faltam definir as regiões que deverão sofrer restrição, entre elas, a região Amazônica.

Governadores do NE se mobilizam pela energia eólica - Daniela Chiaretti – Valor Econômico – Brasil - 17/06/2008

No início de 2009 o Brasil irá realizar seu primeiro leilão de energia eólica. Ainda não há definição sobre quanta energia será negociada e com qual regularidade ocorrerão os leilões, mas o pontapé inicial foi anunciado ontem pelo ministro das Minas e Energia Edison Lobão, num encontro em Fortaleza que reuniu cinco governadores do Nordeste e dois vices, o presidente do Senado Garibaldi Alves Filho (PMDB-RN), vários deputados, empresários, ambientalistas e agentes financeiros. É a primeira vez que o lobby da energia eólica exhibe tal força política.

Os presentes queriam uma sinalização mais vigorosa do governo federal de investir na energia produzida pelo vento, mas consideraram positiva a notícia do leilão. "O uso da energia eólica como fonte de energia complementar pouparia os estoques hídricos", defende Roberto Smith, presidente do Banco do Nordeste do Brasil (BNB). "O Nordeste têm absorvido muita energia e esta tem sido uma tendência crescente", continua Smith. "E cada vez mais, em função de requisitos ambientais, as hidrelétricas são construídas sem grandes reservatórios, que não aguentam tanto em regime de estiagem. Este é o X da questão, e é assim que o custo da energia eólica tem que ser pensado", prossegue.

O encontro aconteceu na sede do BNB, o maior financiador de energia eólica no país junto com a Sudene. Os investimentos do BNB no setor, no Nordeste, somam R\$ 2,4 bilhões em projetos instalados, em andamento e em análise. Desse total, R\$ 1,040 bilhão é recurso do banco, R\$ 970 milhões vêm do fundo de desenvolvimento do Nordeste e R\$ 400 milhões são a parte dos próprios investidores. O BNDES também é um braço importante no estímulo à energia dos cataventos.

Na defesa da eólica marcaram presença os governadores Cid Gomes (PSB-CE), Jacques Wagner (PT-BA), Marcelo Déda (PT-SE), Eduardo Campos (PSB-PE) e Wellington Dias (PT-PI), todos mordidos pelo apelo verde desta energia que também sinaliza fortes investimentos em parques eólicos, na instalação das indústrias de equipamentos e em uma alternativa de desenvolvimento à região. "Uma reunião com este peso político para discutir energias renováveis no país nunca havia acontecido", registra Marcelo Furtado, diretor-executivo do Greenpeace no Brasil "As intervenções que foram feitas pelos políticos foram muito bem articuladas, com questionamentos específicos e um entendimento claro do que significa este tipo de energia para o Nordeste", avalia. "Nossa leitura é que no ambiente econômico, social e político essa discussão já tem maturidade para que existam mais coisas sobre a mesa."

No discurso dos governadores, registra Furtado, há a intenção de buscar outro perfil para a região, migrando da posição de importadora de energia para a ponta oposta - e atraindo investimentos com seu invejável potencial eólico. Pelos dados do Atlas Eólico Nacional, o potencial brasileiro de energia pelos ventos é de 143 GW, sem considerar a instalação de parques marítimos. O Nordeste responderia por 75 GW, sendo 25 GW concentrados no Ceará.

Furtado avalia como "limitada" a participação do governo federal. A ausência da ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, que havia confirmado presença, foi anotada, mas a observação do ambientalista vai além do protocolo. "Há muita lição de casa a ser feita", prossegue. Segundo ele, falta um marco regulatório claro que dê segurança aos investidores - providência que o Greenpeace tem articulado e terá novo round amanhã, em reunião com representantes da Câmara e do Senado. A estratégia, no entender de Furtado, é convencer o

governo federal a garantir às energias renováveis acesso prioritário à rede e assegurar sua compra por preços que remunerem o produtor sem onerar o consumidor.

A leitura do governo federal, naturalmente, é outra. "Temos um marco regulatório", diverge Laura Porto, diretora do departamento de desenvolvimento energético do Ministério das Minas e Energia (MME). Ela se refere à legislação que regulamenta a comercialização de energia através de leilões e a que criou o programa de incentivo às energias renováveis, o Proinfa. Trata-se de uma iniciativa que procura estimular a produção de energia através de biomassa, de pequenas centrais elétricas e a partir dos ventos, mas que é tida como tímida pelos críticos. "O Proinfa inaugurou uma estratégia para esta fonte de energia", diz ela. "O leilão de eólica é a sinalização que o mercado está amadurecido e que o programa terá continuidade. Este era o nosso grande desafio."

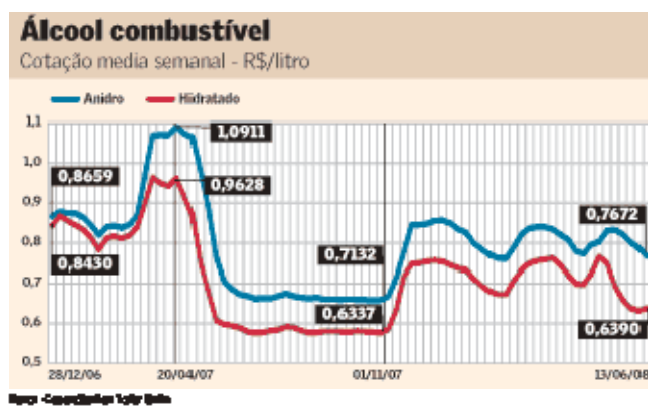
Demanda fortalece álcool combustível - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 19/06/2008

Relegado a segundo plano durante toda a década de 1990 e início dos anos 2000, o mercado de álcool combustível encontrou novamente seu rumo e engata uma vigorosa rota de crescimento no Brasil, sustentado, sobretudo, pelo aumento do consumo do combustível no país, com as vendas dos carros flex. E as exportações do etanol, que eram praticamente traço nas estatísticas dez anos atrás, dão sinais de recuperação, puxadas pela demanda americana, mesmo com forte lobby internacional contra os biocombustíveis.

"Os EUA são, pelo segundo ano consecutivo, o principal destino do álcool brasileiro", diz Plínio Nastari, presidente da consultoria Datagro. A expectativa é de que as usinas exportem 4,8 bilhões de litros na safra 2008/09, alta de 39% sobre o ciclo anterior. O mercado americano deverá absorver dois terços deste volume. União Européia e Ásia, sobretudo o Japão, que tem interesse em produzir o álcool em parceria com o Brasil, respondem pelo restante.

Apesar de serem os maiores produtores mundiais de etanol, os EUA não devem conseguir suprir sua demanda interna, estimada em 34 bilhões de litros. A produção naquele país está estimada em cerca de 30 bilhões de litros. A escalada dos preços do milho, principal matéria-prima para o etanol americano, tornou o álcool brasileiro super competitivo naquele mercado, mesmo com a tarifa de US\$ 0,54 por galão e 2,5% de tarifa ad valorem. O álcool chega nos EUA a US\$ 2,67 por galão. É praticamente mesmo valor que os americanos gastam para produzir o álcool deles, em torno de US\$ 2,70 por galão. Os custos vão subir ainda mais lá, com as fortes chuvas inundando as lavouras de milho.

Nastari não acredita que o governo americano derrube a tarifa de importação do etanol, pelo menos no curto e médio prazos. Mas considera que os EUA poderão estimular a entrada de álcool de outros mercados, com a criação de salvaguardas, para acirrar a competitividade naquele mercado.



Mas, apesar da combinação de fatores positivos para o mercado brasileiro de álcool - consumo aquecido no país e recuperação das exportações -, as usinas operam atualmente no vermelho. Os custos de produção do álcool hidratado estão em R\$ 0,7126 (o litro). No mercado paulista, o produto está cotado a R\$ 0,63.

Para Nastari, há falhas na comercialização do produto no país, que vão desde a oferta maciça do combustível durante os sete meses de safra, a falta de infra-estrutura para armazenagem do álcool durante a entressafra, além da necessidade de criação de liquidez para o mercado futuro do etanol na BM&F (Bolsa de Mercadorias & Futuros). "Há um cenário ajustado de oferta e demanda para o álcool no país. Mas essas deficiências na comercialização respondem pela forte sazonalidade dos preços ."

Para esta safra, a Datagro estima uma produção de álcool de 26,71 bilhões de litros no Brasil, aumento de 19,2% sobre o ciclo anterior. O consumo no mercado interno está estimado em 21 bilhões de litros. Há dois anos, o consumo era de 1 bilhão de litros mensais. Neste ano, gira em torno de 1,8 bilhão de litros, um salto de 80%.

Noble Group investirá US\$ 300 milhões em nova usina de álcool - Vanessa Adachi – Valor Econômico – Agronegócios - 23/06/2008

O Noble Group, trading de commodities com sede em Hong Kong, vai investir US\$ 300 milhões na construção de uma nova usina de açúcar e álcool em São Paulo, com capacidade de esmagar 8 milhões de toneladas anuais. A informação foi dada pelo vice-presidente do Noble, o indiano Harry Banga, em passagem pelo Brasil na semana passada. A nova planta, prevista para entrar em funcionamento dentro de 18 a 24 meses, produzirá principalmente etanol.

"O Brasil está no topo das nossas prioridades de investimento", disse Banga. A Noble, que faturou US\$ 23 bilhões em 2007 e prevê uma receita de US\$ 40 bilhões neste ano, é uma gigante do comércio mundial, presente em 40 países. Administra, por exemplo, uma frota de 400 navios, entre próprios (leasing) e de terceiros. Embora tenha nascido como uma trading, partiu para a verticalização e hoje participa da produção, transporte e até a distribuição dos produtos a granel nos mercados consumidores.

"Nossa estratégia é fazer a ligação entre os países produtores do hemisfério Sul e os países consumidores do hemisfério Norte. E o Brasil tem um papel importantíssimo nisso", observou.

Com a nova usina, os investimentos previstos e os já realizados pela Noble no país chegará a US\$ 600 milhões. Como trading, a companhia já está presente no país há quase vinte anos. É dos grandes exportadores de café e soja, atividades nas quais atua financiando os produtores e fornecendo insumos. No ano passado exportou 8 milhões de sacas de café e 2,6 milhões de toneladas de soja. Foi em 2007 que o Noble Group passou a fazer investimentos em produção e logística por aqui.

Em janeiro do ano passado, adquiriu cinco armazéns de grãos no Mato Grosso e Paraná, por US\$ 18 milhões. Em fevereiro, comprou a Usina Petribu Paulista, no interior paulista, com capacidade de esmagamento de 2,5 milhões de toneladas. Depois disso, foram investidos US\$ 150 milhões para dobrar a capacidade da usina e também implementar melhorias. Por último, em meados do ano, o Noble fechou a compra, por R\$ 120 milhões, de 30% da mineradora Mhag, que agora prepara a sua abertura de capital.

Banga disse que o grupo está muito confiante na implementação do plano de expansão da Mhag, que pode elevar a produção a 30 milhões de toneladas no longo prazo. "E estamos tranquilos em relação a nossa capacidade de comercializar isso tudo."

Aqui no Brasil, ainda na área de mineração, a Noble trabalha na exportação de alumínio e importação de coque. "E no ano passado transportamos 10 milhões de toneladas de ferro de produção da Vale do Rio Doce", contou o executivo.

Há cerca de quatro anos, a Noble começou a investir na produção de etanol de milho nos Estados Unidos, por meio da aquisição de participações minoritárias de usinas. Hoje, o grupo acompanha com atenção toda a polêmica em torno do etanol no mundo. Banga disse que o grupo tomou a decisão de migrar o foco da sua atividade do etanol de milho para o etanol de cana-de-açúcar. "É mais sustentável e comercial a longo prazo", afirmou ele.

Shell ratifica interesse em etanol de cana - Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios - 26/06/2008

O gigante do petróleo Royal Dutch Shell confirmou que está considerando "ativamente" investir na produção "sustentável" de etanol de cana de açúcar no Brasil.

"Estamos interessados em etanol cana de de açúcar porque acreditamos que tem o correto aspecto econômico e ambiental", afirmou o diretor de tecnologia da companhia, Jan van der Eijk. Segundo o executivo, a Shell analisa atualmente "como participar nessa indústria particularmente atrativa". Disse que, se os planos se concretizarem, a idéia é de investir no longo prazo. Daí o interesse em fontes como o bagaço da cana, para produção de segunda geração.

O executivo evitou responder se a Shell planeja entrar em parceria e em que dimensão de investimentos, insistindo que os planos poderão ser revelados em breve. Ele não escondeu o entusiasmo com as condições de produção no Brasil, destacando "a disponibilidade de terra, desenvolvimento industrial e tecnológico e clima", tudo para tornar o país mais importante na produção de biocombustíveis.

Atualmente a Shell compra, comercializa, estoca, mistura e distribui biocombustíveis convencionais. É o maior distribuidor mundial, com mais de cinco bilhões de litros em 2007, e diz que continua a aumentar a capacidade.

De outro lado, lembrou o executivo, a Shell tem dois grandes investimentos na produção de etanol de segunda geração. O primeiro é na companhia americana Iogen, que produz a partir de restos de madeira, numa usina no Estado de Idaho, ao invés de milho ou cana, como é o caso do etanol de primeira geração. O segundo é na refinaria de biocombustível alemã Choren. O objetivo é produzir 18 milhões de litros a partir de detritos de madeira, e que seria menos poluente e adaptado a qualquer motor.

Jan van der Eijk acredita que o etanol não compete com o petróleo. E destacou a importância da exploração para a Shell de óleo e gás na costa brasileira, que ele vê como uma de suas grandes fontes potenciais. "Com as descobertas de fontes de petróleo e gás, quando isso se transformar em realidade comercial, o papel do Brasil como produtor vai aumentar tremendamente", comentou o executivo.

Participação de multinacionais em açúcar e álcool deve dobrar no país - Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios - 25/06/2008

A participação de multinacionais no setor sucroalcooleiro deverá crescer no Brasil nos próximos anos. Cerca de 15% da produção de cana-de-açúcar do país já está nas mãos de capital estrangeiro, segundo cálculos do secretário de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Manoel Bertone. A tendência para os próximos anos é de que essa fatia aumente, atraída pelo potencial do etanol, de acordo com analistas de mercado.

Em relatório divulgado ontem, a organização não-governamental britânica Oxfam calcula que a "inundação de investimentos" no setor sucroalcooleiro pode dobrar a participação de usinas sob o comando de estrangeiros no país.

A Oxfam nota que os investimentos estão vindo de todos os lugares, incluindo Índia e China, das grandes companhias do agronegócio, como Cargill, Bunge, ADM e Louis Dreyfus, e de investidores financeiros como Goldman Sachs, Merrill Lynch, George Soros e Carlyle Riverstone. Ontem foi a vez do bilionário britânico Richard Branson se mostrar interessado em investir no etanol brasileiro.

Pouca gente, no entanto, se arriscou a comentar a previsão de Oxfam de que o setor pode atrair até US\$ 33 bilhões em investimentos entre 2008 e 2012.

Bertone diz que a estratégia brasileira para criar um mercado mundial de etanol é clara: de um lado, quer atrair investimento externo para desenvolver o setor. De outro, está interessado também em investir na produção de etanol em outros países.

Até agora, o governo brasileiro estimulou produção na África. Um novo passo agora está sendo examinado pela Petrobras, que tem planos para produzir biocombustíveis na Espanha e França, segundo declarações feitas pelo gerente de desenvolvimento de negócios internacionais de biocombustíveis da estatal, Fernando Cunha.

Para Bertone, não há surpresa. "Com a diminuição dos incentivos na Europa, surgiram boas oportunidades para que a Petrobras explore o potencial da matéria-prima brasileira [cana]."

No caso dos investimentos externos no Brasil, Oxfam, por sua vez, critica as condições de produção do etanol. A ONG cita em seu relatório a Brenco, cujos acionistas

são estrangeiros, e que foi autuada em Goiás porque teria empregado funcionários em "situações degradantes".

Em seu relatório intitulado "Outra Verdade Inconveniente", Oxfam procura mostrar que os biocombustíveis não são a resposta para o clima ou a crise de carburantes globalmente. Mas admite que o Brasil produz etanol sustentável. A ONG mostra que o produto pode reduzir 90% das emissões de gases carbono em comparação com o combustível tradicional, enquanto o etanol americano à base de milho só reduz 20%.

A entidade denuncia que os objetivos de utilização de etanol nos Estados Unidos e na União Europeia (UE) estariam acelerando a expansão da cana-de-açúcar e uma mudança que considera inevitável no uso da terra, com risco de cultivo em áreas da Amazônia - possibilidade que o governo brasileiro rejeita, uma vez que a cultura está concentrada nas regiões centro-sul do país e Nordeste. A expansão da cana para o Centro-Oeste do país está concentrada no Mato Grosso do Sul e Goiás.

Para Coca, biocombustível brasileiro é sustentável – Assis Moreira - Valor Econômico – Agronegócio - 26/06/2008

O Brasil é um das locomotivas da expansão de vendas da Coca-Cola, segundo seu presidente mundial, Neville Isdell. Segundo ele, o país é um dos melhores mercados para a multinacional, com desempenho superior à média mundial. "Estou muito animado com o que está ocorrendo no Brasil, é muito positivo".

O presidente da Coca-Cola tomou posição diferente da concorrente Pepsi, Nestlé e de outras grandes multinacionais de bebida e alimentação, que deflagraram um ataque na Europa a produção de biocombustíveis.

"O etanol brasileiro é sustentável e mais eficiente em termos de produção de energia", declarou o executivo, que preferiu não fazer comentários sobre o produto americano a base de milho.

Também Carl-Henric Svanberg, presidente da Sony Ericsson Mobile Communications, declarou-se bastante positivo com a situação no país e com o crescimento dos negócios.

Os dois executivos participaram em Genebra do Fórum Humanitário Global, uma iniciativa do ex-secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan. (AM)

Álcool combustível avança no Nordeste - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 30/06/2008

O mercado de álcool está aquecido no Nordeste. O consumo médio mensal do combustível saltou de 130 milhões de litros mensais, em 2007, para 180 milhões de litros este ano na região, segundo Renato Cunha, presidente do Sindicato das Indústrias de Açúcar e Alcool de Pernambuco (Sindaçúcar/PE).

A maior demanda pelo álcool na região reflete os preços mais competitivos do combustível comparados aos da gasolina. O Nordeste responde por cerca de 15% da produção nacional de cana - os Estados de Alagoas e Pernambuco são, respectivamente, os maiores produtores nordestinos. "Verificamos um aumento significativo do consumo do combustível por conta do aumento da frota de carros flexfuel", disse Cunha. As vendas de carros flex representam cerca de 90% do total de veículos vendidos no país, segundo dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

O incremento das vendas deste tipo de veículo impulsionou o consumo do álcool no mercado interno, sobretudo no centro-sul, onde já está em 1,8 bilhão de litros por mês, em média. São Paulo, maior pólo sucroalcooleiro do mundo, é o maior consumidor de álcool hidratado do país e também concentra a maior frota de veículos que rodam com álcool ou gasolina.

A opção do consumidor depende da relação de preços dos dois tipos de combustível. Se os preços do litro do álcool estiverem abaixo de 70% do litro da gasolina, a opção pelo hidratado é a mais econômica, segundo a União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica). E seguindo este raciocínio, os consumidores nordestinos também estão optando pelo álcool. Na semana passada, a relação de preços entre os dois combustíveis estava em torno de 60% em Alagoas e Pernambuco, segundo a ANP (Associação Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis). Apesar de trabalharem com rentabilidade negativa nesta safra, as usinas nordestinas não deverão carregar altos estoques para os próximos meses. É que o avanço do consumo na região deverá enxugar o excedente de oferta do combustível durante a safra 2008/09 de cana no Nordeste, que começa a partir de setembro.

No ciclo 2007/08, a produção de álcool ficou em 2 bilhões de litros, dos quais 500 milhões foram exportados. "Temos uma logística privilegiada para exportação, o que nos garante maior competitividade em relação ao centro-sul".

O mesmo ocorre com o açúcar. Das 4,6 milhões de toneladas produzidas na safra 2007/08, as usinas do Nordeste exportaram 2,9 milhões, ou 63% do total. "Pernambuco é o maior produtor de açúcar refinado [com produção de cerca de 480 mil toneladas]", afirmou Cunha. Na safra 2007/08, a colheita de cana atingiu 61 milhões de toneladas, com um crescimento de 9% sobre o ciclo anterior. Para 2008/09, Cunha não se arrisca a fazer previsões. "Poderíamos crescer muito mais, se os preços dos insumos não estivessem tão altos e a rentabilidade do setor não estivesse tão baixa", afirmou.

A expectativa é que a produção deverá crescer 5%. "Temos investido no aumento da produtividade por hectare", afirmou. No centro-sul, a produtividade média é de 85 a 100 toneladas por hectare. No Nordeste, oscila de 57 a 67 toneladas por hectare. "Há cinco anos, a média girava em torno de 52 toneladas por hectare". Os avanços nesta área ocorrem por conta de pesquisas desenvolvidas por Ridesa (Rede Interuniversitária para o Desenvolvimento do Setor Sucroalcooleiro), Cetene (Centro de Tecnologias Estratégicas do Nordeste) e do CTC (Centro de Tecnologia Canavieira), com sede em Piracicaba (SP).

POLÍTICA DE BIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

Aumento da adição de biodiesel beneficia agricultura familiar – Sítio Eletrônico do MDA – 17/06/2008

O óleo diesel comercializado no Brasil passará a conter obrigatoriamente, a partir de 1º de julho, 3% de biodiesel, mistura chamada B3. Combustível renovável produzido por meio de óleos vegetais, o biodiesel é menos poluente que o diesel tradicional. Sua produção também traz vantagens econômicas, como a redução das importações do diesel e a geração de renda na indústria e no campo, por meio do cultivo de matérias-primas.

Segundo o coordenador do Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB) pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Arnaldo de Campos, a economia em 2008 com a diminuição das importações de diesel é estimada em US\$ 600 milhões. “Essa renda, que iria para o exterior, acabará nos pequenos e médios municípios onde a atividade agrícola e as indústrias de biodiesel estão ajudando a dinamizar as economias locais, levando desenvolvimento com distribuição de renda e justiça social”.

É o que já está acontecendo no assentamento Santa Terezinha, em Itatira (CE), a 173 quilômetros de Fortaleza. Ali, quase todas as 46 famílias fecharam contrato com usinas produtoras de biodiesel para fornecimento de mamona. O agricultor João Batista dos Santos, 41 anos, é um deles. Apenas na primeira venda, ele recebeu R\$ 224,00 da Brasil Ecodiesel, uma empresa com Selo Combustível Social, concedido pelo MDA àquelas que compram matéria-prima de agricultores familiares. A empresa adquire a mamona por R\$ 0,75 o quilo. Já os atravessadores não pagam mais de R\$ 0,25.

Consórcio com alimentos - A família de José Diogo Morais, 34 anos, também está satisfeita com a venda da matéria-prima. “A gente pensava que nem comércio tinha para a mamona, e hoje ela é um grande complemento para a família”, diz. “Nós já plantamos mamona no passado, mas achávamos que não dava muito certo porque ganhávamos pouco dinheiro dos atravessadores. Hoje, a gente sente que vale a pena investir na mamona porque há um incentivo do governo”, concorda a esposa, Rita de Oliveira, de 29 anos.

Tanto João quanto José cultivam a mamona em consórcio com o milho e o feijão. Em todo o País, a maioria dos agricultores faz desse jeito: planta biodiesel em consórcio ou rotação de cultura com alimentos. “Essa é uma virtude do biodiesel brasileiro. Ele não compete com alimento, pelo contrário, ele depende da sua relação direta com a produção de alimentos. Quanto mais forte a ligação do biodiesel com a produção de alimentos, mais competitivo será o biodiesel brasileiro”, diz Arnaldo de Campos.

Política Nacional - Os assentados de Santa Terezinha não estão sozinhos no PNPB. Cerca 100 mil famílias já participaram pelo Programa. A inclusão dessas

famílias já foi garantida logo no início do Programa, com a criação do Selo Combustível Social. As usinas que possuem o Selo assumem compromissos de responsabilidade social com agricultores familiares e suas organizações. “Isso mostra que as grandes empresas estão acreditando, apostando e reconhecendo a importante contribuição da agricultura familiar em um setor tão estratégico para o País, como o setor energético”, diz Campos.

Por meio do Selo, o produtor de biodiesel tem acesso a alíquotas de PIS/Pasep e Cofins com coeficientes de redução diferenciados, acesso às melhores condições de financiamentos junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e suas instituições financeiras credenciadas, ao Banco da Amazônia (Basa), ao Banco do Nordeste do Brasil (BNB), ao Banco do Brasil (BB) e instituições financeiras que possuam condições especiais de financiamento para projetos com Selo.

Matriz diversificada - Além de beneficiar o trabalhador rural, o B3 também coloca o Brasil como uma das potências mundiais em energia renovável. Segundo Campos, com essa nova adição, o consumo de biodiesel – que foi de pouco mais de 400 milhões de litros em 2007 – deverá ultrapassar pela primeira vez a barreira de 1 bilhão de litros. Ser um dos países com a matriz energética mais diversificada do planeta é vantajoso para o Brasil. “Estamos assistindo a elevação diária dos preços do petróleo. Para os países que dependem excessivamente dessa fonte, isso significa inflação, aumento de custo dos insumos, do transporte”, explica o coordenador.

A obrigatoriedade de mistura de biodiesel ao óleo diesel foi estabelecida pela Lei nº 11.097/2005 como parte do PNPB. O Governo Federal tem como meta implantar o biodiesel no Brasil gradativamente, de forma sustentável, promovendo inclusão social e com garantia de preços competitivos. A expectativa é que, até 2013, o percentual de mistura de biodiesel chegue a 5% (B5), prazo que pode ser antecipado para 2010. Com o B5, a economia com a diminuição da importação de diesel deve superar US\$ 1 bilhão. O PNPB foi organizado em etapas para que o governo, os agricultores e as indústrias pudessem se organizar e planejar a expansão e consolidação do biodiesel no Brasil. Atualmente, o percentual de mistura obrigatória é de 2%.

Etanol

Etanol e bioeletricidade, a riqueza da cana - João Camilo Penna e Carlos Roberto Silvestrin – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 21/06/2008

O Ministério de Minas e Energia (MME) realizará, no próximo dia 30 de julho, leilão para compra de energia de reserva, a partir da biomassa da cana-de-açúcar. É importante destacar que a cana produz 1/3 de caldo (açúcar/etanol), 1/3 de bagaço (bioeletricidade) e 1/3 de palha (bioeletricidade e adubo). A cana é uma riqueza brasileira. Nossa produção atinge 500 milhões de toneladas ao ano - 1/3 da mundial. A energia vinda da cana já supera a energia hidrelétrica no País.

A energia elétrica no Brasil tem base hídrica (85%), conjugada com térmicas (15%). A vazão dos rios entre os períodos de seca e chuva varia de 1 para 2 no Sudeste, de 1 para 3 no Sul e de 1 para 5 no Nordeste. Portanto, temos necessidade de reservatórios reguladores, hoje quase impossíveis, e de térmicas na seca para ampliar a oferta hídrica na chuva. Para novas hidrelétricas há complexidades a serem superadas que dilatam os cronogramas. Para térmicas temos opções no gás natural, que é escasso e tem preços altos e voláteis, e no óleo, que é poluente e vem do petróleo em escalada de preços. Para bioeletricidade da cana temos biomassa disponível para ofertar 3 mil MW firmes ao ano, com a produção subindo de 500 milhões de toneladas para 1 bilhão de toneladas por safra, em 2020.

O mercado fará crescer o uso da bioeletricidade da cana, ideal para complementar e trazer segurança ao sistema elétrico. Produzida na seca, ela é competitiva, renovável, limpa e com ótimo balanço ambiental. As usinas são distribuídas, têm rápida implantação, são pouco vulneráveis a crises e geram créditos de carbono. O MME e a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) examinam alternativas de conexão das usinas. Os produtores aguardam que as diretrizes considerem os atributos da biomassa da cana.

Há anos é pesquisada a produção competitiva do etanol celulósico da cana. A longa procura significa dificuldades, porém, encontrada a solução, teremos uma revolução energética. Enquanto isso, e depois disso, a biomassa da cana continuará sendo queimada para produzir bioeletricidade, que complementa o Proálcool. Com a vitalidade da livre iniciativa, os produtores, apoiados pelo governo, tornaram o etanol da cana um sucesso brasileiro.

O etanol compete com a gasolina, com o petróleo acima de US\$ 40 o barril, gera divisas, empregos e melhores condições sociais, reduz em até 90% as emissões que viriam da gasolina e busca novos mercados. Além do uso nos carros flex, pode ser utilizado nos aviões da Embraer e na álcoolquímica. Atrelar a bioeletricidade ao etanol é opção empresarial segura e política de sustentabilidade estratégica para o Brasil.

Agora surge campanha acusando o etanol de contribuir para o aumento do preço e para a escassez de alimentos. Isso não ocorre no Brasil, que tem moderna e avançada agricultura. A cana ocupa hoje 8 milhões de hectares, de um total de 400 milhões de hectares agricultáveis existentes. A expansão da cana substitui pastagens de baixa produtividade. É falácia afirmar que a cana vai invadir a Amazônia. O etanol é produzido em apenas 1% da área agricultável, abastece os veículos flex misturado na gasolina na proporção de 20% a 25%.

O conflito ocorre com o etanol do milho. Hoje nos EUA 25% do milho é destinado para o etanol, com meta para substituir 20% da gasolina até 2017. O etanol de milho tem saldo energético baixo. Há estudos indicando 1.5 de energia produzida para 1.0 de energia gasta, e para outros o saldo é negativo. No etanol da cana a relação é de 8.3, podendo crescer com novas tecnologias. O custo do etanol de milho é 25% superior ao da cana, por paridade de compra, e sua produtividade (3.600 litros por hectare) é metade da do etanol da cana.

A conjugação de esforços empresariais, com apoio do governo, da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) e dos centros de pesquisas, continuará

aumentando a produção e a produtividade da cana para destilarias, veículos flex e cogeração de energia. O fomento da produção de etanol aumenta a produção da bioeletricidade da cana, que poderá superar em até 15% de toda a energia elétrica utilizada no País, com a expansão da bioeletricidade a partir da disponível biomassa da cana, uma riqueza brasileira.

***João Camilo Penna foi ministro da Indústria e Comércio no governo João Figueiredo e presidente da Cemig, de Furnas e do Conselho de Administração de Itaipu no governo José Sarney; e Carlos Roberto Silvestrin é vice-presidente-executivo da Associação Paulista de Cogeração de Energia (Cogen-SP)**

Exportação faz preço do álcool disparar – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 21/06/2008

O aumento nas exportações no início desta semana fez o preço do álcool hidratado disparar 5,99% nas usinas paulistas, tendo sido negociado, em média, a R\$ 0,6773 o litro, ante R\$ 0,6390 na semana anterior, informou ontem o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq). O anidro aumentou 0,43% no período, vendido a R\$ 0,7705, em média, o litro. O hidratado abastece veículos a álcool ou bicomcombustível.

Biólogos buscam na natureza receita do etanol de celulose - Herton Escobar – Estado de São Paulo – Vida & - 23/06/2008

Cientistas vasculham plantas e animais à procura das enzimas necessárias para tornar a tecnologia viável

Quando se formou em biologia, 20 anos atrás, Alexandre Rosado não imaginava que um dia daria entrevistas sobre o futuro energético do planeta. Naquela época, o aquecimento global era quase um mito, o preço do petróleo não chegava nem perto dos US\$ 100 o barril e o programa de álcool brasileiro parecia sem futuro. Agora, a história é outra.

A “redescoberta” do etanol e a busca por novas fontes de energia renovável a partir de plantas está transformando completamente o cenário científico da indústria de combustíveis. O líquido energético que antes precisava ser extraído de rochas profundas agora é plantado na superfície, colhido, e plantado de novo. Em vez de brocas, sonares e capacetes, os especialistas agora usam pinças, microscópios e jalecos brancos. As plataformas de petróleo viraram colheitadeiras. A geologia cedeu lugar à biologia. E Alexandre Rosado ganhou uma nova função.

Enquanto a Petrobrás anuncia a descoberta de reservas petrolíferas milhares de metros abaixo da superfície, ele e outros biólogos ao redor do mundo vasculham o intestino de peixes, vacas e cupins à procura de micróbios capazes de digerir celulose e produzir os biocombustíveis do futuro. “É um momento muito interessante, a área está super quente”, diz Rosado, professor há dez anos do Instituto de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e chefe do Laboratório de Ecologia Microbiana Molecular.

Mais especificamente, os cientistas estão à caça de enzimas com ação celulolítica - ou seja, capazes de quebrar as moléculas longas e duras de celulose em moléculas menores e mais “digeríveis” (do ponto de vista de uma levedura), que possam ser aproveitadas nos processos clássicos de fermentação para produção de etanol. E não há lugar melhor para isso do que o intestino de animais herbívoros, fundos de lagos e outros ambientes exóticos onde matéria vegetal é naturalmente degradada.

A falta dessas enzimas, chamadas celulasas, é um dos principais entraves à produção de etanol de celulose. “As enzimas que temos hoje são muito ineficientes e caras”, diz Paulo Arruda, biólogo molecular da empresa Alellyx, de Campinas. “Precisamos digerir mais bagaço com menos enzima. Esse é o gargalo.”

Os especialistas em produzir celulasas na natureza são microrganismos. Na UFRJ, os cientistas estudam o arsenal enzimático de micróbios que vivem no intestino de peixes cascudos da mata atlântica. Dentre as centenas de bactérias identificadas, duas novas espécies já foram isoladas e caracterizadas. “São tipos tão diferentes que talvez sejam até gêneros novos”, diz Rosado, que orienta a pesquisa em parceria com a cientista Elba Bon, do Instituto de Química. O trabalho compõe a tese de mestrado do aluno André Castro.

Outro projeto do laboratório é o estudo de comunidades microbianas da água de bromélias - aquelas “piscininhas” que se formam na base das folhas e estão recheadas com microrganismos. Cerca de 500 espécies já foram isoladas e 80%, segundo Rosado, têm ação celulolítica. “A motivação inicial era apenas estudar a biodiversidade microbiana desses ambientes. Quando vimos o potencial que isso tinha para os biocombustíveis, porém, iniciamos a busca por enzimas também”, conta o cientista. Ele exalta o potencial biotecnológico da biodiversidade brasileira: “Temos reservatórios enormes de genes, enzimas e microrganismos que não são explorados”, diz.

CUPINS - Nos EUA, um dos líderes nessa área é o microbiólogo Jared Leadbetter, do Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech), que trabalha em parceria com a empresa Verenium. Em 2007, ele e vários cientistas da empresa publicaram na revista Nature Biotechnology uma análise de genes e proteínas de bactérias do intestino de cupins. Os insetos foram coletados na Costa Rica, com autorização do governo e participação de cientistas locais, que também assinam o estudo.

A escolha faz sentido: se o objetivo é digerir biomassa, ninguém sabe fazer isso melhor do que um cupim. O intestino do inseto está recheado de bactérias e outros micróbios que secretam celulasas. Os cientistas querem isolar essas enzimas e testá-las na produção de etanol. E depois, quem sabe, isolar os genes responsáveis pelas enzimas e transferi-los para outros microrganismos que possam ser incorporados ao processo produtivo.

“Não há dúvida de que a solução para os biocombustíveis está nos micróbios”, disse Leadbetter ao Estado. “É neles que vamos encontrar o software que precisamos para fazer o etanol de celulose funcionar.”

Entender como funciona esse software genético, porém, não será fácil. O mais provável, diz Leadbetter, é que milhares de genes e enzimas participem do processo. “Todos os resultados indicam que se trata de sistema muito complexo”, diz. A “receita mágica”, portanto, deverá ser um coquetel de enzimas selecionadas de vários organismos e misturadas sob medida para cada tipo de biomassa.

'Etanol do Brasil não desmata' - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Vida & - 24/06/2008

Secretário da Convenção da ONU para Mudanças Climáticas pede pressa na redução de emissões de CO₂

O secretário-executivo da Convenção da ONU para Mudanças Climáticas, Yvo de Boer, afirmou ontem que o etanol brasileiro “não gera desmatamento” e criticou os biocombustíveis de outras fontes. Embora admitindo que “o pessoal do petróleo não gosta desse debate (do etanol)”, diplomaticamente ele negou que a solução das emissões de CO₂ tenha de passar pela substituição de combustíveis. “O que precisamos é que todos se sentem à mesa para discutir. A solução para a questão climática não será a de escolher entre um ou outro combustível. O que queremos é reduzir as emissões. Esse é o objetivo.”

▪ [Veja como o ritmo de emissões de carbono vem aumentando, e as árvores necessárias para reabsorvê-las nome](#)

De Boer lidera os esforços das Nações Unidas para conseguir que, até o final de 2009, um acordo internacional estabeleça regras para reduzir as emissões de dióxido de carbono, principal gás causador do efeito estufa.

Em suas contas, o mundo precisará de investimentos de até US\$ 300 bilhões para reduzir as emissões, até 2030, aos níveis de 1990. É “pouco”, só 1,5% dos US\$ 20 trilhões necessários em investimento no setor de energia, no mesmo período, para suprir a demanda global.

DEBATE SOFISTICADO - Para o representante da ONU, o debate sobre o futuro do etanol precisa ser mais sofisticado. “Não há um só etanol. O que existe no Brasil não desmata e é sustentável”, afirmou. Em sua avaliação, é justamente o critério de sustentabilidade que vai determinar se o etanol poderá ou não fazer parte de uma solução climática global.

“O biocombustível de óleo de palma desmata. Há também o etanol de milho, que está gerando a alta nos preços dos alimentos”, alertou. “Portanto, sei que o etanol será ainda um tema polêmico nas negociações do clima.”

FRACASSO DE KYOTO - De Boer admite que, apesar de todos os esforços, as emissões continuaram aumentando e o Protocolo de Kyoto teve um impacto reduzido. “Os últimos dados que temos apontam que 2005 registrou um pico nas emissões.”

ELEIÇÕES NOS EUA - Um grave obstáculo para alterar esse histórico de debates infundáveis - e resultados práticos medíocres - é a mudança de governo nos Estados Unidos no início de 2009. “Temos menos de um ano e meio para elaborar um dos tratados mais difíceis que já vimos”, afirmou De Boer. “O tempo não está a nosso favor e os países ainda adiaram para 2009 a negociação de algumas questões mais centrais, diante da troca no governo americano. Pontos como o estabelecimento de metas somente serão tratados em 2009”, lamentou.

Ele teme que, esperando que o novo governo norte-americano assuma plenamente, as primeiras reuniões negociadoras na ONU fiquem apenas para maio de 2009. E não disfarça que, sem os americanos, não haverá um acordo possível.

MODELO ECONÔMICO - Para completar o cenário pouco otimista, De Boer alerta que a alta nos preços do petróleo não reduziu de forma dramática sua demanda. “Isso é um sintoma de que a natureza do crescimento é intensa em emissões de CO2. E isso não é bom”, disse. “O padrão de desenvolvimento econômico vai contra o que precisa ser feito no ambiente.”

Segundo De Boer, também as economias emergentes terão de aceitar cortes de emissões. Mas admite que um envolvimento dos emergentes somente será possível se houver assistência técnica e financeira dos governos ricos. “A queixa principal hoje dos países emergentes é de que essa ajuda não se concretizou”, afirmou.

A preservação da Amazônia é, também, elemento importante nas negociações. De Boer, porém, se recusou a dar sua opinião sobre a saída da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, do governo brasileiro.

Pecuária: tecnologia faz frente ao canavial - Niza Souza – Estado de São Paulo – Agrícola – 25/06/2008

No noroeste de SP, na “terra do boi”, criadores que resistiram à cana usam mais tecnologia e lucram com alta da arroba

Cercados por canaviais, os pecuaristas do noroeste paulista que resistiram à pressão das usinas sucroalcooleiras nos últimos anos e continuaram com seus pastos e rebanhos bovinos começam a colher os frutos com o bom momento da pecuária nacional. Na semana passada, a arroba do boi chegou a ser negociada acima de R\$ 100 no mercado futuro. E a tendência, conforme especialistas, é a de que o atual ciclo de alta continue por mais três anos, pelo menos.

‘É a virada do ciclo pecuário’, comemora a pecuarista Daniela Sanches Lirango, da Fazenda Arizona, em Birigüi (SP), noroeste paulista. A fazenda, de 400 hectares,

mantém mil animais/ano para engorda, a maioria novilhas. Este ano, Daniela conta que vendeu alguns lotes por R\$ 69 a arroba em maio, mas este mês os animais já estão sendo negociados por R\$ 80 a arroba. 'Em 2005 e 2006 fechamos no vermelho. Em 2007 tivemos lucro e este ano a expectativa é melhor ainda.'

Mas a família chegou a pensar em mudar de ramo. 'Quando a cana chegou à região cogitamos plantar, pois as propostas eram muito boas, mas desistimos. A fazenda é muito bem estruturada, bem localizada. E, onde a cana entra, acaba a infra-estrutura do gado.'

Para continuar só com a pecuária de corte foi preciso intensificar a forma de criação. Desde 2004, foram investidos R\$ 300 mil em tecnologias. 'Dividimos a propriedade em quatro módulos para aproveitar melhor a pastagem, instalamos uma lavoura de cana e outra de milho para silagem', conta. A qualidade da pastagem também foi melhorada, com cultivo de braquiária e MG5.

O importante, acredita, é aumentar o desfrute da fazenda, ou seja, a quantidade de animais abatidos por ano. 'É assim que lucramos.' A meta é a de que as novilhas saiam da fazenda com, no máximo, 24 meses. Para isso, outro investimento essencial é o confinamento. A fazenda pode confinar 200 cabeças, 'mas vamos ampliar para 400 cabeças'.

DIVERSIFICAÇÃO - Na Fazenda Boa Esperança, em Araçatuba, além da adoção de tecnologias na criação de bovinos, o pecuarista Antonio Luiz Garcez decidiu diversificar, durante o ciclo de baixa da pecuária. Arrendou 100 hectares, de um total de 850, para uma usina e fez um contrato com outra para o plantio de outros 340 hectares de cana. 'Não pensamos em deixar totalmente a pecuária, pois sabemos que o mercado tem altos e baixos.' Mas, este ano, a alta cotação do boi e a perspectiva de o mercado continuar firme animaram o produtor a voltar a investir na pecuária. Parte do canavial que seria renovado, cerca de 60 hectares, vai virar pasto de novo. 'A usina queria renovar o contrato com base no Consecana, o que reduziria a rentabilidade em torno de R\$ 10 por tonelada. Não renovei.'

Para aumentar o desfrute da fazenda, também está investindo, pela primeira vez, no confinamento do gado. Até então, a criação era extensiva. 'Teremos quatro baias com capacidade para cem bois cada. E o melhor é que venderemos fora da safra', diz ele. Os investimentos ajudaram a manter a média de animais na propriedade, em torno de 800, mesmo com a redução da pastagem.

A diversificação e a intensificação da pecuária também foi a opção do criador Alfredo Ferreira Neves Filho, que não queria deixar a pecuária, mas estava perdendo dinheiro com o gado a pasto. 'Plantei cana, mas investi no gado e no melhoramento das pastagens', diz. O pecuarista agora precisa decidir o que fazer com 500 hectares de cana em fase de renovação. 'Estou repensando se vou reformar o canavial ou cultivar pasto. Vai depender da proposta da usina. Se pagar em arroba de boi, eu renovo.'

Menos pasto, mas com uso intensivo - Niza Souza – Estado de São Paulo – Agrícola – 25/06/2008

Vários pecuaristas que hoje também plantam cana produzem a mesma quantidade de carne em uma área menor

Em todo o Estado de São Paulo, a área plantada com cana-de-açúcar para a indústria saltou de 2,6 milhões, em 2002, para 3,9 milhões de hectares, em 2007, conforme dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA). Por outro lado, a área de pastagem (cultivada) reduziu-se em 1 milhão de hectares, de 8,5 milhões para 7,5 milhões de hectares. O número de bovinos de corte também caiu, de 7,1 milhões para 6,5 milhões de cabeças no período.

Na região de Araçatuba, noroeste de São Paulo, conhecida como a capital do boi gordo, a paisagem começou a mudar nos últimos três anos, com plantio intensivo de cana. A área de pasto cultivado reduziu-se mais de 20% nos últimos seis anos. 'Houve desde produtores que deixaram a pecuária até os que resistiram e continuaram com a atividade', diz o agrônomo Lúcio Flávio Frazilli, da Manejo Assessoria Agropecuária. 'Mas o que mais ocorreram foram casos de produtores que diversificaram, intensificando a pecuária e plantando cana.'

Apesar da perda de área para os canaviais, o presidente do Sindicato Rural da Alta Noroeste (Siran), Alfredo Ferreira Neves Filho, acredita que a pecuária está se recuperando na região, tanto em área quanto em produtividade. 'Antigamente, a criação era extensiva. Hoje, com a redução da área, o produtor teve de adotar tecnologia, pastagens melhores. Com renda compatível, como agora, é possível produzir a mesma quantidade de carne em menos espaço.'

Em Andradina, outra tradicional região pecuária no noroeste paulista, a cana também avançou sobre o pasto. 'Os produtores estavam desestimulados com o baixo preço do boi. Houve produtor que vendeu terra por R\$ 30 mil o alqueire, que valia R\$ 15 mil', diz o agrônomo Cláudio Gotardo, da Casa da Agricultura. 'Os que arrendaram não se arrependem ainda, porque os contratos são muito bons. Mas vamos ver quando começarem a vencer.'

Para o consultor Fabiano Tito Rosa, da Scot Consultoria, os produtores que diversificaram são os que mais vão se beneficiar. 'O ciclo pecuário tem duração de seis a dez anos. São de três a cinco anos de alta e de três a cinco de baixa', diz. O atual ciclo de alta começou no fim de 2006.

MATRIZES - O consultor explica que de 2001 a 2006 a pecuária passou pela fase de baixa. Com a retração dos preços, o pecuarista abateu muitas matrizes. Para se ter idéia, o abate de boi cresceu 39%, enquanto o de vaca aumentou 169%, conforme o IBGE. 'O ajuste produtivo foi forte. Agora, o produtor voltará a reter matrizes, mas esse movimento não está sendo tão intenso, por causa do alto custo de produção. Por isso acredito que o setor vá demorar um pouco para se recuperar.'

Além disso, ressalta, a agricultura avança expressivamente sobre pastos, o aumento dos custos está impedindo um investimento maior e a capacidade de abate no

País aumentou bastante, em função da maior demanda hoje por boi. 'É difícil saber quanto tempo mais essa boa fase vai durar. Mas isso tudo nos faz acreditar que a alta não vai durar apenas mais um ano, mas pelo menos três anos.'

O pesquisador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq-USP), Sérgio De Zen, concorda que é difícil avaliar quanto tempo a alta da pecuária vai durar. 'Mas os agentes de mercado indicam que 2009 será mais um ano de altos preços da arroba', diz. 'Mas o produtor não pode ficar mudando de atividade, porque perde o bom momento. É preciso ter noção da relação risco/retorno para ter uma situação mais estável', aconselha.

Mundo vai se curvar ao etanol, diz Lula - Célia Froufe – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 30/06/2008

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva mostrou-se muito entusiasmado durante o lançamento do novo Gol, na fábrica da Volkswagen em São Bernardo do Campo, e ressaltou não só o fato de o projeto ser brasileiro, mas também o uso do combustível alternativo, o etanol.

“Haverá um momento em que o mundo irá se curvar aos combustíveis renováveis e o Brasil vai poder vender mais”, disse, arrancando aplausos da platéia. “O novo Gol será motivo de inveja para muitos países que pensam que são mais desenvolvidos do que o Brasil”, disse.

Ele acrescentou que a criatividade do brasileiro não é apenas no futebol e no samba. Para ele, o Gol continuará sendo a “menina dos olhos” do Brasil e da América Latina. Lula lembrou que esteve no lançamento do primeiro motor flexfuel, em 2003. “Pouca gente acreditava, na época, que o carro pudesse usar esse combustível. Hoje, praticamente 100% da frota brasileira é bicomcombustível.”

Lula lembrou também que ouviu muita choradeira dos empresários na ocasião. “Pareciam criança querendo mamar”, disse. Segundo o presidente, sua única ação no momento foi pedir paciência, pois as coisas se resolveriam.

“Hoje eu volto aqui e a indústria automobilística bate recordes de produção e de vendas”, comemorou. “Isso é fruto da confiança dos empresários que aumentaram seus investimentos quando perceberam a estabilidade da economia.” Lula ressaltou que o País passa por um ciclo virtuoso, onde ganham empresas e trabalhadores.

Durante o lançamento do novo Gol, Lula desceu o pano que cobria o veículo de cor prata. Ele entrou no carro no lugar do motorista. Ao seu lado estava um dos diretores mundiais do grupo, Francisco Garcia Sanz. Lula também cumprimentou um a um os oito trabalhadores da montadora que participaram do evento representando todos os funcionários.

À FRENTE DA ALEMANHA - Também presente no lançamento, o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge, disse esperar que o

Brasil ultrapasse a Alemanha na produção de veículos Volkswagen em todo o mundo já neste ano. “Estamos atrás da China e da Alemanha. Espero passar por um este ano e depois vencer a China”, disse.

O ministro ressaltou que, até hoje, a Volkswagen produziu mais de 17 milhões de veículos dos mais variados modelos. Segundo ele, para o lançamento do novo Gol, a empresa investiu R\$ 1,2 bilhão. A exemplo de Lula, Jorge lembrou que o Gol foi o primeiro veículo bicompostível do Brasil, lançado em 2003.

A partir de então, observou, esse combustível se tornou uma tendência. “A tecnologia foi desenvolvida aqui em São Bernardo e hoje somos destaque internacional pelo uso do etanol e pela produção de carros bicompostíveis.”

Sobre a possibilidade de o País se tornar o segundo maior mercado da Volks, Garcia Sanz simplesmente disse que os índices recentes de produção e venda fortificam a posição do Brasil, que é o terceiro no ranking mundial da montadora.

Economia do setor tem Lula como defensor – Gitânio Fortes – Folha de São Paulo – 17/06/2008

A atual safra de cana vem sendo ultramonitorada. A exploração de trabalhadores e o uso de mão-de-obra infantil são observados por uma série de entidades. Do ponto de vista ambiental, não há trégua para as queimadas.

Uma grande pressão se relaciona à crise dos alimentos. De funcionários das Nações Unidas a movimentos sociais, o argumento é sempre parecido -o combustível renovável como ameaça à segurança alimentar é um dos motivos da inflação mundial.

O presidente Lula encampou a tese de que o álcool de cana é melhor para o ambiente do que os combustíveis fósseis, derivados do petróleo, e não prejudica a produção de alimentos. A rotação de culturas essencial para manter a produtividade dos canaviais leva à necessidade de plantar lavouras "boas de prato" -como feijão, amendoim e soja.

Em uma série de eventos, como na cúpula da FAO, realizada no começo do mês em Roma, a retórica presidencial vai além. Afirma que o Brasil se preocupa com as florestas, enquanto os países ricos dizimaram as deles. Os críticos escondem das discussões a alta do petróleo e os subsídios agrícolas de países desenvolvidos.

Lula insiste em que o país não pode desperdiçar oportunidades novas -entre elas, as relacionadas aos biocompostíveis. Por isso, quando lançou a política industrial, convocou "todos os brasileiros, sem distinção, para essa batalha", de defendê-los.

Embora não poupe o álcool de milho -que tirou espaço de lavouras para alimentação humana nos EUA-, Lula classificou de "distorção absurda" vincular a crise mundial de abastecimento aos biocompostíveis. (GF)

Para Lula, mundo vai se curvar aos biocombustíveis – Denyse Godoy – Folha de São Paulo – Dinheiro – 30/06/2008

A uma platéia de mais de 10 mil pessoas, a maioria trabalhadores da Volkswagen, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltou ontem a defender a adoção de biocombustíveis pela indústria automobilística internacional.

"Haverá um momento em que o mundo vai se curvar aos combustíveis renováveis. E o país vai poder vender mais carros produzidos no Brasil", disse Lula, durante lançamento de um veículo em São Bernardo do Campo (Grande São Paulo).

O presidente lembrou que, na última vez em que visitou a mesma fábrica, em 2003, ouviu "muita choradeira" das montadoras, que reclamavam da situação econômica e diziam que seriam obrigadas a demitir trabalhadores.

"Hoje, volto para dizer que o setor está batendo recordes de venda, e que está colhendo o fruto do seu investimento. O país passou a viver um ciclo virtuoso", disse Lula. **(DENYSE GODOY)**

O etanol é nosso – Cristovam Buarque – O Globo – Opinião – 21/06/2008

O Brasil e o mundo estão à véspera de reorientações na matriz energética. Isso traz uma grande oportunidade para o Brasil — mas não a primeira.

Já tivemos o açúcar, o ouro, a borracha, o café fazendo nossas cidades ricas e nossos barões ricos como a aristocracia européia. Pouco ficou no Brasil, nada para os brasileiros pobres. Mas talvez nenhuma oportunidade do passado tenha tido o potencial dos produtos geradores de bioenergia.

Nenhum outro país tem cerca de 80 milhões de hectares de terras aráveis não utilizadas, suficientes para produzir anualmente até 600 bilhões de litros de etanol e abastecer quase 300 milhões de automóveis rodando por ano. Apenas 10% dessa área permitiriam abastecer toda a frota brasileira e exportar até 500 bilhões de litros, o que geraria um ingresso anual de até 250 bilhões de dólares.

Por essa razão, devemos aplaudir a luta do presidente Lula de transformar o Brasil em grande fonte de energia renovável. Para que isso aconteça, é preciso tomar cinco decisões para impedir a repetição da triste história das oportunidades perdidas no passado.

A primeira decisão é quanto produzir, segundo nossas prioridades, sem submissão à demanda mundial.

Além de uma tática mercadológica, como faz a Opep para evitar o aviltamento do preço, isso é fundamental para impedir que a energia seja produzida à custa de florestas ou alimentos.

Porque os tanques dos automóveis que precisam de combustível têm mais poder de demanda do que os estômagos dos pobres que precisam comer. E também porque o produtor, logicamente, usará as áreas mais próximas dos portos ou dos consumidores. É preciso afinar liberdade de mercado com o zoneamento de áreas para a produção do biocombustível.

A segunda diz respeito ao perfil das pesquisas em ciência e tecnologia agrícolas: a transformação da agricultura em fonte de energia poderá dar prioridade às pesquisas por matérias-primas geradoras de energia em detrimento do aumento da produção de alimentos.

A terceira diz respeito aos trabalhadores, porque as riquezas anteriores não deixaram benefícios para eles. É preciso agora, séculos depois, que sobrevivam com a ajuda de bolsas assistenciais.

A quarta se refere à soberania. O monopólio estatal da exploração inviabiliza o pleno aproveitamento das riquezas, mas a propriedade dos recursos no subsolo tem sido nacionalizada em quase todo o mundo, para evitar que o proprietário se negue a produzir quando o mundo quer comprar, e para impedir que donos privados decidam amanhã separar do Brasil as áreas ricas. O mesmo deve valer para a riqueza que está sobre o solo: a propriedade deve ser brasileira, com concessões de longo prazo para o setor privado, como se faz para a exploração das riquezas do subsolo.

A decisão mais importante é a quinta: formar um pacto nacional para que, ao longo dos próximos 30 anos, qualquer que seja o partido no governo, a nova riqueza não seja desperdiçada, para o benefício de poucos e do momento. Criar um Fundo para a Construção do Futuro do País, financiado com royalties sobre o etanol exportado para promover a ciência, a tecnologia e a educação.

Formando a base permanente da participação do Brasil na economia do conhecimento e sua integração social. Se isso tivesse sido feito no passado, o Brasil seria hoje um país completamente diferente.

O etanol tem que ser nosso, de forma permanente e para todos. Pelo tamanho, pela base científica, o Brasil pode ser exemplo da transformação de recursos naturais renováveis em capitalconhecimento.

O que não conseguimos no passado, porque a riqueza servia apenas para financiar a importação e a produção para ricos. Mas agregando, agora, bolsas para os pobres.

Temos a oportunidade e a obrigação de mudar. Um pacto “O Etanol é Nosso”, pelo investimento dos resultados financeiros nas próximas décadas — qualquer que seja o partido no governo — em educação, ciência e tecnologia, vai permitir que os recursos de hoje sejam utilizados na construção do futuro. *CRISTOVAM BUARQUE é senador (PDTDF).

Na contramão do etanol, prática longe do discurso – Mônica Tavares – O Globo – Economia – 29/06/2008

BRASÍLIA, SÃO PAULO e RIO. Pelo menos cinco ministérios estão muito longe de fazer, na prática, o que prega o discurso mundial do Brasil em favor dos combustíveis renováveis. Apesar de, pouco a pouco, os carros flex ampliarem a participação na frota federal, três pastas diretamente ligadas ao projeto brasileiro de tornar o etanol uma commodity internacional não dão o exemplo.

No Ministério do Meio Ambiente, 73,08% dos 26 automóveis utilizados por seus servidores rodam a gasolina ou diesel. À disposição da chancelaria, no Itamaraty, 59 dos 85 carros (69,41%) usam fontes poluentes.

O percentual cai a 55,56% — 20 de 36 — na Agricultura.

O levantamento do GLOBO, feito em 15 dos 23 ministérios e na Presidência da República, coloca ainda os ministérios da Defesa — com 73,02% dos carros a gasolina ou diesel — e dos Transportes — 55,17% — entre os maus alunos da Esplanada.

O grande uso de veículos poluidores por essas pastas encontra correspondência na frota de carros de passeio que trafegam pelas ruas de Brasília. De acordo com o Detran do Distrito Federal, 68,2% dos carros da cidade são movidos a diesel ou gasolina. Situação semelhante à do estado de São Paulo, que lidera o ranking nacional em número de automóveis e comerciais leves abastecidos com combustíveis poluentes. São 6,9 milhões de unidades, pouco mais de 70% do total. No Estado do Rio, 65% dos cerca de 4 milhões de veículos usam diesel ou gasolina. E apenas 17% deles consomem fontes renováveis.

USP: só 20% da frota oficial do país usam fontes limpas. Apesar do mau exemplo em Brasília, muitos ministérios estão em dia com o dever de casa.

O campeão é a pasta do Desenvolvimento, onde 14 dos 17 automóveis (tanto da frota própria quanto da terceirizada) podem utilizar fonte limpa, um recorde que seria ainda maior caso o Papa-Móvel, de 1980 e movido a diesel, não fizesse parte de seu patrimônio. Também diretamente ligada à produção de biocombustíveis, a pasta de Minas e Energia tem 12 de seus 16 veículos (75%) flex ou movidos a etanol.

O Ministério da Fazenda também dá exemplo. Na frota de 52 veículos, 67,3% (35) usam fonte renovável — são flex ou movidos a álcool. O restante usa gasolina ou diesel.

E no Palácio do Planalto, a frota que serve ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva e sua entourage é composta por 96 carros.

Destes, 64 — ou 66,67% do total — são abastecidos como álcool (46) ou são flex (18). O aumento da participação dos “carros limpos” na frota dos ministérios se deve muito a uma lei de 1998, segundo a qual, na renovação das frotas do Executivo nas esferas federal, estadual e municipal, deve ser dada prioridade a veículos que rodam com combustíveis renováveis.

É o que fará, por exemplo, o Meio Ambiente — prejudicado por ter herdado de outras pastas carros mais velhos. O ministério está em processo de compra de um veículo flex para uso do ministro. A Cultura já iniciou a aquisição de dois carros bicompostíveis, para servir ao ministro e ao secretário-executivo.

Se no plano federal a lei vem sendo seguida com mais rigor, nas demais esferas de governo é aparentemente ignorada. Segundo estudo de Tomaz Caetano Ripoli, professor titular da Universidade de São Paulo (USP) em Piracicaba, apenas cerca de 20% da frota oficial do país (nos três níveis) seguem a lei.

— É importante cobrar do governo a sua parte, inclusive a aprovação de uma outra lei, que está para ser implantada, mas vem sendo empurrada com a barriga, que é o controle mais eficiente de toda a frota brasileira movida a diesel.

Na sua avaliação, a comparação entre as frotas oficial e de veículos pesados (caminhões, transportadores de cargas e ônibus) mostra que o problema está no segundo grupo.

Este se abastece de diesel, tornando-se o vilão em termos de poluição e preservação do meio ambiente. Segundo dados da Confederação Nacional do Transporte (CNT), o país contava em abril deste ano com 1,853 milhão de caminhões, 15.646 ônibus interestaduais, 40 mil intermunicipais e 105 mil urbanos.

Ripoli alerta ainda que, nos veículos pesados, ocorre uma proposital desregulagem dos motores para aumentar a potência dos motores e permitir o transporte de mais carga.

Os mais poluentes

PRESIDÊNCIA:

total - 96 veículos

33,33% ou 32 não-renovável (gasolina)

66,67% ou 64 renovável (flex ou álcool)

DEFESA:

63 veículos

73,02% ou 46 não-renovável

26,98% ou 17 renovável

RELAÇÕES EXTERIORES:

85 veículos

69,41% ou 59 não-renovável

30,59% ou 26 renovável

AGRICULTURA:

36 veículos

55,56% ou 20 não-renovável

44,44% ou 16 renovável

TRANSPORTES:

29 veículos

55,17% ou 16 não-renovável

44,83% ou 13 renovável

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

McCain quer se aproximar do Brasil - Patrícia Campos Mello – Estado de São Paulo
– Internacional – 15/06/2008

Candidato promete fim de sobretaxa ao etanol brasileiro e propõe País na Conselho de Segurança da ONU e no G-8

O candidato republicano John McCain quer acabar com a tarifa de importação sobre o etanol brasileiro e eliminar o subsídio ao etanol de milho americano. Ele também apóia a entrada do Brasil no Conselho de Segurança da ONU e no G-8. Durante três dias da semana passada, a reportagem do Estado acompanhou McCain em campanha por Nova York, Boston, Filadélfia e Washington. E constatou que o republicano tem mais ligações com o Brasil que os brasileiros imaginam. Seu jatinho de campanha é um Embraer 190, da Jet Blue. McCain já esteve várias vezes no Rio de Janeiro nos anos 50, quando namorou uma carioca.

Se for eleito presidente dos EUA, o candidato republicano deve se aproximar do Brasil, nação que elogia por sua política de energia limpa. “Cometemos uma série de erros ao não adotar uma política energética sustentável - um deles são os subsídios para o etanol de milho, que eu avisei em Iowa que iriam destruir o mercado e foi de fato o

que aconteceu: o etanol de milho está causando um sério problema de inflação”, disse McCain em entrevista ao Estado em Boston. “Além disso, está errado impor uma tarifa de US\$ 0,54 por galão de etanol de cana brasileiro, que é muito mais eficiente do que o etanol de milho.” Já o candidato democrata Barack Obama defende uma cooperação energética com o Brasil, mas não quer acabar com a tarifa nem com o subsídio.

Além do setor energético, McCain prega uma aliança com o Brasil na chamada “liga das democracias” - uma união de países para se contrapor ao que chama de regimes autocráticos da China e Rússia. Ele apóia um assento permanente para o Brasil no Conselho de Segurança da ONU, a participação do País em um G-8 ampliado (que incluiria a Índia e excluiria a Rússia) e a retomada das discussões da Área de Livre Comércio (Alca) com o Brasil - o senador defende o livre comércio como forma de “espalhar” a democracia pelo continente.

Dentro da campanha de McCain, as posições de Obama para a América Latina são ridicularizadas. “Obama nunca pisou na região, não foi nem de férias para Cancún”, diz um assessor. McCain já esteve três vezes na Colômbia e outras tantas no Brasil. A primeira vez foi em 1957, quando ele ainda estudava na Academia Naval e conheceu uma modelo brasileira. Segundo um assessor, ela se chamava Maria e morava “perto do Pão de Açúcar”. Eles namoraram por alguns meses e McCain voltou ao Rio para vê-la.

Assessores do republicano afirmam que o projeto de Obama para a região se limita a “tomar chá” com Hugo Chávez , enquanto desencoraja aliados como Colômbia por sua oposição ao livre comércio. “Bloquear o acordo comercial com a Colômbia, impor medidas protecionistas e sentar para bater papo com ditadores como Chávez? Como é que isso vai dar certo?”, diz um assessor.

Açúcar dispara com crise do etanol de milho – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 19/06/2008

O açúcar voltou a fechar em forte alta e alcançou o maior preço em mais de cinco semanas ontem. Na Bolsa de Nova York (ICE Futures US), o contrato para julho teve ganho de 4,88%, cotado a 11,60 cents/lb. O mercado voltou a ser afetado pelo salto nas cotações do milho, que inviabiliza a produção de etanol nos EUA e favorece o produto brasileiro, feito a partir da cana-de-açúcar. Com a perspectiva de alta da demanda externa, as usinas tendem a reduzir a produção de açúcar a fim de expandir a oferta do biocombustível.

Multinacionais se unem contra o etanol – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 21/06/2008

Alarmadas pelos preços das commodities e seu impactos sobre seus produtos, multinacionais de alimentos e bebidas entram na guerra do etanol, pedem que os europeus abandonem a meta de expansão da produção e apelam para que restrições sejam impostas contra o produto brasileiro que entrar na região. Empresas rivais como Nestlé, Danone, Mars e Pepsico entregaram nesta semana uma carta aos 27 governos europeus pedindo que o bloco reveja a decisão de expandir o uso do etanol. Bruxelas quer que os governos garantam que, até 2020, 10% da frota de carros seja alimentada por biocombustíveis.

FMI dedica estudo a alimentos e combustíveis – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 22/06/2008

O relatório Perspectiva Econômica Mundial, que será divulgado no encontro Anual do Fundo Monetário Internacional (FMI), em outubro, terá um capítulo destinado a commodities e inflação, disse o porta-voz do Fundo, David Hawley. Em entrevista coletiva concedida, na sexta-feira, em Washington, ele acrescentou que o FMI tem uma “força-tarefa” analisando os temas alimentos e combustíveis. O capítulo vai examinar mudanças nos preços das principais commodities, oferta e demanda no mercado internacional, condições dos estoques e fatores reais e financeiros por trás do preço do petróleo.

Álcool de bagaço de cana, nos EUA – Estado de São Paulo – Ciência – 23/06/2008

A empresa Verenium inaugurou há três semanas a primeira usina do país para produção de etanol de celulose em escala pré-industrial. A fábrica, prevista para entrar em operação no mês que vem, vai produzir 14.500 litros de álcool por dia a partir da fermentação do bagaço de cana-de-açúcar. O etanol de celulose é visto como o grande salto tecnológico dos biocombustíveis para o futuro, e o bagaço de cana é a matéria-prima na qual o Brasil aposta para entrar nesse mercado. Só tem um detalhe: a empresa não é brasileira, é americana, e a usina não fica no Brasil, mas nos Estados Unidos.

O projeto é mais um sinal de que o Brasil, líder no etanol “clássico”, feito a partir do caldo de cana, corre o risco de ficar para trás na corrida pelo etanol de “segunda geração”, produzido a partir da celulose. A Verenium é uma de várias empresas americanas fazendo pesquisa nessa área, apoiadas por investimentos milionários do Departamento de Energia dos EUA. Visando a reduzir sua dependência no petróleo, os Estados Unidos têm como meta produzir 79,5 bilhões de litros de biocombustíveis até 2022, dos quais 60,5 bilhões deverão ser etanol de celulose.

O Brasil, por sua vez, tem pouco a mostrar fora dos laboratórios. A indústria Dedini trabalha desde 2002 com uma planta piloto na Usina São Luiz, em Pirassununga, no interior paulista. A planta tem capacidade para produzir 5 mil litros de etanol de celulose por dia, mas funciona apenas ocasionalmente, em caráter experimental, e

deverá ser desativada em breve. A empresa tem um projeto com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) para construir uma nova unidade experimental, talvez em Piracicaba.

Outra planta piloto fica no câmpus do Centro de Pesquisas de Petrobrás (Cenpes), no Rio. A unidade foi inaugurada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em outubro, mas, segundo fontes de fora da empresa, nunca funcionou plenamente. A pesquisadora Lídia Santa Ana, responsável pelo projeto, nega. “Estamos trabalhando muito”, diz.

Segundo a Petrobrás, a planta tem capacidade para produzir 220 litros de etanol por tonelada de bagaço. A meta é chegar a 280 litros. “Estamos realizando vários testes para tirar parâmetros de escalonamento e otimizar o processo”, afirma Lídia. A Petrobrás não permitiu que o Estado visitasse a planta.

DEMONSTRAÇÃO - A usina da Verenium vai trabalhar em uma escala acima da planta piloto, chamada “demonstrativa”. Ela está instalada em Jennings, na Louisiana, um dos poucos Estados americanos que plantam cana-de-açúcar. Apesar da produção de etanol americana ser toda feita a partir do milho, a empresa optou pelo bagaço de cana por ser uma fonte de biomassa farta e de fácil manuseio - justamente as características que poderiam garantir ao Brasil uma vantagem no setor.

“O material já chega moído, pronto para ser processado” - o que significa ser destocado por enzimas e dado de comer a micróbios fermentadores, que transformam o açúcar da celulose em álcool (ilustração), explica o bioquímico Kevin Gray, chefe de pesquisa da empresa.

As primeiras cargas de bagaço foram entregues no início do mês e a previsão é que o etanol comece a fluir em julho ou agosto. A produtividade inicial, segundo Gray, será de 300 litros de álcool por tonelada de biomassa. Mas a cana-de-açúcar é apenas o “rato de laboratório” da empresa. Gray espera que o primeiro insumo usado em escala comercial será uma outra variedade de cana, chamada “energética”, que é pobre em açúcar, mas rica em celulose e com mais biomassa por hectare. “Já estamos fechando contratos com produtores para garantir a oferta.”

A expectativa é que as enzimas que funcionarem com a cana também servirão para outros tipos de gramíneas, como sorgo, palha de trigo, colmo de milho ou switchgrass (uma grama de pradarias muito comum nos EUA). A empresa planeja abrir uma usina comercial em 2010, com capacidade para produzir 310 mil litros de etanol/dia.

CENTRO NACIONAL - Lideranças científicas alertam para o risco de o Brasil “perder o bonde” do etanol de celulose. “Certamente os Estados Unidos estão muito mais avançados nessa área do que nós”, diz o físico Rogério Cerqueira Leite, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que recentemente coordenou uma avaliação das pesquisas com etanol no País, encomendada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). “Não temos quase nada além de experiências de bancada.”

Cerqueira Leite é um dos autores da proposta de criação do Centro de Ciência e Tecnologia do Bioetanol (CTBE), que começa a ser construído este ano em Campinas.

“Já temos recursos liberados e a idéia é deslanchar nos próximos meses”, disse. O projeto, financiado pelo MCT, inclui a construção de uma planta piloto de etanol de celulose.

“As vantagens do Brasil são muitas, mas se não aumentarmos nosso esforço de pesquisa vamos ser ultrapassados”, diz Cerqueira Leite. “É a única maneira de nos mantermos competitivos.” Ele acusa a Petrobrás de fazer lobby no governo federal contra a criação do CTBE. “A influência da Petrobrás tem sido muito pouco positiva”, diz.

O diretor científico da Fapesp, Carlos Henrique de Brito Cruz, concorda que o Brasil está atrasado nas pesquisas. “A vantagem que temos no etanol clássico vai demorar para ser superada - se é que um dia chegará a isso -, mas precisamos intensificar as pesquisas com outras técnicas. Temos de nos cuidar nas duas pontas.”

PRODUTIVIDADE - Mesmo que a celulose não chegue a competir com o caldo, diz Brito Cruz, o uso do bagaço seria uma forma de aumentar a produção de álcool sem aumentar a área plantada de cana.

Toda a indústria brasileira de etanol hoje é baseada no caldo de cana, que contém só um terço da energia da planta. Os outros dois terços estão no bagaço (metade do qual é queimado para produzir energia) e na palha da cana (geralmente queimada ou deixada no campo), que poderiam servir como fonte de celulose. HERTON ESCOBAR

Obama, McCain e o Brasil - Paulo Sotero – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 29/06/2008

Quarenta anos depois do assassinato de Martin Luther King, a candidatura do senador negro Barack Obama à presidência dos EUA por um dos dois grandes partidos do país faz de 2008 um ano histórico, independentemente dos resultados das urnas em 4 novembro. Essa não é a única razão por que a campanha pela Casa Branca tem especial significado para o Brasil - a maior nação de herança africana fora da África. Esta é a primeira campanha presidencial americana em que temas do interesse nacional dos brasileiros - biocombustível, comércio, o lugar do Brasil no mundo - têm espaço nas plataformas dos candidatos, como atestam declarações recentes de Obama e seu rival republicano, John McCain.

Três fatores explicam a novidade. A alta dos preços do petróleo e a preocupação crescente com mudança climática ampliaram o espaço para as fontes renováveis de energia e trouxeram o etanol de cana-de-açúcar, o melhor entre os biocombustíveis, para o centro da discussão. Do lado negativo, o ambiente de insegurança econômica que os americanos respiram (e que muitos deles atribuem à globalização) travou a agenda comercial em Washington e alimenta agora um duro debate eleitoral sobre política de comércio exterior - o tópico que há décadas domina as relações bilaterais Brasil-EUA. Somam-se a isso os efeitos políticos da forte perda de prestígio internacional que o país sofreu na atual administração. Cientes de que a restauração da credibilidade americana no mundo será tarefa prioritária da próxima administração, McCain e Obama,

diretamente ou por meio de assessores, têm sinalizado que suas estratégias de reinserção dos EUA no mundo incluem o reconhecimento do novo peso internacional do Brasil estável e democrático que emergiu nos últimos 13 anos.

Nada disso deve alimentar expectativas de que a relação com o Brasil estará entre as prioridades dos EUA a partir da posse do sucessor de Bush, em 20 de janeiro de 2009. Em seus dois primeiros anos de governo, o próximo presidente americano estará ocupado com as guerras no Iraque e no Afeganistão, com a instabilidade no Paquistão, com a política nuclear do Irã e com o processo de paz entre israelenses e seus vizinhos palestinos e sírios, peça central para o sucesso de qualquer estratégia racional dos EUA para estabilizar o Oriente Médio e drenar as fontes de terrorismo na região.

Ainda assim, não faltarão espaço e oportunidades para preparar o caminho para entendimentos que possam dar conteúdo e profundidade ao diálogo correto e cordial, mas ainda superficial, que existe hoje entre os dois países e seus governos. É recomendável, no entanto, que os brasileiros interessados em relações mais conseqüentes e produtivas com os EUA evitem presumir o resultado da disputa de novembro.

Muitos empresários e executivos parecem já ter concluído que o republicano McCain vencerá as eleições e que sua vitória é boa para o Brasil. Não há muito que respalde esse cálculo. O triunfo de Obama nas prévias eleitorais contém parte da resposta. Os cofres abarrotados de sua campanha e as pesquisas de opinião divulgadas desde que o senador de Illinois garantiu a candidatura democrata indicam que suas chances de chegar ao poder são superiores a 50%. Além disso, a conjuntura opera a seu favor.

Herdeiro político do mais impopular presidente da História americana em décadas e de um legado que inclui uma economia batendo os pinos, preços de combustíveis em alta, a pior crise de moradia desde a Grande Depressão e uma guerra que a esmagadora maioria dos americanos desaprova, o septuagenário McCain busca a Casa Branca num péssimo momento para os republicanos. Este panorama, evidente nas sondagens de opinião, foi confirmado em semanas recentes pela derrota de candidatos conservadores em três eleições especiais para o Congresso realizadas em distritos eleitorais tradicionalmente republicanos.

A campanha mal começou, Obama é um político inexperiente e pouco testado, a disputa será duríssima e não se deve descartar uma vitória de McCain. Em tese, o senador do Arizona é, de fato, o candidato que tem as posições mais alinhadas com os interesses mais imediatos do Brasil. É crítico, por exemplo, do protecionismo agrícola, incluindo os subsídios à produção de etanol do milho e já se declarou a favor da inclusão do Brasil no Grupo dos Oito. Cabe, no entanto, uma ressalva. Uma das poucas certezas das eleições de novembro é que os democratas, que são mais protecionistas, ampliarão suas maiorias nas duas Casas do Congresso. Seja quem for o sucessor de Bush, não será fácil restabelecer o consenso sobre política de comércio exterior em Washington e abrir o caminho para a conclusão da Rodada Doha - o objetivo mais urgente da diplomacia brasileira. Não se deve subestimar, tampouco, a possibilidade de um governo McCain desencadear ações no Oriente Médio ou em relação a Cuba que acirrarão a instabilidade internacional, contrariando os interesses do Brasil.

Em contraste, a promessa de renovação do papel dos EUA no cenário internacional representada por Obama poderia ser mais interessante para o Brasil. É verdade que na questão mais premente do comércio ele condicionou a retomada da pauta a uma negociação de políticas domésticas capazes de responder aos problemas que alimentam a sensação de insegurança econômica dos americanos. Entre estas estão considerações sobre o impacto ambiental e social do comércio. A lógica sugere que um presidente democrata teria maiores chances de negociar tais acordos com um Congresso controlado por seu partido e reativar a agenda de comércio exterior - um componente essencial de um reengajamento construtivo dos EUA com o mundo. Nesse cenário, a questão é como responderá o País governado pelo Partido dos Trabalhadores, que proclama a superioridade ecológica do etanol de cana e afirma ser de seu interesse nacional preservar a Amazônia.

***Paulo Sotero, jornalista, é diretor do Instituto Brasil do Woodrow Wilson International Center for Scholars, em Washington**

Exportação de álcool supera expectativas – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/06/2008

Previsão deste ano é revista e aumenta de 4 bilhões para 4,8 bilhões de litros - Maior demanda vem dos EUA, pois enchentes impulsionam ainda mais a cotação do milho e país deve elevar importações

As exportações brasileiras de álcool deste ano superaram as expectativas. Após ter colocado 3,48 bilhões de litros no mercado externo na safra passada, as previsões iniciais indicavam exportações de 4 bilhões nesta.

A demanda externa está aquecida e as contas tiveram de ser refeitas: agora serão 4,8 bilhões de litros, segundo as mais recentes estimativas de Plínio Nastari, da Datagro. A maior demanda vem dos Estados Unidos. A alta do milho, que acelerou ainda mais com as enchentes no Meio-Oeste, deve elevar as importações norte-americanas.

Apesar dessa demanda externa maior, que será abastecida pelo Brasil, "a situação atual é muito esquisita", diz Nastari. Ao preço de US\$ 140 por barril, o galão de petróleo custa US\$ 3,30 e o de gasolina, US\$ 3,50 no atacado. O álcool nos EUA está em US\$ 2,70 por galão e, no Brasil, a apenas US\$ 1,66 na porta das usinas. "O setor continua sangrando", diz Nastari. O produtor recebe R\$ 0,63 por litro para o hidratado, mesmo com demanda elevada e estoques baixos.

No início de maio de 2009, os estoques de passagem no Brasil devem ser de 467 milhões de litros, suficientes para apenas dez dias de consumo.

Isso ocorre devido a uma falha fundamental no sistema de comercialização brasileiro. As negociações ocorrem apenas no "spot" (à vista) e há falta de um sistema de hedge (garantia) no mercado futuro, diz Nastari. Não há formação de estoques, o que derruba os preços na safra e eleva-os no período de entressafra.

O mercado mudou de patamar e consome próximo de 1,8 bilhão de litros de álcool por mês. Com isso, o mercado futuro da BM&F deveria ser um sucesso, diz ele. Mas a liquidez é pequena e não há desenvolvimento do mercado.

Safra alcooleira - Nastari divulgou ontem os novos dados da safra 2008/9. A moagem de cana poderá atingir 557 milhões de toneladas no país, 66 milhões a mais do que em 2007/8. Desse volume, 495 milhões de toneladas serão moídas no centro-sul.

A safra será também mais alcooleira. A Datagro estima que 59,3% da cana a ser moída no centro-sul irá para a produção de álcool, que deve atingir 24,5 bilhões de litros. A produção nacional será de 26,7 bilhões.

O consumo nacional de álcool combustível, que saiu de 13 bilhões de litros em 2006/7 para 17,6 bilhões na safra 2007/8, pode subir para 21 bilhões em 2008/9, segundo a Datagro.

A produção nacional de açúcar vai a 32 milhões de toneladas na safra 2008/9, contra 30,6 milhões na anterior. O consumo nacional vai a 11,3 milhões de toneladas - 10,9 milhões na anterior.

O setor sucroalcooleiro teve forte elevação de custos -mais 20% de fevereiro de 2007 a abril último. Como ocorre nos demais setores agropecuários, os fertilizantes lideraram, com alta de 124% no período.

EUA, Brasil e UE aceleram "commoditização" do álcool – Folha de São Paulo – Dinheiro – 21/06/2008

Estados Unidos, Brasil e UE (União Européia) estão acelerando medidas para criar padrões mundiais para o álcool e tornar o combustível alternativo uma commodity negociada internacionalmente, o que ampliará seu uso, disse Gregory Manuel, do Departamento de Estado dos EUA.

Os dirigentes do governo e do setor que estão discutindo o plano deverão finalizar os métodos de standardização para analisar as propriedades de álcool -como teor de água e de energia- até dezembro, quatro anos antes do programado, disse Manuel. Em seguida, o grupo começará a fixar os padrões referentes a esses teores.

"Estados Unidos, Brasil e UE concordaram em agilizar o processo", disse Manuel, assessor especial da secretária de Estado, Condoleezza Rice. "O que alcançamos até agora poderia ter levado vários anos, e fizemos em vários meses."

Para ele, os padrões permitirão que negociadores do mundo inteiro façam transações com álcool nos mesmos moldes de gasolina, petróleo, cobre, açúcar e outras commodities, impulsionando o emprego do combustível. Atualmente, um comprador da Suécia tem de mandar engenheiros para as usinas do Brasil para testar o combustível antes de comprá-lo para revendê-lo a motoristas dos Saabs e Volvos flex do país escandinavo, disse.

Poderemos vislumbrar um mundo em que começaremos realmente a substituir a gasolina por álcool. As transações são uma função da commoditização."

Os padrões a serem fixados também vão contribuir para os esforços realizados pelos EUA de aumentar a porcentagem de álcool usada nos motores movidos a gasolina comum, disse Douglas Faulkner, vice-subsecretário de desenvolvimento rural do Usda, o Departamento de Agricultura. O Departamento de Proteção Ambiental (EPA, nas iniciais em inglês) está estudando os efeitos do aumento do atual limite de 10% para a mistura do álcool na gasolina vendida nos EUA, disse Faulkner.

O esforço para fixar padrões mundiais para o álcool envolve cerca de 600 laboratórios nos Estados Unidos, no Brasil e na Europa, bem como funcionários dos respectivos governos, fabricantes do produto e de motores veiculares. Depois de aprovar os padrões, cada governo terá de codificá-los nas regulamentações, disse Manuel.

Existem 147 destilarias de álcool nos Estados Unidos, o maior produtor, consumidor e importador do combustível, segundo a Associação de Combustíveis Renováveis de Washington. As usinas, que empregam principalmente o milho, têm capacidade para produzir mais de 8,5 bilhões de galões (32,2 bilhões de litros) do combustível ao ano. Outras 55 unidades de produção estão sendo construídas e seis vêm sendo ampliadas para incorporar 5 bilhões de galões de capacidade, disse a associação em 30 de maio.

As remessas de álcool do Brasil, o maior exportador mundial, deverão crescer para até 4,5 bilhões de litros este ano, comparativamente aos 3,2 bilhões de 2007, impulsionadas pela demanda da parte de Estados Unidos e Europa, disse Marcos Jank, presidente da Unica (União da Indústria Canavieira de São Paulo), no mês passado. O Brasil é o segundo maior produtor e consumidor mundial do combustível.

A UE importou um volume recorde de 1 bilhão de litros do combustível no ano passado -quase tudo do Brasil-, segundo a Associação Europeia de Bioetanol.

O presidente dos EUA, George W. Bush, fixou a meta de aumentar a utilização de combustíveis renováveis nos EUA para 36 bilhões de galões até 2022, a partir dos 9 bilhões de galões definidos para este ano.

Biocombustíveis trocam um problema por outro – Entrevista com Paul Roberts – Sérgio Dávila – Folha de São Paulo – 23/06/2008

Para especialista em energia, não faz sentido resolver o problema do petróleo, que é um recurso limitado, por terra, que é outro recurso limitado

NÃO BASTA substituir uma matriz por outra, mas diversificar. Não adianta resolver só do ponto de vista de oferta, trocando gasolina por álcool, mas também de distribuição, que é arcaica, e de demanda, que não pode continuar no nível atual. É o que defende o autor americano dos livros "The End Of Oil" ("O Fim do Petróleo") e "The End of Food" ("O Fim do Alimento").

Seu primeiro livro falava da crise energética. O atual fala da crise alimentar. Nos quatro anos que os separam, um assunto ficou intimamente ligado ao outro. A alta do petróleo ajudou a elevar os preços dos alimentos. Agora, Paul Roberts vê com preocupação o caso brasileiro, em que biocombustíveis como o álcool são tratados como a solução para o primeiro problema.

"Não me parece muito inteligente destinar cada vez mais terras para essa produção enquanto não sabemos com certeza qual será a demanda futura por alimentos", disse, em entrevista à **Folha**, por telefone, do Estado de Washington, onde mora com a mulher. O jornalista investigativo de 54 anos defende uma mudança de hábitos dos consumidores.

"Não adianta falarmos que queremos que o governo, a ONU, seja quem for, resolva o problema, desde que nós possamos continuar tendo 2,5 carros, como é a média atual nos Estados Unidos."

FOLHA - "O Fim do Petróleo", título do seu primeiro livro, levará ao fim da alimentação, título do segundo?

PAUL ROBERTS - A crise energética sublinhou o papel central que a energia tem na produção de alimentos. Nós deveríamos saber já há tempos que energia e alimentação são intimamente ligadas e a crise de uma levaria à outra. Isso porque nossa estrutura alimentar foi pensada para um mundo em que o barril do petróleo custa US\$ 15 [na última semana, bateu os US\$ 140, ante US\$ 10 há uma década].

Pense bem, todo o sistema de fertilizantes baseados em petróleo, o sistema de distribuição baseado em caminhões e aviões, tudo depende pesadamente do combustível fóssil. A origem disso tudo é uma época em que a energia era tão barata que quase não era levada em conta na equação.

Só isso já seria o suficiente para fazer a ligação entre as duas crises. Mas há ainda o caso recente dos programas de biocombustíveis, um novo dado na equação alimento-energia. Eles colocam mais pressão no setor de alimentação, pois ambos são feitos de maneira semelhante. Ou seja, antes nós ligávamos a alimentação, que é o setor mais importante do mundo, a uma mercadoria, o petróleo, que estava destinada fatalmente a subir de preço, pelo fato de ser um recurso que acabará um dia.

Agora, estamos substituindo por outro, o biocombustível, que briga por espaço com a própria produção de alimentos.

FOLHA - Em sua opinião, não faz sentido?

ROBERTS - Do ponto de vista de segurança alimentar, não, nenhum. Você troca um sistema que se baseia numa fonte limitada, que é o petróleo, por outro, de outra fonte limitada, que é a terra arável. Uma hora os dois acabam. O biocombustível pelo menos torna o problema mais evidente, por ser visível.

Quando você vê uma plantação de cana, ela está lá, ocupando espaço. Você é obrigado a enfrentá-lo, a pensar a respeito. O petróleo vem do fundo da terra e do mar,

oculto. Do ponto de vista do público parece que vem de fonte inesgotável. É óbvio que acabará, mas não é tão visível.

FOLHA - Qual a solução, então? Há uma "terceira via"?

ROBERTS - Há todo tipo de possibilidades tecnológicas sendo pesquisadas neste momento, algumas que eu e você não podemos nem imaginar. Dá para presumir que a inovação vai continuar, principalmente quanto mais os preços subirem, historicamente o melhor estímulo intelectual. Veremos energia nuclear mais segura e barata, algas oceânicas que criem biocombustível de maneira sustentável, estamos próximos de anúncios históricos.

Mas, se a atual crise nos ensina algo, é que não bastará substituir uma matriz por outra, e sim diversificar. Mais: não adianta resolver só do ponto de vista de oferta, trocando gasolina por álcool, por exemplo, mas também de demanda, que não pode continuar no nível atual.

FOLHA - A produção de biocombustíveis diante da crise alimentar domina as discussões. No Brasil, o governo defende que as terras destinadas ao álcool ocupam perto de 2% do total que pode ser utilizado para alimentos. Já o relator especial da ONU sobre o assunto pede moratória de etanol. Qual o seu lado?

ROBERTS - Quando se fala que a terra ocupada para o biocombustível é pequena, eu pergunto: não é terra que poderia estar produzindo alimento? Ou é onde o dinheiro está? Quero ser cuidadoso nesse debate, mas não me parece muito inteligente destinar cada vez mais terras para a produção de biocombustíveis enquanto você não sabe com certeza qual será a demanda futura por alimentos. As pessoas dizem: "Bem, nós sempre podemos mudar de volta a exploração da terra para a produção de alimentos". Sim, mas depois que você constrói usinas ao lado dessas terras, investe bilhões de dólares na infra-estrutura para escoamento da produção, é extremamente difícil mudar. Há a demanda criada, a pressão política...

FOLHA - É possível reprimir a demanda por combustíveis, seja da origem que forem, sem comprometer o desenvolvimento de países emergentes, por exemplo?

ROBERTS - Essa é a pergunta de US\$ 40 trilhões [risos]. É difícil, no quadro atual de desenvolvimento econômico. Mas, do jeito que está, caminhamos para o desastre. Faça as contas: pegue a situação das fontes naturais vitais para o desenvolvimento econômico, como água, terra e energia; adicione a mudança climática e o aumento de população; leve em conta que essa população não só cresce como está mais rica e consumista, com apetite por mais recursos.

É a receita do desastre. Não adianta falarmos que queremos que o governo, a ONU, seja quem for, resolva o problema, desde que nós possamos continuar tendo 2,5 carros, como é a média nos EUA, e comprando TV de tela de plasma. Eis a verdadeira discussão. Pegue por exemplo a questão da carne. É uma das mercadorias que mais energia e recursos naturais consome para ser produzida e uma das que mais afeta o ambiente. Os EUA, a Europa e o Canadá consomem em média cem quilos de carne por habitante por ano. A média mundial é muito menor que essa. O resto do mundo não pode comer carne como essas três regiões, ou o mundo entraria em colapso total. Qual é

a conclusão? Os EUA devem continuar comendo mais carne que o resto do mundo? O resto do mundo deve se contentar com menos? Ou nós deveríamos chegar a uma equação mais equânime no meio do caminho? Um futuro em que os norte-americanos comam menos carne e todo o sistema global de alimentação se adapte à nova realidade. O mesmo se aplica a todo o resto. Moradia, por exemplo. Nós precisamos de casas com três andares e dez cômodos, mesmo com a família média norte-americana diminuindo? Carros cada vez maiores? Se continuarmos a vender essa idéia, de que sem casas grandes e muitos carros você não é bem-sucedido, de novo, caminhamos para o colapso.

FOLHA - Pela primeira vez, há mais obesos do que famintos no mundo, segundo a ONU. Como chegamos a essa assimetria?

ROBERTS - É perverso, concordo. É a primeira vez na história que ser gordo não é privilégio da elite. Dito isso, o problema da comida não ser distribuída eficientemente acontece já há algum tempo. O Império Romano foi construído em grande parte para permitir o acesso de Roma ao trigo. E Roma garantiu esse acesso de maneira bem-sucedida, porque tinha poder para isso. Eles tomavam o trigo do Egito e deixavam o país com pouco. No século 13, o mesmo aconteceu na Polônia e no mar Báltico, que alimentavam a Europa Ocidental e passavam fome. As potências sempre consumiram mais alimento, à custa dos mais pobres.

Só que isso era menos problemático no século 20, pelo menos na segunda metade, porque vivíamos no mundo do excesso, das sobras. Naquele período, a população explodiu em grande parte por conta da nossa capacidade de processar alimentos industrialmente. Assim, esquecemos a realidade de um mundo com recursos limitados. E isso infelizmente está reaparecendo. Temos uma população enorme, recursos de menos, devemos nos reeducar à luz dessa realidade e nos descolarmos de uma economia alimentar que já tem milhares de anos de idade.

FOLHA - O sr. não é totalmente contra o uso de transgênicos?

ROBERTS - Não, não sou da tribo dos que rejeitam os transgênicos apenas porque são novos e, portanto, perigosos. Meu problema com essa indústria é que ela está voltada para a chamada agricultura dos ricos, para grãos que são sucessos de venda, mas não liga a mínima para as necessidades dos outros 75% da população, que precisa de grãos não tão mercadologicamente importantes. O milagre transgênico serve aos que não precisam do milagre em primeiro lugar. De novo é: onde está o dinheiro? Fazendeiros africanos não têm dinheiro para comprar sementes transgênicas, logo, por que a indústria se preocuparia com eles? Ela está preocupada com a soja, e o pequeno fazendeiro no Quênia não precisa de sementes de soja. Ou seja, a indústria precisa provar que está preocupada com a segurança alimentar.

Eles estão usando nossos preciosos dólares de pesquisa que poderiam estar sendo usados para melhorar a saúde e educar os fazendeiros mais pobres.

Ligação põe em xeque defesa do democrata a subsídio da produção do combustível nos EUA em detrimento de importação do Brasil - Segundo "New York Times", assessor e conselheiro do candidato têm cargos e elos com produtores de milho e empresas atuando no setor

A posição do candidato democrata à Presidência dos EUA, Barack Obama, de ampliar subsídios para a produção local de álcool de milho foi colocada ontem em xeque com o relato de que dois dos principais assessores de sua campanha têm relações muito próximas com essa indústria.

Reportagem do jornal "The New York Times" citou os nomes do ex-senador Tom Daschle, que viaja constantemente ao lado do candidato, e de Jason Grumet, principal assessor sobre energia e ambiente da campanha de Obama pela Presidência dos Estados Unidos.

Daschle integra a direção de três companhias produtoras de álcool de milho e trabalha para um escritório de advocacia de Washington no qual, segundo o site oficial da empresa, "passa uma quantidade substancial de seu tempo provendo estratégia e aconselhamento político para clientes em energia renovável".

Já Grumet se tornou alvo por ter integrado a Comissão Nacional de Política Energética, ao lado do republicano Bob Dole, que o jornal afirma estar atrelado à empresa alcooleira Archer Daniels Midland.

A reportagem relaciona tais ligações ao apoio de Obama ao álcool de milho e sua resistência a importar o álcool de cana-de-açúcar do Brasil -posição oposta à do republicano John McCain, que defende derrubar tarifas de importação para o produto brasileiro e critica subsídios para o álcool de milho americano, por este ter rendimento quatro vezes menor.

Para David King, analista político da Universidade Harvard, o discurso de Obama em favor do milho vai muito além de seus contatos de bastidores. "Há algo muito mais claro nesse jogo. Iowa, o maior produtor de milho do país, foi o primeiro Estado das prévias partidárias. Obama sabia que, para vencer ali, era preciso deixar muito claro que ele apoiaria essa indústria, porque isso era importante para os moradores. Foi uma boa estratégia: ele venceu aquela eleição e se tornou o vencedor das primárias", disse King à Folha.

Para o analista, no entanto, essa bandeira criará problemas para Obama. "O assunto é muito mais polêmico agora do que na época da prévia em Iowa", diz, referindo-se à preocupação com a alta dos preços dos alimentos, que levanta questionamentos sobre usar comida para fabricar combustível.

Já a reportagem do "Times" cria para o candidato um problema no campo conceitual, já que o democrata se gaba de rejeitar em sua campanha a ajuda de lobistas, que "abastecem", segundo ele, a campanha dos republicanos.

A polêmica chega logo depois de John McCain ter caído em contradição por seus princípios. Ele foi criticado por aplicar dinheiro em fundos integrados por empresas que atuam no Irã -como a Petrobras- enquanto ele próprio costuma defender publicamente boicote a empresas que tenham relação com o país.

Brasil - As discussões de campanha sobre fabricação de biodiesel nos Estados Unidos passam constantemente pelo exemplo brasileiro de fabricação do álcool de cana-de-açúcar.

Obama já fez elogios ao combustível produzido no Brasil a partir da cana-de-açúcar, mas fez ressalvas sobre o impacto ambiental das lavouras para a Amazônia. Seguindo a tradição democrata de ser mais restritivo ao livre comércio, disse que não aliviará tarifas para incentivar a importação: "Substituir o petróleo importado por nosso país pelo álcool brasileiro não atende aos nossos interesses nacionais e econômicos [por manter o país dependente em termos energéticos]".

Já McCain voltou ontem a defender o oposto. "Nosso governo paga para subsidiar álcool de milho enquanto cobra tarifas que impedem os consumidores de se beneficiar de outros tipos de álcool, como o do Brasil feito de cana-de-açúcar", disse, detalhando em seguida a experiência brasileira no desenvolvimento do combustível.

Ontem, o republicano afirmou que, se eleito, lançará concurso para premiar com US\$ 300 milhões o melhor projeto de bateria de automóvel que aumente o desempenho de carros para economizar energia.

Na Opep, Lobão diz que etanol é saída – O Globo – Economia – 23/06/2008

Cartel quer regular mercado futuro de petróleo, para conter alta de preços JEDÁ, Arábia Saudita. O Brasil aproveitou ontem a reunião de emergência entre produtores e consumidores de petróleo, convocada pela Arábia Saudita, para defender o etanol como parte da solução para a atual crise de energia. O encontro, na cidade saudita de Jedá, terminou sem medidas concretas para conter a escalada de preços do petróleo — com exceção do anúncio da Arábia Saudita, maior produtor mundial, de que aumentará em 200 mil barris sua produção diária a partir de julho. No documento final, os participantes limitaram-se a reconhecer a importância de elevar investimentos em produção e a necessidade de transparência e regulação do mercado financeiro, para evitar a ação de especuladores.

— A primeira solução (para conter a alta de preços do petróleo) seria aumentar a produção (petrolífera). A segunda solução seria fazer o que o Brasil já está fazendo: produzir biocombustíveis — disse o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão à agência de notícias France Press.

O ministro estava acompanhado do presidente da Petrobras, José Sergio Gabrielli, para quem “o Brasil tem perspectivas favoráveis” quanto à produção de petróleo, com as recentes descobertas da empresa no pré-sal. Na véspera, quando perguntado sobre as estimativas de reservas da área de Carioca — uma das recentes descobertas da estatal —, Lobão afirmara que “espera” que sejam superiores a 33

bilhões de barris. Como convidado, o Brasil participou, pela primeira vez, de uma reunião da Opep.

O otimismo de Lobão contrasta com a preocupação expressa dos representantes dos 35 países presentes à Reunião de Energia de Jedá. Além dos 200 mil barris adicionais, que elevará a produção saudita para 9,7 milhões de barris/dia, o ministro de Petróleo do país, Ali al-Naimi, afirmou que poderia oferecer outros 2,5 milhões de barris diários ao mercado, se houvesse demanda, mas enfatizou que isso não resolveria o problema.

— Estou convencido de que o atual nível de produção mundial não é o principal motivo para a atual situação.

Sauditas: fundo de US\$ 1 bi para ajudar países pobres Os países produtores culpam os especuladores pela escalada de preços. Nesse sentido, a ênfase na regulação do mercado que consta do documento final é uma vitória dessas nações. Já os países consumidores defendem que o desequilíbrio entre oferta e demanda é a razão dos preços elevados.

— Não há evidências de que os especuladores são os que orientam os preços futuros — afirmou ontem o secretário de Energia dos EUA, Sam Bodman.

Diante do impasse, a Arábia Saudita conclamou a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) a criar um fundo de US\$ 1 bilhão, para ajudar os países mais pobres a enfrentar os efeitos da disparada dos preços do produto. Além disso, anunciou outros US\$ 500 milhões em empréstimos com o mesmo fim.

Nas asas do biocombustível – O Globo – Economia – 24/06/2008

Japan Airlines fará vôo experimental ano que vem, em parceria com Boeing TÓQUIO, NOVA YORK e LONDRES. A Japan Airlines (JAL), maior companhia aérea do Japão, informou ontem que fará um vôo teste com um Boeing 747 parcialmente alimentado por biocombustíveis, a fim de reduzir as emissões de gases poluentes.

De acordo com a agência de notícias AFP, o teste ocorreria até março de 2009.

— Queremos contribuir no avanço da pesquisa sobre o uso de combustíveis alternativos — disse à AFP o presidente da JAL, Haruka Nishimatsu.

A companhia aérea informou em nota que usará um biocombustível misturado a querosene em uma das quatro turbinas do avião, fabricada pela Pratt & Whitney. As demais serão abastecidas por combustível comum. Segundo a empresa, será usada uma nova geração de biocombustível, feito à base de produtos não-alimentícios. A JAL dará mais detalhes em agosto.

— Em laboratório temos um biocombustível que cumpre todas as especificidades requeridas por nossos aviões — disse à AFP Tim Rahmes, engenheiro da Boeing.

“Por meio desse vôo-teste com biocombustível, pretendemos promover o desenvolvimento de biocombustíveis e seu uso comercial”, afirmou a JAL em nota.

Outras empresas já começaram a explorar o uso de biocombustível na aviação, a fim de reduzir a poluição e a emissão de gases do efeito estufa. Em fevereiro, a britânica Virgin Atlantic promoveu o primeiro vôo comercial bem-sucedido com biocombustível — uma mistura de coco e óleo de babaçu.

A alemã Lufthansa estabeleceu uma série de metas ambientais, comprometendo-se a reduzir a emissão de poluentes em 25% até 2020 e a adotar os

biocombustíveis. E este mês, a Air New Zealand disse que, em cinco anos, os biocombustíveis responderão por pelo menos 10% de gasto anual de combustível.

A JAL gastou 413 bilhões de ienes (US\$ 3,8 bilhões) em combustível no ano fiscal findo em 31 de março. O preço do querosene de aviação, o maior gasto da empresa, subiu 22% no período.

As empresas aéreas têm sofrido com o salto nos preços do petróleo registrado este ano. Ontem, as cotações voltaram a subir, apesar de a Arábia Saudita ter prometido elevar sua produção para 9,7 milhões de barris diários, durante encontro entre países produtores e consumidores no domingo, em Jedá. O mercado preferiu se concentrar nos conflitos na Nigéria e nas tensões entre Irã e Israel.

O barril do tipo leve americano, negociado em Nova York, fechou em alta de 1%, a US\$ 136,74. Já o do tipo Brent, negociado em Londres, avançou 0,78%, para US\$ 135,91.

“A retórica belicosa entre Israel e Irã e a escalada dos conflitos na Nigéria reduziram o pouco otimismo que havia em torno da reunião em Jedá no fim de semana”, afirmou em nota John Kilduff, vice-presidente sênior da consultoria MF Global. Ele ressaltou ainda haver uma “decepção geral” com os resultados da reunião.

O sindicato dos petroleiros na Nigéria começou ontem uma greve parcial na Chevron. Semana passada, ataques de rebeldes afetaram a produção de 340 mil barris diários naquele país.

No fim de semana, o Irã afirmou que dará uma resposta “devastadora” a qualquer ataque ao país, em referência a uma reportagem publicada pelo “New York Times” de que Israel teria feito exercícios militares no início deste mês, com essa finalidade.

'Temos enorme interesse no Brasil - Entrevista com Fauzi Al Hariri – Graça Magalhães-Ruether - O Globo – Economia – 29/06/2008

O ministro da Indústria, Minas e Energia do Iraque, Fauzi Al Hariri — que foi perseguido no regime de Saddam Hussein —, apelou para que as empresas brasileiras voltem ao Iraque: “Dinheiro é o que não falta”. Em Berlim, onde participou do Fórum Econômico Alemão, esse engenheiro de 55 anos disse que “a economia do Iraque voltou a funcionar” e que a violência diminuiu. Segundo Al Hariri, o Iraque quer que empresas brasileiras construam duas refinarias de açúcar em seu país.

O GLOBO: O Iraque já foi o terceiro maior produtor de petróleo e teria condições de influenciar uma redução do preço, com uma retomada integral de sua produção. Quando o Iraque vai usar toda a sua capacidade de exploração?

FAUZI AL HARIRI: O país já recomeçou a explorar o petróleo, mas não ainda o suficiente.

Agora, dificilmente teríamos condições de produzir tanto a ponto de exercer um efeito significativo nos preços.

Nosso principal problema é a grande necessidade de investimentos para recuperar as centrais de produção. O Iraque produz de 1,6 milhão a 2 milhões de barris por dia. Até 2012, espero que sejam 6 milhões de barris por dia.

Qual a importância da exploração do petróleo para a economia do Iraque?
AL HARIRI: O petróleo é como o nervo central da nossa economia.

Mesmo agora, quando a produção ainda é pequena, é a maior fonte de renda. E o país está conseguindo muitos recursos com o petróleo por causa da alta dos preços. Até a guerra, quando tinha uma produção muito maior, o país recebia US\$ 20 bilhões por ano com o produto.

Hoje, são US\$ 70 bilhões.

Empresas do mundo inteiro, EUA, Europa, mas também de China e Índia, participam da concorrência por licenças de exploração. Quem receberá? Há brasileiras na lista?

AL HARIRI: É verdade que empresas do mundo inteiro apresentaram proposta. Das 116 que se candidataram, 35 foram selecionadas na primeira fase. Na próxima semana, serão anunciadas as que receberão as licenças.

Não me lembro se há uma brasileira entre as 35.

Antes da guerra, algumas empresas brasileiras atuavam no Iraque. Quando será possível as relações comerciais voltarem a ser o que foram? AL HARIRI: Temos um enorme interesse no Brasil. No próximo mês, uma missão comercial irá para o Brasil sondar a possibilidade de cooperação nos mais diversos setores. Estamos interessados em ter uma fábrica igual à da Scania no Brasil. Seu país sempre esteve fortemente presente no Iraque. Antigamente, os nossos carros eram chamados brasileiros. Eram da Volkswagen, importados do Brasil.

O nome Volkswagen era ignorado.

Ainda hoje esses carros rodam nas ruas de Bagdá. Empresas brasileiras de todo tipo, construção civil, serviços, alimentos, são muito bem-vindas.

O país precisa de tudo. É um canteiro de obras. E dinheiro é o que não falta. Temos também um grande interesse nas empresas de açúcar. Importamos nosso açúcar do Brasil e gostaríamos que empresas brasileiras abrissem duas refinarias em nosso país. Há pouco tempo, conversei com o embaixador brasileiro para o Iraque, que vive na Jordânia. E eu disse que o primeiro passo para a ampliação da presença econômica brasileira no Iraque seria a abertura de uma embaixada em Bagdá.

Talvez com uma embaixada, o Brasil volte a ter no Iraque a importância que já teve.

Quais as principais áreas de atuação das empresas brasileiras no Iraque antes da guerra?

AL HARIRI: Os mais diversos setores. Construção civil, armamentos, petróleo. Algumas empresas já voltaram a atuar.

Mas poderia ser muito mais.

É verdade que as empresas americanas têm uma posição privilegiada no Iraque?

AL HARIRI: Não. Os processos de concorrência são decididos pelo governo. Há americanas que atuam no Iraque, mas há também italianas, espanholas, coreanas, britânicas ou alemãs.

Quem arrisca e já começa a atuar no Iraque agora vai tirar mais proveito no futuro, quando a economia voltar a funcionar 100%. E o Iraque não é importante apenas pelas reservas de petróleo (calcula-se que são duas vezes maiores do que o conhecido hoje), mas pelos recursos humanos.

Temos profissionais altamente qualificados.

O senhor acha que o perigo do terrorismo já acabou?

AL HARIRI: Ainda não. Mas a situação melhorou bastante. O governo conseguiu combater a Al Qaeda com eficiência e, por isso, é respeitado no Iraque e no exterior. Hoje ocorre uma média de dois atentados por dia. Na pior fase, eram até 800.

O senhor já tem uma idéia dos custos da reconstrução?

AL HARIRI: Na primeira fase, US\$ 26 bilhões. Mas não há limite. Não falta dinheiro. Foi feito muito trabalho, mas o resultado é ainda humilde porque começamos literalmente do zero.

Em relação à era de Saddam Hussein, o que mais mudou?

AL HARIRI: Vivemos em liberdade.

Em termos econômicos, o mais importante são a privatização e a liberalização da economia.

Talvez a experiência do Iraque seja comparável à brasileira, no sentido de seu país também ter passado por uma ditadura com tendências centralistas.

Lula diz que mundo vai se curvar a biocombustíveis feitos no Brasil – Flávio Freire
– O Globo – Economia – 30/06/2008

Reforçando a defesa em torno do etanol brasileiro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse ontem que o mundo irá “se curvar” diante da tecnologia dos combustíveis renováveis produzidos no país. Durante cerimônia de lançamento do novo Gol, da Volkswagen, Lula lembrou que, hoje, quase 100% da frota nacional de automóveis são feitos para utilização simultânea de álcool e gasolina.

— Haverá um momento em que o mundo irá se curvar aos combustíveis renováveis, e aí o Brasil poderá vender muito mais carros produzidos no país — disse ele, lembrando que esteve naquela montadora, em 2003, para lançar o modelo flex.

Há meses Lula vem travando uma discussão internacional a favor do etanol brasileiro. Segundo ele, essa tecnologia ajudará a impulsionar a economia do país.

— Quanto mais a indústria cresce, mais crescem as concessionárias, os empregos, se tem mais salários, mais consumidores, mais empregos e assim passamos a viver um ciclo virtuoso, e quem ganha é o Brasil, as empresas e os trabalhadores — disse Lula, a uma platéia de dez mil funcionários e convidados da Volkswagen que lotaram uma arena montada para o evento no pátio externo da empresa.

Pouco antes, Lula conheceu o novo modelo de Gol da Volkswagen. Ao lado do presidente da montadora no Brasil, Thomas Schmall, e de oito funcionários, entrou no veículo e posou para fotos.

Japão reafirma interesse em parceria na produção do etanol brasileiro – Sítio Eletrônico do MAPA – 18/06/2008

Brasília (18.6.2008) - O interesse em firmar parceria para a produção do etanol brasileiro foi o destaque do encontro entre o presidente da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) do Japão, Isami Miyata e o secretário-executivo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Silas Brasileiro, ocorrido nesta tarde.

“O Japão tem todo o interesse em abrir um diálogo em torno da parceria na produção do etanol. Já estamos estudando a importação do produto da Petrobrás”, disse Isami Miyata. Segundo o presidente da CNA japonesa, o país importa 61% dos produtos que consomem. “É nossa intenção aumentar a importação dos produtos agrícolas do Brasil, investir no intercâmbio de tecnologia e nas parcerias”, completou.

O secretário-executivo do Mapa informou ao presidente da Confederação Nacional da Agricultura nipônica que o Brasil tem a maior empresa do mundo em pesquisa agropecuária tropical, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). “Estamos investindo para que, no período de 10 anos, dobremos a nossa produção de grãos que hoje é de 143 milhões de toneladas”, afirmou. (*Dilma Duarte*)

Apesar das críticas, Europa e EUA importam mais álcool nesta safra - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócio - 26/06/2008

As exportações de álcool para a União Européia deverão crescer substancialmente nesta temporada 2008/09, mesmo com o forte lobby dos europeus contra os biocombustíveis. Os embarques para os países do bloco deverão ficar em torno de 1,8 bilhão de litros, 50% mais que no ciclo anterior, de acordo com a União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica).

Os europeus, ao lado dos americanos, mercados altamente protecionistas, figuram como os maiores importadores do álcool brasileiro. Os EUA são os principais compradores do álcool do país, absorvendo dois terços dos 5 bilhões de litros que deverão ser embarcados nesta safra, afirmou Marcos Jank, presidente da Unica. "A alta do milho e as chuvas no Meio Oeste americano deverão reforçar as exportações para os EUA", disse.

Nos EUA, a tarifa de importação para o etanol é de US\$ 0,14 por litro. Na UE, ? 0,19 euros por litro. No mercado americano, boa parte dos embarques do Brasil ocorre via Caribe, que tem isenção tarifária por conta do acordo CBI (Caribbean Basin Initiative).

Na Europa, não há este tipo de brecha. A Suécia é o principal país importador do álcool brasileiro, absorvendo 400 milhões de litros anuais. Ontem, a empresa sueca Sekab, maior importadora daquele país, anunciou acordo com quatro usinas brasileiras - Cosan, Nova América, Alcoeste e Guarani - para comprar álcool sustentável. Por esse acordo, a Sekab importará 115 milhões de litros dessas empresas, num contrato com prazo de nove meses, e que poderá ser prorrogado. O primeiro embarque foi realizado este mês. Segundo a trading SCA, que intermediou a venda, o preço pago pelo álcool teve um prêmio entre 5% e 10% maior por ser sustentável.

Segundo Anders Fredriksson, vice-presidente da Sekab, a tarifa de importação do álcool combustível, neste caso, é diferenciada, de ? 0,03 euros por litro, uma vez que o álcool anidro é misturado à gasolina nos portos europeus.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf e Lauro Mattei

Assistentes de Pesquisa

Karina Kato e Silvia Zimmermann

Secretária

Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

CPDA Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda

Apoio



actionaid



Ministério do
Desenvolvimento Agrário

